

SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)



SOCIEDADE E CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

CARLOS ANTONIO DE SOUZA MORAES
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S678 Sociedade e condição humana na modernidade [recurso eletrônico] /
Organizador Carlos Antonio de Souza Moraes. – Ponta Grossa,
PR: Atena Editora, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-964-6
 DOI 10.22533/at.ed.646202401

1. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Moraes, Carlos Antonio de Souza.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Obra “Sociedade e Condição Humana na Modernidade” objetiva promover o debate científico através de problematizações que integram seus onze capítulos. De forma geral, apresenta reflexões referentes as transformações societárias contemporâneas, sob a égide do capitalismo e, seus impactos sociais, particularmente, na qualidade de vida a partir do trabalho, na relação com as mídias digitais, com as campanhas publicitárias, do homem com o meio ambiente, no campo da educação e no tratamento do Alzheimer.

Tais pesquisas foram desenvolvidas em instituições de ensino de diferentes regiões do Brasil e apresentam análises pautadas em relevância acadêmica e impacto social. Para sua construção, metodologicamente, os autores recorreram, predominantemente a estudos bibliográficos, a fim de contribuir para descortinar aparências e fundamentar os conhecimentos daqueles que se interessam pelos temas ora apresentados que, por sua vez, foram categorizados em 05 blocos, a saber:

O primeiro, compreendido entre o capítulo 01 e 03, problematiza as transformações contemporâneas do capital, o mal-estar social e o trabalho como garantia de qualidade de vida, realização de necessidades e satisfação pessoal e profissional; O segundo, organizado entre os capítulos 04 e 05 aborda temas vinculados a relação do homem com o meio ambiente, bem como, analisa as diferentes formas de tratamento de afluentes domésticos; Posteriormente, o bloco 03, discute, entre os capítulos 06 e 07, as principais tendências pedagógicas e suas características. Além disso, problematiza o modelo escolar ocidental de formação, refletindo a respeito da escola contemporânea e seus mecanismos de atuação; O bloco 04, entre os capítulos 08 e 10, recorre inicialmente, ao filme “Lavoura Arcaica” (Luís Fernando Carvalho, 2001), construindo análise fílmica, literária e de linguagem historiográfica. Posteriormente, analisa como a ideia de nostalgia midiática é explorada nos meios de informação. Além disso, destaca o poder de influência dos dispositivos midiáticos na erotização dos corpos femininos. Nesta perspectiva, analisa a objetivação dos sujeitos femininos como meros produtos de consumo em uma sociedade patriarcal, sexista, machista e heteronormativa. No bloco 5, o capítulo 11 finaliza abordando a importância da musicoterapia utilizada como recurso terapêutico para o tratamento de pacientes com Alzheimer.

Diante disso, o livro acessado pelo leitor, apresenta problematizações que contribuem para repensar o tempo presente na direção de construção de uma sociedade menos adoecida e desigual, que valoriza o humano na sua condição de dignidade e reflexão crítica, promovendo possibilidades do leitor indagar-se sobre os

determinantes e significados dos temas ora descritos, elaborando nestes processos, outras perguntas de pesquisa.

Carlos Antonio de Souza Moraes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O FETICHE DO CAPITAL E O REENCANTAMENTO DO MUNDO	
Marcus Baccega	
DOI 10.22533/at.ed.6462024011	
CAPÍTULO 2	16
AS CONSEQUÊNCIAS DA MODERNIDADE: OS “LÍQUIDOS” E A SOCIEDADE DE CONSUMIDORES	
Natalia Maria Casagrande	
Janaina de Oliveira	
Diego José Casagrande	
DOI 10.22533/at.ed.6462024012	
CAPÍTULO 3	28
QUALIDADE DE VIDA: O IMPACTO NA RELAÇÃO HOMEM-TRABALHO	
Rosineia Oliveira dos Santos	
Luís Fernando Ferreira de Araújo	
Edmilson Augusto de Lima	
Arnaldo Silva Santana Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.6462024013	
CAPÍTULO 4	49
ECOSOFIA AMBIENTAL E A RELAÇÃO DO HOMEM E A NATUREZA NA SOCIEDADE MODERNA	
Kellison Lima Cavalcante	
DOI 10.22533/at.ed.6462024014	
CAPÍTULO 5	58
ANÁLISE DA EFICIÊNCIA DO TRATAMENTO DE ESGOTO POR ZONA DE RAÍZES NA REMOÇÃO DE NUTRIENTES	
Elsa Daiana Correa Morel	
Otávio Augusto Barbosa	
Henrique Correa da Silva	
Rafael Rick Niklevicz	
Patricia Biondo	
Guilherme Migliorini	
DOI 10.22533/at.ed.6462024015	
CAPÍTULO 6	64
TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Aracéli Girardi	
DOI 10.22533/at.ed.6462024016	

CAPÍTULO 7	77
O PONTO DE VISTA DA ANIMALIDADE E OS PODERES ATUAIS DA ESCOLA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A ÉTICA DA PROFANAÇÃO DE GIORGIO AGAMBEN	
Filipe Kamargo de Santana	
DOI 10.22533/at.ed.6462024017	
CAPÍTULO 8	89
O TEMPO E A HISTÓRIA NA OBRA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
Matheus Silva Falcão Renata Brauner Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.6462024018	
CAPÍTULO 9	103
A NOSTALGIA NAS MÍDIAS DIGITAIS: UMA BREVE ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS DO CANAL VIVA	
Bruno Vieira Leonel	
DOI 10.22533/at.ed.6462024019	
CAPÍTULO 10	115
CORPOS, EROTISMO E BIOPODER: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DA CERVEJA DEVASSA DE PARIS HILTON E SANDY	
Lília Batista da Conceição	
DOI 10.22533/at.ed.64620240110	
CAPÍTULO 11	124
A INFLUÊNCIA DA MUSICOTERAPIA NO TRATAMENTO DE DOENÇA DE ALZHEIMER	
Denise Henrique da Silva Luís Sérgio Sardinha Fábio Guedes de Souza Valdir de Aquino Lemos	
DOI 10.22533/at.ed.64620240111	
SOBRE O ORGANIZADOR	133
ÍNDICE REMISSIVO	134

O FETICHE DO CAPITAL E O REENCANTAMENTO DO MUNDO

Data de aceite: 17/01/2020

Marcus Baccega
DEHIS/PPGHIS-UFMA.

*Para Renato Dias de Sousa, o querido Dinho,
Que entendeu a Palavra e, sem a pronunciar,
Ama os mais pobres como Cristo.*

RESUMO: Este breve ensaio pretende problematizar, à luz da filosofia materialista-dialética com fortes notas teológicas de Walter Benjamin (1892-1940), a condição do Capitalismo como religião. O intuito maior será analisar, no contexto de multiplicação exponencial das Igrejas cristãs no Brasil, as relações que se instauram entre *religião* e a forma histórica *mercadoria* no modo de produção capitalista. Retoma-se aqui, desta maneira, o percurso intelectual de Benjamin, em seu diálogo com a Sociologia Compreensiva de Max Weber, o Materialismo Histórico de Karl Marx e Friedrich Engels e a tradição mística judaico-cristã. Propõe-se, por fim, a possibilidade de interpretação do fetiche do Capital como nexos interno da liturgia ininterrupta da religião capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Walter Benjamin; Capitalismo; Religião; Fetiche.

WALTER BENJAMIN E O CAPITALISMO COMO RELIGIÃO

ABSTRACT: This brief paper aims at casting doubt on the religious condition of Capitalism in the light of Walter Benjamin's (1892-1940) Dialectic Materialism endowed with theological marks. The greatest target shall be analysing the relationship between *religion* and the historical form called *ware* in the capitalist mode of production, within the context of Christian churches exponential multiplication. Therefore, we recover the intellectual pathway accomplished by Benjamin, in its dialogue with Max Weber's Comprehensive Sociology, Karl Marx's Historical Materialism and Jewish-Christian mystical tradition. Finally, we propose an interpretative possibility regarding the fetish of Capital as the inner nexus of the everlasting liturgy of capitalist religion.

KEYWORDS: Walter Benjamin; Capitalism; Religion; Fetish.

INTRODUÇÃO

As relações histórico-simbólicas entre os processos de formação do Protestantismo Clássico, a partir dos movimentos múltiplos e diversos das Reforma Protestantes deflagrada no século XVI e vocacionadas a tornar-se um fenômeno de longa duração histórica

(Fernand Braudel), e a ética do Capitalismo como cultura econômica e política, foram classicamente estudadas e dissecadas pelo paradigma compreensivo da sociologia de Max Weber. Com efeito, *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, nas duas edições de 1905 e 1920, é uma obra seminal do ponto de vista de uma História da Cultura, que instaura uma fértil análise do imaginário capitalista (*Gesinnung des Kapitalismus*), de seu “*Geist*”. Weber percebe, na gesta longa e multifacetada do “Espírito” do Capitalismo, um processo histórico condicionado – mas não determinado – pela Reforma Calvinista¹, portadora (*Träger*) de uma efetiva ruptura com o *ethos* sacramental das formas de expressão “religiosa”² da Idade Média.

Este percurso de formação de um *ethos* do Capitalismo – vale dizer, de uma ética intramundana secularizada e voltada para aquilo que Karl Marx designa por acumulação originária de capital (capítulo 24 do Tomo I, *Die Sogennante Ursprüngliche Akkumulation*, de *O Capital – Crítica da Economia Política/Das Kapital – Kritik der politischen Ökonomie*, 1862) – parece-nos a metonímia perfeita de um movimento macro-histórico gradual e progressivo de *desencantamento do mundo* (*Entzauberung der Welt*). Sobre tal processo discorre Max Weber no Capítulo V da Segunda Parte do Tomo I de *Economia e Sociedade* (*Wirtschaft und Gesellschaft*, 1920), dedicado à Sociologia das Religiões e aos tipos de “comunitarização” (*Vergemeinschaftlichung*) regidos pelo fenômeno religioso (WEBER, 2013: 380).

Faz-se sempre oportuno explicitar e insistir que o desencantamento do mundo na Modernidade capitalista não implicou, de forma alguma, a extinção do fenômeno religioso ou a erosão de seu potencial como explicação do mundo e instância de produção social de verdades e narrativas identitárias. A Modernidade, todavia, foi o *locus* histórico, no Ocidente, da fragmentação da totalidade ético-gnosiológica da teologia cristã medieval, em sentido mais amplo, seu próprio imaginário macrossocial. Tal movimento histórico-dialético cinde a totalidade em esferas de valor autônomas, cada qual regida por uma legalidade própria.

Ao analisar tal processo, Max Weber ressalta como esse desencantamento do mundo aprisionaria os homens na ausência de sentido e profundidade de uma razão técnica, uma racionalidade operacional que relacionava meios e fins por nexos de

1 Impõe-se frisar que há uma distinção notória entre as formulações de João Calvino, ele mesmo, em suas *Institutas da Religião Cristã* (1536), e seus círculos sucessivos de prosélitos em Genebra. Nos dois últimos capítulos da mencionada obra, ainda se encontram instruções litúrgicas para a administração dos sacramentos. Os mesmos seriam considerados fórmulas mágico-heréticas de credices, inaceitáveis teologicamente. Tal tendência fortaleceu-se muito com a denominada “Neoescolástica” Calvinista, sobretudo presbiteriana, ao longo do último quartel do século XVI e boa parte do século XVII. Da mesma forma, Calvino nunca exerceu, formalmente – apesar de, sim, moral e teologicamente – qualquer função administrativa no Consistório que governava Genebra. Cf. DIAS, Zwinglio Mota. **Discussão sobre a Igreja**. Petrópolis: Editora Vozes: 1975.

2 As aspas aqui empregadas devem-se a nossa concordância com as ponderações do historiador francês Alain Guerreau, que, em sua célebre obra *Feudalismo: um horizonte teórico* (1984), salienta que só é possível pensar em uma esfera própria da religião, bem como da economia política, distintas da Teologia e regidas por lógicas próprias, a partir da Dupla Fratura Conceitual instaurada pelas Revoluções Burguesas da segunda metade do século XVIII.

causalidade. Bastante adequada, vale assinalar, à acumulação de capital e, no ápice do processo, à autorreprodução do sistema capitalista. Esta inferência de Weber repercutiria, sem dúvida, entre os pensadores do campo marxista, notadamente da Escola de Frankfurt, com a ideia de uma razão instrumental advinda dos desvios contraditórios do próprio Iluminismo, bem como na extensa obra de Antonio Gramsci.

Weber concebe os homens do Ocidente como sujeitos prisioneiros de um *stahlhartes Gehäuse der Hörigkeit* – em uma tradução literal, preferível àquela proposta por Talcott Parsons, tradutor das obras de Weber para o inglês, em 1932, *iron cage* – “o habitáculo de servidão duro como aço”, a um só tempo prisão dos sentidos históricos e condição existencial concreta dos homens na Modernidade capitalista (WEBER, 2005: 160). Qual seria, então, a via de emancipação do *Geist* no ocaso do processo moderno? Para Weber, trata-se, precisamente, de um contra-movimento de reencantamento do mundo, por meio do restabelecimento de uma dominação política de tipo carismático, centrada na anunciação e acreditação coletiva de uma personalidade messiânica.

O cenário religioso cristão do Brasil hodierno apresenta, como sabemos todos, uma miríade de credos, denominações eclesiais e doutrinas autorrepresentadas como *cristãs* e acolhedoras da *Palavra Revelada*. O quadro abrange desde os protestantes ditos históricos, surgidos a partir das Reformas Protestantes iniciadas em 1517, como luteranos, calvinistas (puritanos e, em maior número, presbiterianos) e anglicanos, bem como movimentos teológicos fundadores de Igrejas mais recentes, como os metodistas, batistas, assembleístas e congregacionais (Pentecostalismo clássico), as ditas Igrejas neopentecostais, como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) e a Igreja Universal do Reino de Deus (1977). A esta intrigante plêiade, acrescem-se as tradicionais Igreja Católica Apostólica Romana e os distintos segmentos da Igreja Católica Ortodoxa Greco-Russa, constituída a partir do Grande Cisma de 1054.

Longe de exaurirem seu raio de ação na esfera privada da religião, distinta, a princípio, da esfera pública da política laica e da produção econômica em virtude do processo de laicização ou secularização moderno, muitas destas denominações religiosas unem-se a partidos políticos e bancadas parlamentares para viabilizar seu projeto político-doutrinal quanto à moldura da sociedade como um todo.

Há algo, portanto, no Capitalismo, que não se consegue suficientemente explicar por meio do conceito, todavia muito operacional e elucidativo, de *desencantamento do mundo*, tema retomado pelo filósofo político francês contemporâneo Michel Gauchet, em 1985. Com efeito, em seu *Désenchantement du Monde* (1985), Gauchet contrapõe-se aos cursos coevos de Michel Foucault, no *Collège de France*, que já acenavam para sua célebre hipótese de constituição de um Biopoder e de uma Biopolítica. Trata-se aqui de três sequências de aulas públicas, que deram origem às

obras *Vigiar e Punir* (1975), *Em defesa da Sociedade* (1976) e *Segurança, Território e População* (1978).

Será que a Modernidade esteve, em algum momento, desencantada mesmo? Ou a predição de Weber sobre um reencantamento carismático do mundo estaria, efetivamente, tomando corpo? Qual é, enfim, a relação entre Capitalismo e religião no Brasil da atualidade?

WALTER BENJAMIN E O CAPITALISMO COMO RELIGIÃO

Em um texto de 1921 – breve e brilhante como as *Teses sobre o Conceito de História* (*Über den Begriff der Geschichte*), que escreveria em 1940 – o filósofo da História judeu-alemão Walter Benjamin lança uma provocação, tanto à sociologia-história compreensiva de Max Weber quanto à psicanálise de Sigmund Freud. Trata-se de *Capitalismo como Religião* (*Kapitalismus als Religion*), ainda pouco lido entre nós.

O panorama da multiplicação – como tendência sem termo final visível – das denominações cristãs no Brasil suscita-nos revisitar a primeira sentença de *O Capital – Crítica da Economia Política*:

A riqueza das sociedades, nas quais domina o modo de produção capitalista, aparece como uma “monstruosa coleção de mercadorias”, a própria mercadoria como sua forma elementar. Nosso exame se inicia, por isso, com a análise da mercadoria (MARX, 2005: 49) (tradução nossa)³.

Qual o enigma a unir a religião e a forma histórica *mercadoria*, algo que parece acontecer no Brasil de nossos dias (e não somente nele)? Dialogando com a clássica interpretação de Weber acerca da relação indireta, mas decisiva, entre a doutrina reformada calvinista e o *ethos* do Capitalismo, Walter Benjamin propõe uma tese audaz.

É de se divisar uma religião no Capitalismo, ou seja, o Capitalismo serve, essencialmente, à satisfação das mesmas preocupações, tormentas, inquietações, às quais as chamadas religiões, outrora, davam resposta. A evidência desta estrutura religiosa do Capitalismo, não apenas como de um quadro condicionado religiosamente, como quer dizer Weber, mas como de um fenômeno essencialmente religioso, ainda hoje nos conduziria ao equívoco de uma imensurável polêmica universal (BENJAMIN, 1991: 100) (tradução nossa)⁴.

3 *Der Reichtum der Gesellschaften, in welchen kapitalistische Produktionsweise herrscht, erscheint als eine “ungeheure Warensammlung”, die einzelne Ware als seine Elementarform. Unsere Untersuchung beginnt daher mit der Analyse der Ware.*

4 *Im Kapitalismus ist eine Religion zu erblicken, d.h. der Kapitalismus dient essentiell der Befriedigung derselben Sorgen, Qualen, Unruhen, auf die ehemals die sogenannten Religionen Antwort gaben. Der Nachweis dieser religiösen Struktur des Kapitalismus, nicht nur, wie Weber meint, als eines religiös bedingten Gebildes, sondern als einer essentiell religiösen Erscheinung, würde heute noch auf den Abweg einer maßlosen Universalpolemik führen.*

Convém aqui assinalar que o “Espírito” do Capitalismo se fundamenta, para Weber, em um processo de destranscendentalização da ascese. Como discorre ao final de *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*, o ideal ascético medieval, a *vita contemplativa* mística do anacoreta solitário, também conhecida como *devotio antiqua*, seja em sua cela, seja na floresta ou nos ermos de seu eremitério, sofre uma profunda ressignificação.

O puritano *queria* ser um homem de profissão, nós *precisamos* sê-lo. Pois, enquanto a ascese saiu das celas dos monges e foi transposta para a vida profissional, e começou a dominar os hábitos intramundanos, ajudou, de sua parte, a edificar a ordem econômica daquele poderoso cosmo dos modernos, vinculada aos pressupostos técnicos e econômicos da produção mecânico-maquinal; [esse cosmo] hoje determina, e talvez determinará, com esmagadora coerção, o estilo de vida de todos aqueles que forem nascidos no interior desta força motriz – não apenas a atividade econômica – até que se tenha exaurido a última centelha de combustível fóssil” (WEBER, 2005: 59-60) (tradução nossa) (itálicos no texto original).⁵

Com efeito, Benjamin concordará, substancialmente, com a lição do mestre de Heidelberg, na verdade também grande historiador, mas sempre autorreferido como “economista”, à penetração radical e ubíqua do *ethos* capitalista no “estilo de vida, não apenas econômico” dos homens que nascerem sob a égide desta força motriz subjugadora. Há, para o filósofo da História místico-marxista de Frankfurt, três atributos reconhecíveis que “estão na essência deste movimento religioso, que é o Capitalismo” (BENJAMIN, 1991: 100).⁶

Em primeiro lugar, trata-se de uma “religião puramente cultural, talvez a mais extrema que já tenha existido” (BENJAMIN, 1991: 100).⁷ Este predicado cultural vê-se fortalecido pelo fato de que o culto, no Capitalismo, desconhece qualquer Dogmática ou formulação teológica. No fundo, desta maneira, o utilitarismo tecnoinstrumental e individualista, o “*Geist*” dos tardo-modernos por excelência, adquire sua condição religiosa. Um segundo móvel mental do Capitalismo, relacionado à concreção não mediada de seu culto, reside na duração permanente da “celebração sem sonho e sem piedade” (BENJAMIN, 1991: 101)⁸ que o singulariza, sem qualquer distinção, que é própria às religiões que o Ocidente vivenciou, entre dias santificados e dias de trabalho, “dias da semana” (*Wochentage*) e “dias de festa” (*Festtage*). Absolutamente

5 *Der Puritaner wollte Berufsmensch sein, wir müssen es sein. Denn indem die Askese aus den Mönchszellen in das Berufsleben übertragen wurde, und die innerweltliche Sittlichkeit zu beherrschen begann, half sie an ihrem Teil mit daran, jenen mächtigen Kosmos der modernen, an die technischen und ökonomischen Voraussetzungen mechanisch-maschinelles Produktion gebundenen, Wirtschaftsordnung erbauen, der heute den Lebensstil aller einzelnen, die in dies Triebwerk hineingeboren werden – nicht nur der direkt ökonomisch Erwerbstätigkeit – mit überwältigendem Zwang bestimmt und vielleicht bestimmen wird, bis der letzte Zentner fossilen Brennstoff verglüht ist.*

6 *Es liegt im Wesen dieser religiösen Bewegung, welche der Kapitalismus ist.*

7 *Erstens ist der Kapitalismus eine reine Kultreligion, vielleicht die extremste, die es je gegeben hat.*

8 *Der Kapitalismus ist die Zelebrierung eines Kultes sans rève et sans merci. Es gibt da keinen “Wochentag”, keinen Tag der nicht Festtag in dem fürchterlichen Sinne der Entfaltung allen sakralen Pompes, der äußersten Anspannung des Verehrenden wäre.*

todos os dias, sem pausa ou recesso, são imolados a esta liturgia, composta de permanentes dias festivos “no mais terrível sentido do desdobramento de todas as pompas sacrais, [no sentido] da mais extrema tensão daquele que glorifica” (BENJAMIN, 1991: 101) (traduções nossas).

O terceiro atributo do Capitalismo enquanto religião é, na análise de Benjamin, uma terrível inversão da função social e psicológica das religiões até então existentes. Esse culto não redime ou absolve a culpa, mas insiste na mesma, endossa e intensifica ao mais alto grau a própria culpa de seus adoradores. Impende agora dar lugar à escrita do próprio filósofo judeu-alemão:

O Capitalismo é, presumivelmente, o primeiro caso de um culto não redentor, mas culpabilizador. Aqui o sistema da religião encontra-se na queda de um movimento monstruoso. Uma monstruosa consciência de culpa, que não sabe se redimir, agarra-se ao culto, para nele não expiá-la, mas torná-la universal, para martelá-la na consciência e, finalmente e acima de tudo, abarcar o próprio Deus nessa culpa para, ao fim, fazê-lo interessar-se, ele mesmo, pela redenção (BENJAMIN, 1991: 101) (tradução nossa).⁹

Em que “estado do mundo”, em que constelação de experiências e valores tal culto nos precipitará? Para Benjamin, a liturgia ininterrupta do Capitalismo como religião forja um modo inaudito de penitência, ou seja, suportar até o fim a própria culpabilização total de Deus e mesmo a desejar, esperar pelo estado do mundo assinalado pelo desespero (*Verzweiflung*). A consequência? Não poderia mesmo ser outra: a queda da transcendência de Deus (*Gottes Transzendenz ist gefallen*), não no sentido de que Deus esteja morto, como imaginava Friedrich Nietzsche, sendo que, muito ao contrário, ainda se inclui na sina dos homens (BENJAMIN, 1991: 101-102). A redenção apenas se pode esperar (*erwarten*), só se pode esperar-desejar (*hoffen*) quando da expansão (*Ausweitung*) do desespero, do despedaçar-se (*Zertrümmerung*) dos homens.

Todavia, há algo em Nietzsche a ser repensado. Trata-se do *Übermensch*, expressão usualmente traduzida como “super-homem”, que aparece no conhecido *Also Sprach Zarathustra (Assim Falou Zarathustra)*, escrito entre 1883 e 1885. Refere-se, em seu niilismo filosófico, ao ideal de Homem absolutamente emancipado de determinidades advindas da religião, sobretudo a cristã, o *anthropos* (άνθρωπος) autossuficiente, mito efabulado e decantado pela Modernidade, que adensa as veleidades universalizantes da Razão Iluminista. No fundo, este Homem imerso no Capitalismo – diremos, como um **modo de produção e de representação** da existência, em escala ampliada, tanto dos primeiros modernos como de nossos

9 *Der Kapitalismus ist vermutlich der erste Fall eines nicht entschuldigenden, sondern verschuldenden Kultus. Hierin steht dieses Religionssystem im Sturz einer ungeheuren Bewegung. Ein ungeheures Schuldbewußtsein das sich nicht zu entschuldigen weiß, greift zum Kultus, um in ihm diese Schuld nicht zu sühnen, sondern universal zu machen, dem Bewußtsein sie einzuhämmern und endlich und vor allem den Gott selbst in diese Schuld einzubegreifen, um endlich ihn selbst an der Entschuldigung zu interessieren.*

coetâneos – o *Übermensch* é o primeiro a confessadamente preencher os requisitos da inédita religião.

Ademais, o infindável culto do Capitalismo é celebrado para uma divindade imatura, que só pode ser interpelada pelos fieis no momento de ápice de sua culpabilização. Qualquer pensamento, qualquer ato de reflexão, desfere um ataque, um golpe, à maturidade desse deus (BENJAMIN, 1991: 102). Nas próprias palavras de Benjamin, este deus imaturo que é o Capital só poderá ser abordado por seus adoradores quando estiver, ele próprio, no desespero. Todavia, quando for possível àqueles esta horrenda “comunhão mística”, terão os homens percorrido longo caminho em extremo solipsismo, moral, social, intelectual.

O FETICHE DO CAPITAL: DA TÉCNICA À MAGIA

Mas qual é a engrenagem oculta desta liturgia da culpa, do desespero e da solidão existencial do *Übermensch*? Qual é, afinal, a fórmula do feitiço deste deus destranscendentalizado? Faz-se necessária uma incursão pela atmosfera nebulosa daquilo a que Marx se refere, com picardia, como “caprichos teológicos e mistérios metafísicos da mercadoria” (*Theologische Mucken und metaphysische Geheimnisse der Ware*).

A resposta parece residir, como percebera o economista Isaak Rubin, em *Teoria Marxista do Valor* (1928), justamente nessa metáfora, antes uma teologia do Capital, sendo que Rubin enfatiza a relevância, e mesmo a centralidade, da seção IV do Capítulo 1 do Tomo I de *O Capital* para a Teoria do Valor no pensamento de Marx. Não se trata de um mero apenso filosófico a uma teoria econômica, tal como interpretado pelo marxismo vulgar. A obra de Marx é, sobretudo, uma crítica filosófica à Economia Política (RUBIN, 1987: 18).

Impõe-se aqui a advertência de que Marx compreende por *Economia Política* não a produção de bens econômicos ou algo restritivo deste gênero, mas sim, como afirma no Prefácio de *Para a Crítica da Economia Política* (1859), a ossatura mesma das formações sociais históricas, o conjunto multifário que Hegel denominava *Sociedade Civil*. Vale ressaltar que a maneira como Marx, à luz dos liberais clássicos, sobretudo o escocês Adam Smith (1723-1790) e o judeu-inglês David Ricardo (1772-1823), compreende a categoria teórico-prática *economia* aproxima-se muito mais de sua verdadeira etimologia que as nossas atuais e restritivas noções.

Com efeito, economia é uma palavra compósita, advinda de dois étimos, *oíkos* (casa) e *vóμος* (norma), o que aponta, como **categoria**, para existência mesma das sociedades humanas, um modo de ser dos homens, não sendo um conceito abstrato *a posteriori*. Nesta seção IV, Livro 1, Tomo I, Marx discorre sobre a noção de fetiche do Capital. Literalmente, este é o *feitiço* do Capitalismo como religião.

Com efeito, no modo de produção capitalista, as relações materiais e sociais de produção são ocultas por uma entidade não viva, produto fenecido do trabalho vivo, objetivado na materialidade de seu *Dasein* inanimado, que se nutre, à maneira de um vampiro, da vitalidade criativa e da energia humana expressas enquanto trabalho (BACCEGA, 2008: 9-10). O Capital aliena o trabalho humano, e não apenas na medida em que as relações de produção vigentes entre os proprietários privados dos meios de produção e os trabalhadores reduzem esses últimos à condição de fator de produção, de força de trabalho viva. Tais relações também definem, juridicamente, sob o véu das relações contratuais próprias ao Liberalismo Econômico, que os produtos do trabalho pertencem ao proprietário do capital. Mas ainda não está aqui o cerne do mistério.

O Capital se reinventa, nesta religião capitalista, como sujeito central dessas relações de produção, ao qual se predicam potencialidades e atributos de um ser autônomo, dotado de vontade, o que implica, por evidente, sua mistificação ou fetichização. Não é incorreto afirmar, desta forma, que *Moloch*, personagem mitológica amonita a quem os homens deveriam diuturnamente ofertar dádivas e sacrifícios, até o consumo de si próprios pelo deus, será a forma fetichizada ou mistificada do Capital. Portanto, é o invólucro ideológico por meio do qual o mesmo se **apresenta** e se **representa**, no mesmo movimento, para a consciência dos homens (*vorstellen*) (BACCEGA, 2008: 10).

Neste momento, convém asseverar que, para Marx, a consciência humana apreende o objeto tal como o mesmo se apresenta ou aparece no real das relações sociais concretas (*erscheinen*), não operando distorções ante o real. Não por acaso, na segunda das *Teses sobre Feuerbach* (1845), Marx assevera que a questão da objetividade do conhecimento humano é de ordem teórico-prática e que sua verdade é definida pela *praxis* histórica. Cabe a observação de que, em alemão, as palavras *prática* e *práxis* coincidem no significante – *die Praxis* – induzindo o incauto a traduzir e repetir, a não mais poder, que “a prática é o critério da verdade”. Nada mais falso, em se tratando do pensamento de dialético e concreto de Marx, para o qual – à maneira de Heráclito de Éfeso – o ser é movimento permanente, autoconstrução histórica de si mesmo. A *praxis*, como forma **concreta** de comportar-se dos homens, implica pensar e agir simultaneamente, em movência infinita, erigindo **verdades históricas praxeológicas ou teórico-práticas**, e não “práticas”.

Se o Capital efetivamente ostenta a condição mágico-fetichista de um ser dotado de subjetividade e controle sobre as relações de produção e circulação dos produtos materiais do trabalho humano, se, portanto, o Capital **parece** (*scheinen*) autônomo diante das relações materiais de produção, do trabalho daqueles que o fabricam, alienando sua força de trabalho, tal se dá porque a **inversão** (*Verkehrung*) ocorre no próprio real histórico.

Como pondera Jorge Grespan, o Capital, enquanto objeto de análise de Marx, apesar de sujeito vampírico das relações sociais de produção reificadas, não é um sujeito autoconsciente, seja de seu poder de realização, ou de sua ínsita racionalidade. As mesmas devem ser desveladas como nexos internos, vez que o movimento efetivamente real do objeto não consciente de si pode ocorrer sob formas que invertam e eclipsam sua condição de totalidade autocontraditória. Essa última precisa, necessariamente, ser analisada por meio do método dialético (GRESPLAN, 1999: 27).

Marx estrutura seu discurso acerca da mistificação da mercadoria, bem como de outras formas pelas quais o Capital se **apresenta** (*darstellen*) nas esferas da produção, circulação e consumo, recorrendo ao vocábulo *Fetischismus*, que o idioma alemão recepcionou do vocábulo português *feitiço*. O termo *fetichismo* viu-se registrado em português, de forma inaugural, em 1858, significando o culto de objetos que se supõem possuidores de poderes mágicos ou sobrenaturais (BACCEGA, 2008: 11).

Erich Fromm (1900-1980), psicanalista vinculado à Escola de Frankfurt, assinala, em *Das Menschenbild bei Marx* (com tradução portuguesa adaptada para *O conceito marxista de homem*), de 1961, qual a primeira forma de representação do fenômeno da alienação. Trata-se da externalização (*Entäußerung*) do ser humano em relação a si próprio, na tradição cultural e filosófica recebida pelo Ocidente, que ocorre na compilação do Antigo Testamento, quando se condena a adoração de ídolos. (FROMM, 1961: 49).

Para a antropologia filosófica de Marx, justamente, a hominização é o criar e recriar a si próprio nessa instância relacional que é o trabalho gerador de riquezas. Os homens **conhecem** e **reconhecem** a si mesmos, constituindo significados culturais, nos produtos objetivados de seu processo ontológico de metabolismo (*Stoffwechsel*) com a natureza, o trabalho. A partir de uma prévia ideação mental, os homens transformam e hominizam a natureza, ao mesmo tempo em que transformam e ressignificam a si mesmos neste processo, como se pode ler em *A Ideologia Alemã/ Die Deutsche Ideologie* (1945), de Marx e Friedrich Engels.

Não por acaso, afirmam esses autores que o mais inábil de todos os artesãos será, sempre, infinitamente mais sofisticado, complexo e perfeito que abelhas que erigem suas colmeias em formatos perfeitos de hexágonos tridimensionais. O ato criativo humano também supera sempre e necessariamente a teia que uma aranha vier a urdir com perfeita simetria. Abelhas e aranhas, como também formigas, cupins e outras espécies sociais, agem por instinto geneticamente determinado. Seres humanos, mesmo o mais medíocre e descoordenado artesão, arquitetam intelectualmente um projeto, uma ação transformadora sobre a natureza originária (*Formwechsell/metamorfose*).

Há uma prévia concepção ideal, uma prévia ideação ao nível das consciências. Ademais, na antropologia filosófica de Marx, os homens reconhecem sua humanidade e identidade a partir de sua projeção sobre os objetos por eles construídos, que são unidade sintética entre a natureza original, a matéria-prima original, e os conhecimentos, técnicas, habilidades e vivências humanas socialmente constituídas. A transformação primeira das matérias-primas em formas culturalmente concebidas, *Formwechsel* (**metamorfose**), dialeticamente implica a transformação da condição humana, ensejando novos graus de hominização e transmutação da consciência, a partir de novos conhecimentos experimentados e novas necessidades ideais (*Phantasie*) despertadas pelos objetos sintetizados no trabalho.

Dá-se, então, lugar ao *Stoffwechsel* (**metabolismo**), alteração da substância, tanto dos homens quanto da natureza. A esse resultado, ao **construído** em oposição ao **dado** (natural), a Filosofia alemã oitocentista referia-se com o termo *Kultur*. É por tal ordem de considerações que urge (re)ler *A Ideologia Alemã* em uma chave que consiga ultrapassar o nível primário das querelas de Marx e Engels com relação a outros jovens hegelianos de esquerda, como Bruno Bauer, ou ao anarquismo de Max Stirner. É tempo de vislumbrar sua autêntica condição de um Tratado Crítico de Epistemologia e Antropologia Filosófica.

No entanto, o feitiço reversor, o encantamento lançado pelo fetiche do Capital faz com que os homens se divorciem de si mesmos, fenômeno muito bem denotado pela palavra alemã *Entfremdung*. Como já exposto, para Fromm, a condenação profética aos ídolos referidos pela tradição veterotestamentária consigna a primeira percepção do fenômeno da mistificação ou do fetiche. Fromm, seguindo a trilha dos profetas, pensa nos deuses (os *baalim*) encarnados em objetos materiais, inanimados, produtos das próprias mãos humanas. Os homens lhes predicam virtudes taumatúrgicas e solicitam prodígios ou benfeitorias. Nenhum deles, todavia, consegue equiparar-se ao “Moloch dos tempos modernos”, descrito por Marx, em sua gesta, no Capítulo 24 do Tomo I de *O Capital* (BACCEGA, 2008: 12-13).

Enfim, a inversão que se dá no real da práxis dos homens na religião do Capitalismo é um feitiço de graves consequências. Os homens tornam-se instâncias de elocução reificadas dos verdadeiros sujeitos das relações sociais, ou seja, as mercadorias. Por uma misteriosa ironia da História, a religião do Capitalismo reduz toda a fenomenologia do humano à antiga definição de **escravo** presente ao *Digestum* ou *Pandectas*, a compilação doutrinal de juriconsultos do Direito Romano Clássico (República e Principado) componente do *Corpus Iuris Civilis* do Imperador Justiniano (527-565). Com efeito, atribui-se ao *Praefectus Praetorum* Eneo Domício Ulpiano (m. 228 d.C.), membro destacado da chancelaria do Imperador Caracala, a concepção do *servus* como *instrumentum vocale*, o instrumento dotado de voz (D. IX.2.2.2), aludindo a uma sentença do *grammaticus* e *rhetor* Varrão.

TEATRO DA FÉ DO CAPITAL

Ao perceber que a religião do Capitalismo é uma liturgia cultural ininterrupta, que não traz a expiação da culpa, mas a universaliza até o ápice de incluir e culpabilizar o próprio deus, Walter Benjamin resgata e analisa, em pormenores, exatamente a fórmula mágica do feiticeiro *Moloch*.

Articulando os pensamentos de Marx e Weber, o filósofo judeu-alemão atrai nossa atenção para um campo da ação social – e vale aqui lembrar a ideia de sociedade como contínua tensão latente entre ação e estrutura – definição proposta por Talcott Parsons em *Ação e Estrutura* (1935) – ainda insólita para muitos historiadores. Trata-se do campo da religião e da ideia – weberiano-marxista, à maneira de Michael Löwy (por quê não?) – de um regime de reencantamento do mundo pela dominação carismática, mas não por meio de um messias ou profeta humano, e sim do Capital.

Se pudermos aventar uma problematização conjugada das teses de Benjamin e Weber à luz da filosofia de Marx, tal regime fetichista de reencantamento do mundo poderá ser melhor dissecado. Trata-se aqui, no fundo, também de um exercício de desconstrução teórica de uma antinomia artificial e inflexível, fabricada por certa *intelligentsia* que insiste, de modo tenaz, em negar o movimento dialético do pensar, tornando a Sociologia Compreensiva incompatível com o Materialismo Histórico. Convém ressaltar, para os propósitos deste texto, que Marx nunca foi economista, mas um filósofo da totalidade que consagra uma crítica da economia política e da centralidade do Capital nas formações sociais contemporâneas. E o faz, é oportuno que se insista sempre, por meio de um saber de totalidade, a um só tempo ciência da natureza e da cultura em suas relações de negatividade dialética por meio do trabalho humano. Seu nome é História.

Novamente, na seção 4 do Capítulo 1 do Tomo I de *O Capital*, Marx tece considerações sobre o fetiche da mercadoria no Capitalismo, com palavras nada menos que impactantes para os cultores das vulgatas “marxistas” e os críticos que assim vislumbram a pretensa produção teórica do pensador oitocentista. E o faz sob o título “O caráter de fetiche da mercadoria e seu mistério/segredo” (observando-se que, em alemão, existe uma única palavra abrangendo ambas as possibilidades: *Der Fetischcharakter der Ware und ihre Geheimnisse*), como já nos referimos.

Impende, neste momento, deter-nos no exame atento de uma frase central, reveladora das razões de se precisar adentrar “a região nebulosa do mundo da religião” (*Um daher ein Gleichnis zu finden, müssen wir in die Nebelregion der religiösen Welt flüchten*) (MARX, 2000: 66). Ao relacionar as duas instâncias retroimplicativas da totalidade, produção e representação – hoje diríamos, no lastro da Nova História Cultural, “práticas e representações” – Marx aplica tal raciocínio para concluir, sobre

o modo de produção capitalista enquanto totalidade, que:

O misterioso/secreto da forma mercadoria consiste, assim, simplesmente, em que ela retrorreflete para os homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos produtos mesmos do trabalho, como propriedades naturais destas coisas; também, por conseguinte, a relação social dos produtores com o trabalho coletivo como uma relação social existente externamente a eles, [uma relação social] entre objetos. Por meio deste *quid pro quo* os produtos do trabalho se transformam em mercadorias, coisas sensivelmente ultrasensíveis, ou coisas sociais (MARX, 2000: 66) (tradução nossa).¹⁰

Disto decorre o “capricho teológico” inscrito na forma mercadoria: inverter, como por um encantamento macabro, as relações entre homens para relações sociais entre coisas, vale insistir, pessoas que se reificam pelo fetiche e se convertem em títeres do sujeito social por excelência, o Capital, em seu percurso de *Dasein* inanimado. Portanto, um pensamento filosófico que pretenda, no lastro da fenomenologia hegeliana, atuar a dissecação das contradições da Modernidade deve focar, necessariamente, o *logos* de suas formações sociais. Por certo o mesmo se encontra no modo de produção pelo qual o Capital, por meio do fetiche, se faz soberano.

Por esta razão, é uma filosofia de totalidade e dialética que deve investigar a ossatura e a ortopedia sociais, refletir sobre a Economia Política como campo, por excelência, das “Ciências do Espírito” (*Geisteswissenschaften*) à maneira hegeliana, ou “Ciências da Cultura” (*Kulturwissenschaften*) para os neokantianos da Escola de Baden. Convém assinalar, com Michel Foucault, que o século XIX somente conheceria a institucionalização universitária das Ciências Humanas em seu ocaso, sendo a História, justamente, a última delas.

Afirma Foucault, pensando a arqueologia das Ciências Humanas em comparação e complemento com a genealogia das formas de poder que as engendraram, que as Ciências Humanas oitocentistas advieram da convergência de três modelos de inquirição científica consignados ao longo dos séculos XVII e XVIII: a Economia Política, a Biologia e a Filologia. Eis a necessidade, à época de Marx, de direcionar a Filosofia para o circuito econômico, uma vez que esse autor percebe, com agudez, a centralidade e o quase solipsismo do *Homo oeconomicus* na Modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que, finalmente, devem os historiadores intervir neste debate, já há tempos acalentando por outros cientistas sociais, principalmente sociólogos e antropólogos,

¹⁰ Das Geheimnisvolle der Warenform besteht also einfach darin, daß sie den Menschen die gesellschaftlichen Charaktere ihrer eigenen Arbeit als gegenständliche Charaktere der Arbeitsprodukte selbst, als gesellschaftliche Natureigenschaften dieser Dinge zurückspiegelt, daher auch das gesellschaftliche Verhältnis der Prozedenten zur Gesamtarbeit als ein außer ihnen existierendes gesellschaftliches Verhältnis von Gegenständen. Durch dieses *quid pro quo* werden die Arbeitsprodukte Waren, sinnlich übersinnliche oder gesellschaftliche Dinge.

sem falar do debate filosófico em torno da Metafísica e da Filosofia da Religião? A resposta parece não estar apenas na ideia de Marc Bloch acerca de uma História-Problema a partir de indagações do presente (*Apologia da História ou Ofício de Historiador*, 1944), ou mesmo somente em uma História do Tempo Presente. Concedamos, mais uma e derradeira vez, a voz a Benjamin, na Tese VI sobre o Conceito de História (1940):

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele, pois, de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. Para o Materialismo Histórico, trata-se de fixar uma imagem do passado, como ela se apresenta, no momento do perigo, ao sujeito histórico, inesperadamente. O perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é um e o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, deve-se tentar, novamente, tomar a tradição ao conformismo, que está prestes a apoderar-se dela. Pois o Messias não vem apenas como salvador; ele vem também como o vencedor do Anticristo. Credita-se o dom de despertar no passado as centelhas da esperança apenas ao historiógrafo penetrado pela convicção de que também os mortos não estarão em segurança, se o Inimigo vencer. E esse Inimigo não tem cessado de vencer (tradução nossa).¹¹

Esta tese também faz sentido para quantos desejarem articular o presente de modo histórico. Em nossos dias, o Anticristo constituiu para si uma sofisticada religião em rede, que inter-relaciona, de modo inaudito, os mais diversos e recônditos espaços do mundo. Se o faz, como Walter Benjamin percebeu, na Tese VI, que o Inimigo não tem cessado de vencer. Gostaríamos de encerrar este texto com uma reminiscência do século XIV. Um dos vultos mais notáveis dentre os ditos espirituais franciscanos, Ubertino di Casale (1259-1330), redigiu um texto santamente subversivo, *A Árvore da Vida Crucificada de Jesus (Arbor Vitae Crucifixae Jesu)*, no ano de 1305. Concebia que, a par do *Anticristo Espiritual*, o Diabo propriamente dito, existia o denominado *Anticristo Aberto*, que o frade franciscano identificava, claramente, ao Papa Bonifácio VIII (1295-1303). Ubertino julgava que esse último tivesse traído e induzido à renúncia o Papa angelical Celestino V (1295), de quem fora secretário curial. É o *Anticristo Aberto*, o Falso Profeta, que anuncia e instaura o Apocalipse, agindo em nome e por comunhão de vontades com o *Anticristo Espiritual*, a Besta, Satã.

Moloch, o “Anticristo Aberto”, tem sido dissecado desde a produção teórica

11 Vergangenes historisch artikulieren heißt nicht, es erkennen >wie es denn eigentlich gewesen ist<. Es heißt, sich einer Erinnerung bemächtigen, wie sie im Augenblick einer Gefahr aufblitzt. Dem historischen Materialismus geht es darum, ein Bild der Vergangenheit festzuhalten, wie es sich im Augenblick der Gefahr dem historischen Subjekt unversehens einstellt. Die Gefahr droht sowohl dem Bestand der Tradition wie ihren Empfängern. Für beide ist sie ein und dieselbe: sich zum Werkzeug der herrschenden Klasse herzugeben. In jeder Epoche muß versucht werden, die Überlieferung von neuem dem Konformismus abzugewinnen, der im Begriff steht, sie zu überwältigen. Der Messias kommt ja nicht nur als der Erlöser; er kommt als der Überwinder des Antichrist. Nur dem Geschichtsschreiber wohnt die Gabe bei, im Vergangenen den Funken der Hoffnung anzufachen, der davon durchdrungen ist: auch die Toten werden vor dem Feind, wenn er siegt, nicht sicher sein. Und dieser Feind hat zu siegen nicht aufgehört.

de Marx e de Weber. Qual a senha para decodificar a verdadeira identidade do “Anticristo Espiritual”?

Finalizemos com outra brilhante e provocativa asserção de Walter Benjamin, a Tese I sobre o Conceito de História:

Conhecidamente deve ter havido um autômato construído de tal modo que contraditava a cada lance de um jogador de xadrez com um contralance, que lhe assegurava a vitória. Um boneco em traje turco, com um narguilé na boca, sentava-se diante do tabuleiro, que repousava sobre uma grande mesa. Por meio de um sistema de espelhos, despertava-se a ilusão de que a mesa era transparente de todos os lados, em todos os seus pormenores. Na verdade, um anão corcunda situava-se dentro [da mesa], que era um mestre no xadrez e dirigia com cordéis a mão do boneco. Para esta aparelhagem podemos imaginar um contraponto na Filosofia. Sempre deve vencer o boneco, chamado “materialismo histórico”. Ele pode, sem mais, enfrentar qualquer desafio, se tomar a seu serviço a Teologia. Hoje, ela é reconhecidamente pequena e feia e não se deve, de qualquer forma, deixar ver (tradução nossa).¹²

Não há, pois, resposta, mas um método (no sentido etimológico mesmo da expressão *μετά της ὁδοῦ*, *metà tês hódou*), pensado em sua dupla significação de “para além do caminho” e “ao lado do caminho”. Ou seja, há que construir tanto o caminho em si, trilhar concretamente seu percurso, como forjar o objeto mesmo da inquirição intelectual, ao final – sempre provisório – deste trajeto. É tempo de pensar em Walter Benjamin e sua provocante reflexão sobre a ontologia processual religiosa do Capitalismo, a partir de um enfoque histórico-teológico. Para que se instaure o *Kairós* (*καιρός*) se seu Messias histórico, não o tempo do Anticristo. Desta vez, como em todas, o perigo está no presente e o inimigo não tem cessado de vencer.

No entanto, qualquer reflexão ou pensamento (*Gedanke*), ou qualquer representação da divindade imatura que é o Capital, revelando a fragilidade autocontraditória de seu *Dasein* inanimado, desfere contra ele um golpe insuportável, penhor de nossas esperanças e das utopias que não de vir. Com este espírito de crítica, a um só tempo precavido e pleno de esperanças histórico-utópicas, devemos ler e dissecar escritos como *Plano de Poder: Deus, os cristãos e a política* (2011), de Edir Macedo. Será catastróficamente revelador.

12 Bekanntlich soll es einen Automaten gegeben haben, der so konstruiert gewesen sei, daß er jeden Zug eines Schachspielers mit einem Gegenzuge erwidert habe, der ihm den Gewinn der Partie sicherte. Eine Puppe in türkischer Tracht, eine Wasserpfeife im Munde, saß vor dem Brett, das auf einem geräumigen Tisch aufruhete. Durch ein System von Spiegeln wurde die Illusion erweckt, dieser Tisch sei von allen Seiten durchsichtig. In Wahrheit saß ein buckliger Zwerg darin, der ein Meister im Schachspiel war und die Hand der Puppe an Schnüren lenkte. Zu dieser Apparatur kann man sich ein Gegenstück in der Philosophie vorstellen. Gewinnen soll immer die Puppe, die man, historischen Materialismus, nennt. Sie kann es ohne weiteres mit jedem aufnehmen, wenn sie die Theologie in ihren Dienst nimmt, die heute bekanntlich klein und häßlich ist und sich ohnehin nicht darf blicken lassen.

REFERÊNCIAS

- BACCEGA, Marcus. “O Fetiche do Capital e a Clausura do Imaginário”. In: **Escritas**, V. 1(1). Goiânia: Kelps Editora, 2008.
- _____. “Entre o ‘Outono da Idade Média’ e o ‘Espírito do Capitalismo’: Max Weber, hermenêuta de uma ruptura no imaginário ocidental”. In: **Alétheia. Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievalidade**. Vol. 01 – Janeiro/Junho de 2008. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2008.
- BENJAMIN, Walter. “Kapitalismus als Religion”. In: **Gesammelte Schriften**. Hrsg. Rolf Tiedemann und Hermann Schweppenhäuser, 7. Band. Frankfurt: Suhrkamp, 1991.
- _____. “Über den Begriff der Geschichte”. **Gesammelte Schriften**. Band I-2. Frankfurt-am-Main: Suhrkamp, 1980.
- FOUCAULT, Michel. **Les mots et les choses**. Une archéologie des Sciences Humaines. Paris: Éditions Gallimard, 1975.
- FROMM, Erich. **Das Menschenbild bei Marx**. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt, 1980.
- GRESPLAN, Jorge. **O Negativo do Capital**. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.
- _____. **A Jaula de Aço**. Max Weber e o Marxismo Weberiano. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **Das Kapital. Kritik der Politischen Ökonomie**. Erster Band. Berlin: Karl Dietz Verlag, 2005.
- _____. **Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie**. Berlin: Dietz Verlag, 1974.
- _____. **Thesen über Feuerbach**. Berlin: Dietz Verlag, 1969.
- _____. **Die Deutsche Ideologie**. Berlin: Zenodot Verlagsgesellschaft, 2014.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do Mundo**. Todos os passos de um conceito em Max Weber. São Paulo: Editora 34, 2005.
- RUBIN, Isaak I. **A Teoria Marxista do Valor**. São Paulo: Polis, 1987.
- SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. **O desencantamento do mundo**. Seis estudos sobre Max Weber. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2014.
- WEBER, Max. **Die protestantische Ethik und der “Geist” des Kapitalismus**. Prag: Area Verlag, 2005.
- _____. **Wirtschaft und Gesellschaft**. Grundriss der verstehenden Soziologie. Tübingen: Mohr Siebeck Verlag, 1980.

AS CONSEQUÊNCIAS DA MODERNIDADE: OS “LÍQUIDOS” E A SOCIEDADE DE CONSUMIDORES

Data de aceite: 17/01/2020

Data de submissão: 06/12/2019

Natalia Maria Casagrande

UNESP – FFC

Marília – SP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3680348517240030>

Janaina de Oliveira

UNESP – FCL

Araraquara – SP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7752803762269778>

Diego José Casagrande

UFSCar

São Carlos – SP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4156550100749294>

RESUMO: A contemporaneidade é marcada pelas transformações no campo das relações sociais. Envoltos em uma sociedade caracterizada pela suspensão do autoquestionamento e o consequente impedimento da consciência da autonomia, o indivíduo da era moderna é submetido à metáfora da fluidez (BAUMAN, 2001). Diante desta perspectiva, a presente discussão tem como o intuito analisar o âmbito social com relação às mudanças contemporâneas e a necessária reconfiguração de diversas instâncias, através da contribuição das Ciências Sociais. Ressalta-se, portanto, que o estudo aqui proposto se dá

em função da existência de uma sociedade que apresenta profundas mudanças e uma espécie de mal-estar contemporâneo – e é sobre esta que o texto se ocupará.

PALAVRAS-CHAVE: Contemporaneidade. Relações sociais. Fluidez.

THE CONSEQUENCES OF MODERNITY: THE “LIQUIDS” AND THE CONSUMER SOCIETY

ABSTRACT: The contemporaneity is marked by the transformations in the field of social relations. Wrapped in a society characterized by the suspension of self-questioning and the consequent impediment of autonomy awareness, the individual of the modern era is subjected to the metaphor of fluidity (BAUMAN, 2001). Given this perspective, this discussion aims to analyze the social scope in relation to contemporary changes and the necessary reconfiguration of various instances, through the contribution of Social Sciences. It is noteworthy, therefore, that the study proposed here is due to the existence of a society that has profound changes and a kind of contemporary malaise - and this is where the text will be concerned.

KEYWORDS: Contemporaneity. Social relationships. Fluidity.

1 | CIÊNCIAS SOCIAIS E CONTEMPORANEIDADE

Escrever significa para o poeta romper a muralha atrás da qual se esconde alguma coisa que 'sempre esteve lá'. Sob esse aspecto, a tarefa do poeta não é diferente da obra da história, que também descobre, e não inventa: a história, como os poetas, descobre, em sempre novas situações, possibilidades humanas antes ocultas (BAUMAN, p. 231, 2001).

A contemporaneidade trouxe consigo transformações no campo das relações sociais e, dentre outros, também da ciência, economia, educação e moral. Assim, na presente discussão, o intuito é analisar o âmbito social com relação às mudanças contemporâneas, e a necessária reconfiguração de diversas instâncias, através da contribuição das Ciências Sociais.

Sobre a temática, podemos nos remeter a Zygmunt Bauman (2001). Em alusão a Pierre Bourdieu (1998), o autor ressalta que fazer Sociologia implica em revelar as causas estruturais que os sinais e as falas aparentes só evidenciam por distorção (BOURDIEU, 1998 apud BAUMAN, 2001). Na perspectiva de Bauman (2001), este é o caminho para uma sociedade autônoma / democrática, à medida que há um questionamento de tudo o que é pré-determinado, liberando a criação de novos significados.

Ainda remetendo-se à Bourdieu (1998), Bauman (2001) afirma ser necessário àqueles que sofrem descobrirem a possibilidade de relacionar seus sofrimentos às causas sociais, como ressalta a seguir:

Fazer sociologia e escrever sociologia têm por objetivo revelar a possibilidade de viver em conjunto de modo diferente, com menos miséria ou sem miséria: essa possibilidade diariamente subtraída, subestimada ou não-percebida. Não enxergar, não procurar e assim suprimir essa possibilidade é parte da miséria humana e fator importante em sua perpetuação (BOURDIEU, 1998 apud BAUMAN, p. 246, 2001).

Antes de discorrermos a respeito do tema nos seguintes tópicos, convém ressaltar que a discussão aqui levantada se dá em função da existência de uma sociedade marcada por profundas mudanças e uma espécie de mal-estar contemporâneo.

2 | ANTHONY GIDDENS E AS TRANSFORMAÇÕES DA SOCIEDADE MODERNA

Com expressiva contribuição para o campo da Sociologia Contemporânea, Anthony Giddens (1991), debate a respeito da ordem social emergente da era moderna. A partir das afirmações teóricas de Saint-Simon e Émile Durkheim que rastream a natureza das instituições modernas primariamente até o impacto do industrialismo, a sociedade não é capitalista, e sim industrial. Para Durkheim (1999), a competição capitalista não é o elemento central da ordem industrial emergente. O caráter de rápida transformação da vida social moderna não deriva exclusivamente

do capitalismo, mas do impulso agitado de uma complexa divisão de trabalho, aproveitando a produção para as necessidades humanas por meio da exploração industrial da natureza.

O dinamismo da modernidade resulta da separação do tempo e do espaço e de sua recombinação em formas que permitem o agrupamento do tempo-espacial de maneira precisa da vida social; do desencaixe dos sistemas sociais - fenômeno vinculado aos fatores envolvidos na separação tempo-espço - e da ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais.

2.1 Crises econômicas e a relação entre dinheiro e insegurança

A condição de desencaixe proporcionada pelas economias monetárias modernas é consideravelmente maior do que em qualquer uma das civilizações pré-modernas nas quais havia dinheiro. Atualmente, o “dinheiro”, propriamente dito, independe dos meios pelos quais é representado, assumindo a forma de pura informação armazenada como números em um computador. Giddens (1991, p. 28) assinala:

No caso do dinheiro, isto significaria que a quantidade requerida para uma dada transação seria proporcional à velocidade de sua circulação. O dinheiro não se relaciona ao tempo (ou, mais precisamente, ao tempo-espço) como um fluxo, mas exatamente como um meio de vincular tempo-espço associando instantaneidade e adiamento, presença e ausência.

Os riscos de crise são maiores na acumulação flexível, já que os sistemas financeiros que surgiram pós 1972 mudaram o equilíbrio de forças do capitalismo, trazendo maior autonomia ao sistema bancário e financeiro. A acumulação flexível considera o capital financeiro como poder coordenador ainda maior do que com relação ao fordismo. Isso gera maior propensão às crises financeiras e monetárias autônomas e independentes. Grande parte da fluidez e da instabilidade pode ser atribuída diretamente ao aumento da capacidade de dirigir fluxos de capital para todo o planeta.

Giddens (1991) discute também a respeito da Globalização, comumente debatida no contexto contemporâneo. Enquanto intensificadora das relações sociais em escala mundial, ligando locais distantes de forma com que acontecimentos locais sejam modelados por eventos que ocorrem a milhas de distância, a Globalização é um fenômeno inerente da modernidade.

Para o autor, o capitalismo foi uma influência globalizante fundamental em função de ser uma ordem econômica, e não política. Foi capaz de penetrar em áreas distantes do mundo onde os Estados de sua origem não poderiam fazer valer de maneira integral sua influência política. Os primordiais centros de poder

na economia mundial são Estados capitalistas, onde o empreendimento econômico capitalista é o principal meio de produção. As políticas econômicas nacionais e internacionais destes Estados envolvem variadas formas de regulamentação da atividade econômica, porém, sua organização institucional mantém-se isolada do econômico em relação ao político.

É através desta relação entre contemporaneidade/capitalismo que Giddens (1991) discorre a respeito das instituições modernas – ilustração importante para entendermos em tópicos seguintes a situação da instituição escolar em período contemporâneo. Assim, Giddens (1991, p. 115) cita que:

Dentro das diversas esferas das instituições modernas, os riscos não existem apenas como casualidades resultantes de operações imperfeitas de mecanismos de desengate, mas também como arenas de ação “fechadas”, institucionalizadas. Os mercados de investimentos representam facilmente o exemplo mais proeminente na vida social moderna. Todas as firmas de negócios, com exceção de certos tipos de indústria nacionalizada, e todos os investidores, operam num ambiente onde cada um tem que prever os lances dos outros no sentido de maximizar os lucros. As incertezas envolvidas nas decisões de investimento derivam em partes das dificuldades de antecipar eventos extrínsecos, tais como inovações tecnológicas, mas fazem parte também da natureza dos próprios mercados.

3 | MODERNIDADE LÍQUIDA E RECONFIGURAÇÃO SOCIAL

Envoltos em uma sociedade caracterizada pela suspensão do autoquestionamento e o conseqüente impedimento da consciência da autonomia, o indivíduo da era moderna é submetido à metáfora da fluidez (BAUMAN, 2001), como ilustra a citação abaixo:

Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas... por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados... Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos? (VALÉRY¹ apud BAUMAN, p. 7, 2001).

Sobre o que é fluido, Bauman (2001) expõe que não mantém sua forma com facilidade. Enquanto os sólidos têm dimensão espacial clara e definida, os líquidos não se prendem à forma alguma, e estão sempre propensos à mudança. A facilidade de movimento comum aos fluidos é outra característica que se contrapõe aos sólidos: “[...] contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho” (BAUMAN, p. 8, 2001). Assim, do impacto com os líquidos emerge movimento, em oposição aos sólidos, que permanecem intactos quando submetidos às pressões.

Assim, sendo a inconstância e a mobilidade principal características do fluido,

¹ Paul Valéry - Pensador e poeta francês. Seus escritos são conhecidos pela originalidade e pela variedade de temas abordados, como artes plásticas e arquitetura.

o autor utiliza a metáfora da fluidez para definir o presente momento – modernidade líquida (BAUMAN, 2001) - considerando as características, significados e contradições oriundos da transição para a modernidade.

Um espírito moderno pairava sobre a sociedade. A modernidade trouxe consigo o ímpeto de ruptura com o passado, ocasionando transformações no campo das relações sociais e, dentre outros, também da ciência, economia, educação e moral. Disto resulta o abandono de tradições, valores, ideologias e crenças, e o consequente isolamento e perda de referências do homem.

O que a modernidade líquida traz é um cenário no qual os padrões e as configurações não são mais dados e nem estão explícitos. Estes, por serem muitos, chocam entre si, e promovem o conflito. Dessa forma, a modernidade fluida acarreta em profundas mudanças na condição humana, à medida que o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso se enveredam principalmente sobre o ombro dos indivíduos.

A respeito dessa liberdade que a modernidade anuncia, atenta-se que esta não pode ser classificada como liberdade de fato. Inseridos neste contexto, há a possibilidade dos indivíduos estarem satisfeitos com algo que não seja objetivamente satisfatório. É como se os homens se sentissem livres no interior de suas próprias escravidões – não experimentando a necessidade de se libertarem e, com isso, perdendo a chance de se tornarem genuinamente livres. Assim, as pessoas se tornam, nas palavras de Bauman (2001), juízes incompetentes de suas próprias situações.

O homem liberta-se de uma espécie de força cega (cosmos) para se aprisionar à força da coesão social, já que o indivíduo se submete à sociedade – submissão que é condição para sua libertação. Neste contexto, liberdade para o homem significa não se sujeitar às forças físicas cegas – opondo a isso a considerável e inteligente força social, que vai fornecer proteção e abrigo, e da qual o indivíduo acaba se tornando dependente. Mesmo nestas condições, entretanto, o autor afirma não haver contradição de que esta seja uma dependência libertadora, já que não há outro caminho para buscar a libertação a não ser submeter-se à sociedade.

Sobre essa discussão, Bauman (2001) esclarece que a rebelião contra as normas pode ocasionar um cenário de indecisões e incertezas a respeito das intenções e movimentos daqueles que estão ao redor, o que faz “da vida um inferno”. Padrões e rotinas impostos por pressões sociais geram regularidade de modos de conduta, o que poupa a agonia do homem moderno – tomada de decisões com a própria responsabilidade e sem o tranquilizante conhecimento de suas consequências, que faz cada movimento ser repleto de riscos não previsíveis. Assim, a anomia – ausência ou falta de clareza das normas – é uma problemática que se instala na vida das pessoas para conseguirem dar conta de seus afazeres.

A liberdade traz para os indivíduos uma espécie de impotência. Mantemos uma capacidade de crítica, sendo talvez ainda mais predispostos às tais – somos mais firmes e rígidos em nossas críticas que aqueles que nos precederam. Mas essa crítica é incapaz de afetar a agenda estabelecida para nossas escolhas na “política-vida” (BAUMAN, 2001).

A sociedade moderna apresenta seus membros como indivíduos, através de uma incessante atividade de individualização. Disso resulta uma mudança no significado de individualização: atinge sempre novas formas, à medida que as regras herdadas são solapadas, estabelecem novos ensinamentos comportamentais e fazem surgir novas formas de recompensas no “jogo”. Agora, individualização consiste em transformar a identidade humana em uma tarefa, encarregando os homens de cumprir esta tarefa e das consequências que a realização desta venha a trazer. Nas palavras de Bauman (2001) é uma autonomia *de jure* – que independe da autonomia *de facto* também ter sido estabelecida. Assim, a individualização vem no sentido de autonomia individual, externo a algo já estabelecido.

Diante do exposto, Bauman (2001) analisa o outro lado da individualização: a corrosão e a lenta desintegração da cidadania. O indivíduo se apresenta como o pior inimigo do cidadão e, conseqüentemente, a individualização insere problemas para a cidadania e para a política fundada na cidadania. Isso acontece, pois o espaço público se preocupa com os indivíduos enquanto indivíduos, e estes se afirmam como seus ocupantes legítimos.

Na modernidade líquida (BAUMAN, 2001) os homens têm a atenção voltada para o próprio desempenho, esquecendo-se do espaço social onde as contradições da existência individual são coletivamente produzidas. Segue-se que, com o intuito de entender e tratar as causas de seus sofrimentos, as pessoas naturalmente reduzem a complexidade de suas situações.

Há, portanto, para Bauman (2001), um abismo entre a condição de indivíduos *de jure* e as chances destes se tornarem indivíduos *de facto*, ou seja, ser capaz de controlar seu destino e tomar decisões que sejam de sua real intenção. E, para o autor, transpor esse abismo é função da “Política com p maiúsculo” - como ele define. Abismo este que, segundo ele, surgiu e se desenvolveu em função do esvaziamento do espaço público – que está cada vez mais deficiente das questões públicas. Assim, a perspectiva de que o indivíduo *de jure* possa se tornar indivíduo *de facto* - que fiscaliza os recursos indispensáveis à verdadeira autoafirmação – se mostra cada vez mais distante.

Diante desse panorama levantado pelo autor, a crítica social hoje se volta à tentativa de unir novamente aquilo que a individualização formal e a separação entre o poder e a política deceparam em várias partes. A emancipação humana traz a missão de reconectar esse abismo que se abre entre a realidade do indivíduo *de jure*

e as perspectivas do indivíduo *de facto*.

Dessa forma, emancipar nos dias atuais adquire novo sentido. A tarefa da emancipação se configura como essencial, entretanto, com a condição de abandonar condições passadas obsoletas:

A guerra pela emancipação não acabou. Mas, para progredir, deve agora ressuscitar o que na maior parte de sua história lutou por destruir e afastar do caminho. A verdadeira libertação requer hoje mais, e não menos, da “esfera pública” e do “poder público”. Agora é a esfera pública que precisa desesperadamente de defesa contra o invasor privado - ainda que, paradoxalmente, não para reduzir, mas para viabilizar a liberdade individual (BAUMAN, p. 62, 2001).

Os principais obstáculos a serem examinados com urgência estão ligados às dificuldades de traduzir os problemas privados em questões públicas, de tornar novamente coletivas as utopias privatizadas da “política-vida”, podendo assumir novamente as características da sociedade “boa” e “justa” (BAUMAN, 2001). Assim, a esfera pública deve ocupar o seu espaço e lutar para que a individualização – privado – não faça da liberdade algo equivocado.

A sociologia tem como função revelar as causas estruturais que os sinais e as falas aparentes distorcem. É necessário explicar e compreender os sofrimentos próprios de uma modernidade fluida, na qual impera os medos, incertezas e frustrações. Sobre os esclarecimentos que os sociólogos devem prestar à sociedade, Bourdieu afirma que:

Tornar-se consciente dos mecanismos que fazem a vida penosa, mesmo impossível de ser vivida, não significa neutralizá-los; trazer à luz as contradições não significa resolvê-las. E, no entanto, por mais céticos que possamos ser quanto à eficácia social da mensagem sociológica, não podemos negar os efeitos de permitir que aqueles que sofrem descubram a possibilidade de relacionar seus sofrimentos a causas sociais; nem podemos descartar os efeitos de tornarem-se conscientes da origem social da infelicidade “em todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e secretas” (BOURDIEU apud BAUMAN, p. 245, 2001).

A sociedade autônoma, para Bauman (2001), é aquela que questiona tudo o que é pré-determinado, possibilitando assim a criação de novos significados. A sociedade é autônoma de fato quando realmente sabe que não há significados assegurados e que vive na superfície do caos. A inexistência de verdades absolutas, de normas de conduta pré-ordenadas, de fronteiras pré-traçadas entre o certo e o errado, e de regras de ação garantidas é a condição para uma sociedade e indivíduos verdadeiramente livres.

Em síntese, afirma-se que o trabalho de revigorar o elo que se perdeu entre aflição objetiva e a experiência subjetiva se tornou vital e indispensável. Isso porque a sociologia é um ramo do conhecimento especializado que traz como problemática prática a ânsia pelo esclarecimento que tem por objetivo a compreensão humana.

4 | SOCIEDADE DE CONSUMIDORES

“Talvez não exista pior privação, pior carência, que a dos perdedores na luta simbólica por reconhecimento, por acesso a uma existência socialmente reconhecida, em suma, por humanidade” (BOURDIEU apud BAUMAN, 2007, p. 7).

Dando continuidade à questão relativa à inexistência de questionamento e à suspensão do autoquestionamento em âmbito social, Bauman (2008), em sua obra **Vida para o consumo**, expõe o processo através do qual o ser humano passa a mercadorizar a si próprio. As pessoas são forçadas a promover uma mercadoria atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e utilizam os melhores recursos que têm à disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajados a colocar no mercado, promover e vender são elas próprias. O autor ressalta:

São, ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores (e permitam-me acrescentar que qualquer acadêmico que já se inscreveu para um emprego como docente ou para receber fundos de pesquisa vai reconhecer suas próprias dificuldades nessa experiência). Seja lá qual for o nicho em que possam ser encaixados pelos construtores de tabelas estatísticas, todos habitam o mesmo espaço social conhecido como mercado (BAUMAN, 2007, p. 13)

Sob este ponto de vista, a contribuição de Bauman (2007) vem para pensarmos na vida das pessoas inseridas em um contexto de mercadorização, no qual o consumo é a bússola que vai nortear todas as relações e “preencher” os anseios e angústias do ser humano. Assim, apresenta-se um cenário no qual se tem a impressão de que nada mais faz sentido ao ser humano a não ser a relação entre mercado / consumidor.

Sobre o processo que origina este cenário exposto por Bauman (2007), pode-se dizer que, no caminho entre a sociedade de produtores e a sociedade de consumidores, as tarefas envolvidas na comodificação e recomodificação do capital e do trabalho passaram por processos simultâneos de desregulamentação e privatização contínuas, profundas e aparentemente irreversíveis, embora ainda incompletas.

Assim, o processo de recomodificação do trabalho faz com que as pessoas, em um processo individualista, gerem valor mercadológico a si próprias. Como o autor ressalta:

A tarefa da recomodificação do trabalho foi a mais afetada até agora pelos processos gêmeos da desregulamentação e da privatização. Essa tarefa está sendo excluída da responsabilidade governamental direta, mediante a “terceirização”, completa ou parcial, do arcabouço institucional essencial à prestação de serviços cruciais

para manter vendável a mão-de-obra (como no caso de escolas, habitações, cuidados com os idosos e um número crescente de serviços médicos). Assim, a preocupação de garantir a “vendabilidade” da mão-de-obra em massa é deixada para homens e mulheres como indivíduos, e estes são agora aconselhados por políticos e persuadidos por publicitários a usarem seus próprios recursos e bom senso para permanecerem no mercado, aumentarem seu valor mercadológico, ou pelo menos não o deixarem cair, e obterem o reconhecimento de potenciais compradores (BAUMAN, 2007, p. 16).

Neste contexto, o mercado de trabalho se torna um, dentre muitos mercados de produtos em que se inscreve a vida dos indivíduos. Com isso, o preço de mercado da mão de obra é apenas um também entre vários, que necessitam de acompanhamento, observação e cálculos nas atividades da vida intelectual. As regras, porém, são válidas para todos os mercados.

Diante deste cenário, portanto, para Bauman (2007), nos encontramos diante de uma sociedade de consumidores. Os encontros dos potenciais consumidores com os potenciais objetos de consumo possuem a tendência de se tornarem as principais unidades na rede peculiar de interações humanas conhecidas. Assim, o ambiente existencial que se tornou conhecido como **sociedade de consumidores** se diferencia por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo.

Na sociedade de consumidores exposta por Bauman (2007), convém ressaltarmos que ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, assim como ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A subjetividade do sujeito, e a maior parte daquilo que esta possibilita ao sujeito atingir, concentra-se em um árduo esforço para ela própria se tornar e se manter uma mercadoria vendável. Assim, a característica que mais se ressalta da sociedade de consumidores – mesmo que de maneira camuflada – é a transformação dos consumidores em mercadorias.

Nesta perspectiva, o consumo aparece como uma espécie de forma de distinção. Os indivíduos sonham com a fama e, como expõe o autor, acrescentam o desejo de:

[...] não mais se dissolver e permanecer dissolvido na massa cinzenta, sem face e insípida das mercadorias, de se tornar uma mercadoria notável, notada e cobiçada, uma mercadoria comentada, que se destaca da massa de mercadorias, impossível de ser ignorada, ridicularizada ou rejeitada. Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma mercadoria desejável e desejada é a matéria de que são feitos os sonhos e os contos de fadas (BAUMAN, 2007, p. 22).

Dessa forma, assim como o fetichismo da mercadoria² ocultou a substância humana da sociedade de produtores, é função daquilo que o autor denomina

2 O fetiche da mercadoria, postulado por Marx, opõe-se à ideia de valor de uso, e refere-se unicamente à utilidade do produto. O fetiche relaciona-se à fantasia que paira sobre o objeto, projetando neste uma relação social definida, estabelecida entre os homens.

fetichismo da subjetividade³ ocultar a realidade extremamente comodificada da sociedade de consumidores. Em uma sociedade de consumidores, a subjetividade, assim como a mercadoria em uma sociedade de produtores, é um fetiche. Com isso, os bens do mercado suprem e reabastecem o fetichismo da subjetividade, que se baseia em uma ilusão, em uma mentira. Isso porque, enquanto compradores, são moldados pelos gerentes de marketing e redatores publicitários a desempenhar o papel de sujeito – um “faz de conta”, um papel desempenhado como “vida real”.

Nesta lógica comum à sociedade de consumidores, mais uma questão convém ser pontuada – o descarte de tudo o que é “velho”. A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, afirmando ser “velho” sinônimo de “defasado”, impróprio para ser utilizado. É em decorrência da alta taxa de desperdício que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e respeitado, apesar dos inúmeros desapontamentos que causa. Sendo assim, como cita Bauman (2007, p. 31): “Não se espera dos consumidores que jurem lealdade aos objetos que obtêm com a intenção de consumir”.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os autores acima citados nos sugerem a prática da análise do período contemporâneo e a apreensão daquilo que se encontra por trás dos fatos que, aparentemente, percebemos isolados e provenientes de processos “naturais”.

Giddens (1991) destaca-se como um teórico que, ao refletir sobre o sentido da sociedade em que vivemos, adentra-se ao terreno da autoidentidade, analisando de que forma a contemporaneidade se relaciona com os aspectos mais íntimos da vida pessoal. Trata-se de um projeto reflexivo, que se relaciona com um mundo cada vez mais constituído de informação, e não de modos pré-estabelecidos de conduta, no qual o indivíduo sente-se forçado a viver realizando escolhas contínuas que passam a compor a sua narrativa de identidade, sempre aberta às retomadas.

Bauman (2007) contribui com conceitos que agem na apreensão de fenômenos e processos emergentes. Registra também o impacto dos padrões de interação e avaliação consumistas sobre vários aspectos aparentemente desconexos do ambiente social, como política e democracia, divisões e estratificação social, comunidades e parcerias, construção de identidade, produção e uso do conhecimento ou preferências valorativas.

A partir da análise, o autor caracteriza a sociedade contemporânea, ilustrando

3 Os sujeitos vivem o fetiche da subjetividade - um estado de ilusão, no qual cada um incorpora um produto vendável como sua verdade, e a vive até o momento de se autorreciclar. Este processo se perpetua porque a coluna que sustenta esse produto é frágil, precisa de todos os acessórios que encontra, ironicamente, também no mercado, para se autoconstituir, e a cada ciclo de autorreciclagem pouca coisa pode ser reaproveitada e por isso é preciso continuar consumindo.

que:

Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados. Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio dê frutos (BAUMAN, 2007, p. 7).

Neste sentido, Bauman (2007) se aproxima de Pierre Bourdieu (2002), afirmando que se não pretendermos ser “falsos sociólogos”, devemos nos aproximar das possibilidades humanas ainda ocultas e, assim, perfurar as muralhas do óbvio e do evidente. Ao passo que para Bourdieu (2002) as variáveis utilizadas para se pensar um problema não devem ser analisadas isoladamente, mas sim dentro de um amplo contexto. Portanto, a pesquisa tem como fundamento o mundo relacional, pois na visão do autor, o real é relacional. Sobre isto ressalta: “Se é que o real é relacional, pode acontecer que eu nada saiba de uma instituição acerca da qual se julga saber tudo, porque ela nada é fora das suas relações com o todo” (BOURDIEU, 2002, p. 31).

Remetendo-se à Bourdieu (2002), Bauman (2001) cita:

Tornar-se consciente dos mecanismos que fazem a vida penosa, mesmo impossível de ser vivida, não significa neutralizá-los; trazer à luz as contradições não significa resolvê-las. E, no entanto, por mais céticos que possamos ser quanto à eficácia social da mensagem sociológica, não podemos negar os efeitos de permitir que aqueles que sofrem descubram a possibilidade de relacionar seus sofrimentos a causas sociais; nem podemos descartar os efeitos de tornarem-se conscientes da origem social da infelicidade ‘em todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e secretas (BOURDIEU apud BAUMAN, p. 245, 2001).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Confiança e medo na Cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. As contradições da herança. In: CATANI, A; NOGUEIRA, M. A. (Orgs). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

QUALIDADE DE VIDA: O IMPACTO NA RELAÇÃO HOMEM-TRABALHO

Data de aceite: 17/01/2020

Rosineia Oliveira dos Santos

Centro Universitário FMU

Luís Fernando Ferreira de Araújo

Centro Universitário SENAC e FMU/FIAM/FAAM

Edmilson Augusto de Lima

Centro Universitário FMU

Arnaldo Silva Santana Menezes

Centro Universitário FMU

RESUMO: Considera-se que a sociedade se depara com avanços tecnológicos, nos quais se modificam e influenciam cada vez mais a qualidade de vida das pessoas, com isso fazem surgir vários modelos de organizações e rotinas sociais. Consequentemente, os diferentes exercícios laborais exigem mais preparação e dedicação para o desenvolvimento das atividades atribuídas ao sujeito dentro do espaço organizacional. E, considera-se suas habilidades, esses novos paradigmas que podem influenciar no comportamento do homem, no seu processo de desenvolvimento e interferir nas suas relações intra e interpessoal. Assim, este trabalho objetiva proporcionar um estudo mais aguçado quanto ao impacto dessa relação do homem com o trabalho como fator de garantia de qualidade de vida, realização das suas necessidades e da satisfação pessoal

e profissional, nas quais podem ser elementos motivadores para o melhor desenvolvimento e desempenho do indivíduo dentro e fora da organização. Logo os estudos desses impactos levaram organizações a refletir sobre as melhores condições de trabalho, satisfação e realização do ser humano dentro do exercício profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Relação homem trabalho. Realização humana. Bem-estar. Qualidade de vida.

ABSTRACT: It is considered that the society is faced with technological advances, in which the quality of life of the people is modified and influenced more and more, with the result that they arise several models of organizations and social routines. Consequently, the different work exercises require more preparation and dedication to the development of the activities attributed to the subject within the organizational space. And, it is considered their abilities, these new paradigms that can influence in the behavior of the man, in its process of development and to interfere in its intra and interpersonal relations. Thus, this study aims to provide a more accurate study of the impact of this relationship between men and work as a factor to guarantee quality of life, fulfillment of their needs and personal and professional satisfaction, in which they can be motivating factors for better development

and performance of the individual inside and outside the organization. Therefore, the studies of these impacts led organizations to reflect on the best working conditions, satisfaction and fulfillment of the human being within the professional exercise.

KEYWORDS: Man relationship work. Human achievement. Welfare. Quality of life.

INTRODUÇÃO

Diante das atitudes comportamentais do ser humano em relação ao trabalho, as condições de vida atualmente, assim como a qualidade de vida humana, a luta desenfreada pela “sobrevivência”, na qual se perde na maioria das vezes a saúde, os valores, os relacionamentos, e a afetividade entre os seres. Diante desta análise se observou os fatores intrínsecos na relação homem trabalho.

Com estas perspectivas, o objetivo geral deste texto é realizar um estudo profundo a fim de analisar como esta a relação do homem com o trabalho atualmente. Objetiva-se também, de forma mais específica o valor do homem como um ser biopsicossocial e considerar seus valores, suas crenças e sua satisfação como fator de manutenção de sua qualidade de vida e bem-estar.

Logo, serão apresentadas possíveis soluções para as problemáticas que serão levantadas no decorrer do referido estudo, como por exemplo, as condições de trabalho que são ofertadas ao indivíduo, a qualidade de vida que o sujeito se vivencia, a influência destes fatores no processo produtivo e pessoal, a satisfação da realização das necessidades humanas de forma singular a cada indivíduo, a consideração e valorização do ser de forma integrada.

No entanto, faz-se necessário questionar como estão as condições de trabalho que são oferecidas atualmente, quais as necessidades do ser humano, o que é mais emergente, a preocupação com o bem-estar financeiro, ocasiona-se lacunas nas necessidades sócios emocionais que, conseqüentemente, gerará um impacto sobre a qualidade de vida, e torna as relações cada vez mais complexas.

Desta forma, pode-se questionar, se esta dedicação sem limite ao trabalho e a vida material está salutar, até onde está válido, e o bem-estar consigo mesmo, com a saúde, com a família, com os amigos, suprida, realmente vale a pena? Se este está feliz, satisfeito e realizado? Se a falta do convívio social além de causar danos pessoais, também não poderá afetar o desempenho laboral, os resultados na organização, neste grande ciclo vida- trabalho- satisfação se as condições de trabalho fossem favoráveis, teria uma nova roupagem, um novo sentido pela vida, o porquê e para que trabalhar?

Não podemos negar que a organização do trabalho estrutura o social, provê o individuo e dá-lhe um lugar de significação, sentido, permanência e renúncia. A última é dolorosa, mas não está atrelada somente ao trabalho, está na amplidão da

estrutura da vida em sociedade, faz parte do homem.

Para desenvolver este trabalho serão usados como recursos metodológicos revisões bibliográficas, comparações, análises e discussões de teoria que possam explicar este tipo de relacionamento e questionar se os comportamentos humanos e os perfis das empresas contemporâneas estão plenamente suficientes para a realização das satisfações do ser humano e de sua qualidade de vida. Considera-se assim aquilo que lhe é mais importante naquele determinado momento de sua vida.

Para Gil (1999, p.42), a pesquisa tem um caráter pragmático, ou seja, “é um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

A pesquisa científica uma atividade relacionada à solução de problemas em áreas que envolvem pessoas, não se deve levá-la à frente sem considerar o ambiente e o contexto atual e real, no qual os fatos e dados serão estudados e gerados (GIL, 1999). Do ponto de vista dos procedimentos técnicos (GIL, 1999), informa que a pesquisa bibliográfica é aquela elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e materiais extraídos da internet entre outros.

Para a realização deste artigo, foram adotados os autores/referências: Kanaane (2009); Saboya; Ferreira; Hannas (1985); Bergamini (1982); Vergara (2003); Moscovici (1998) entre outros.

As ações metodológicas deste estudo foram orientadas e adotou-se o modelo para procedimentos científicos que considera três etapas para o estudo: a ruptura, a construção e a verificação. E é por meio de estudos bibliográficos que observamos uma porta para a reflexão sobre as relações de trabalho e sobre sua presença nas organizações, analisa-se o bem e o mal-estar vivenciados, ou seja, um caminho para se pensar a condição dos trabalhadores e da sua subjetividade, para além do modelo explorador-explorado.

1 | RELAÇÃO HOMEM-TRABALHO NA ANTIGUIDADE

O trabalho tem sido representado ao longo da vida do ser humano como um dos pré-requisitos para sua condição de vida no planeta, pois sem ele seria impossível viver, visa-se assim a dependência do homem ao trabalho. Geralmente o indivíduo assimila o trabalho a sua identidade, e a seus valores, tornado esta parte de sua vida.

Nos primórdios da humanidade, o trabalho se apresentava como a confrontação do homem com a natureza, visando diretamente a própria manutenção ou a própria segurança. Com a evolução econômica entendida primeiro no sentido da

economia de troca, que mais tarde foi substituída pela economia monetária e pela crescente divisão do trabalho e especialização, a ligação primitiva ou agrária entre o resultado do trabalho e as necessidades individuais de quem trabalhava foi se tornando mais mediata, de tal forma que esta ligação já só existe - pelo menos entre nós - no restrito âmbito do autoabastecimento (RURUP, 1994, p. 45).

No entanto vale ressaltar que o trabalho não deve ser visto pelo homem apenas como uma atividade de subsistência, garantia de estabilidade financeira ou uma espera pela aposentadoria. Portanto, este deverá ser elemento essencial na vida do ser humano.

O desenvolvimento de novas tecnologias, descoberta de novos materiais e as mudanças na estrutura do mercado são os principais fatores que marcaram, significativamente, e aceleraram a competitividade dentro das organizações, assim como, entre elas e principalmente entre as pessoas, afeta direto ou indiretamente a qualidade de vida.

O trabalho pode ser psicoterapêutico, psicológico (viabilizar o crescimento de pessoas saudáveis em direção a auto-realização). Isto se torna claro, até certo ponto um relacionamento circular, isto é, se considerarmos, para início de conversa, pessoas razoavelmente saudáveis em uma organização razoavelmente boa, então o trabalho tende a melhorar as pessoas, o que tende a melhorar o setor, o que por sua vez, tende a melhorar as pessoas envolvidas, e assim por diante (MASLOW, 2001, p.50).

Em contrapartida, o trabalho, em sua maioria, é imposto ao indivíduo de forma que ele não pode utilizar sua capacidade criativa, expressar suas ideias das quais, quase sempre, não são consideradas e, assim, torna suas atividades cansativas e rotineiras, fato que, associado à má remuneração, pode provocar no trabalhador insatisfação, estresse, doenças psicossomáticas, desmotivação e improdutividade. Estes fatores de condições de trabalho podem ser relevantes para associar o mau funcionamento do sujeito dentro da organização assim como na sua vida pessoal, compromete-se as relações interpessoais e causa graves frustrações (MASLOW, 2001).

A relação do homem com o trabalho foi historicamente desenvolvida por mecanismos criados por grupos, que hoje funcionam como meros reprodutores. Lewis *et al* (1995), discute esta visão econômica, coloca-se como aspecto de significância na definição da relação do homem com o trabalho, a questão das trocas (por que ocorrem? Que valores permeiam?).

O homem dependerá mais ou menos de sua condição de trabalho a partir de uma estrutura de condicionalidade gerada por essas trocas. As relações sociais têm-se constituído como relações de troca econômica e não mais afetivas ou incondicionais.

Weber (1991) discute a junção e permeabilidade da burocracia em relação aos problemas atuais tais como: burocratização e a racionalidade, essas desenvolvidas

no mundo, tomam conta como regras do jogo, da relação do homem com o trabalho. Os mecanismos de racionalização denunciam uma nova forma de estruturação dessas relações, que se apresentam a partir da perspectiva do capitalismo.

Em meio a esta conjuntura, como resgatar o trabalho enquanto condição ontológica? O indivíduo tem potencialidade para o trabalho, mas a institucionalização do trabalho criou entraves por meio da propriedade privada e padrões de intervenção pela tecnologia, cria-se uma educação mais complexa.

A relação homem-trabalho foi institucionalizada para condições coletivas, e por isso, as comunidades podem ser fundamentais. E talvez, por meio delas consigamos reconstruir esta relação.

No que se refere ao conceito de “organização” Morgan (1996, p.22) expõe que

Raramente as organizações são propostas como um fim em si mesmas. São instrumentos criados para se atingirem outros fins. Isso é refletido pelas origens da palavra “organização” que deriva do grego “*organon*” que significa uma ferramenta ou instrumento. Não é de admirar, portanto, que as idéias sobre tarefas, metas, propósitos e objetivos se tenham tornado conceitos organizacionais tão fundamentais. Com efeito, ferramentas e instrumentos são dispositivos mecânicos inventados e aperfeiçoados para facilitar na consecução de atividades orientadas para um fim particular.

Conseqüentemente, tais insatisfações como: má remuneração, a busca pela estabilidade financeira, o conforto material, levam o homem a desenvolver mais de uma atividade e amplia a jornada de trabalho e a vida social/afetiva fica comprometida, os valores em sua maioria, são deixados de lado, a saúde já não é mais prioridade e quando se percebe a vida perdeu o sentido. E os danos sociais não compensam o investimento feito ao longo da vida.

1.1 Concepções contemporâneas do trabalho

Considera-se que o trabalho sempre ocupou um lugar central na história, nos diferentes grupos e organizações, vale a pena analisar e rever essas considerações sobre o trabalho para que se possam desenvolver novas perspectivas de organização na sociedade.

Com formalidades, o trabalho é uma forma de realização humana e pode-se perceber o verdadeiro sentido que o trabalho causa em si mesmo. Kanaane (2009, p. 22) salienta que “não somente como condições de sobrevivência e subsistência, o trabalho possibilita ao indivíduo exercer sua potencialidade criativa, desde que as condições ambientais e profissionais sejam facilitadoras”, considera-se sua plena realização.

De modo geral, conforme explica Brown (1976, p.130)

O status implica em uma posição dentro do grupo. O papel, em um comportamento

adequado que se relaciona com essa posição e o prestígio em algo mais pessoal que o indivíduo adiciona ao status e ao papel. Um médico, por exemplo, sempre merecerá algum respeito pelo seu simples status oficial como tal, mas o seu prestígio poderá ser maior ou menos, dependendo do fato de ser um bom ou mau médico. A distinção é importante, uma vez que uma fábrica popular sobre promoção está baseada nessa confusão entre status e prestígio. É simplesmente falso dizer-se como ocorre frequentemente, que todos desejam promoção no sentido de status formais mais elevados.

O que a pessoa realmente deseja é uma posição em que seja possível elevar-se em prestígio. Assim, o operário especializado não deseja se tornar um supervisor ou um gerente; o que ele deseja é tornar-se o melhor operário e ser reconhecido como tal, isto é, deseja sentir que, se fizer melhor o trabalho, o fato será reconhecido, não só financeiramente, mas também em termos de mais privilégios (BROWN, 1976).

Portanto, o trabalho será para o homem a oportunidade de modificar-se e modificar o ambiente a seu favor. De tal modo, encontramos diversas percepções atribuídas ao trabalho, como: forma de realização, de socialização e integração ao ambiente, de contribuição para o desenvolvimento social, cultural e pessoal.

Diante de tais concepções o trabalho deve ser visto como “uma ação humanizada exercida num contexto social, que sofre influências oriundas de distintas fontes” (KANAANE, 2009, p. 17).

Para tanto, faz-se necessária uma reavaliação a partir das concepções já existentes sobre o trabalho para se desenvolver outras percepções que possam atender esse ambiente atual e cada vez mais competitivo, as necessidades do homem, da sociedade e das organizações contemporâneas, uma vez que esta tríade homem, trabalho e sociedade têm sido cada vez mais exigentes ao longo do desenvolvimento da história da humanidade (CHANLAT, 1996).

Torna-se cada vez mais importante um olhar mais abrangente e dinâmico no que se refere a estes determinantes. Assim o processo de transformação do homem e da sociedade acontece por meio das ações humanas e dos grupos nos quais estão inseridos. Não apenas caracterizado pela evolução dos processos tecnológicos, mas pelas necessidades e fatores históricos, políticos, socioculturais e econômicos oriundos do processo de desenvolvimento humano.

Chanlat (1996) proporciona uma Antropologia da Condição Humana nas Organizações, nesta análise informa que devemos considerar cinco dimensões para compreender o comportamento humano: O nível do indivíduo; Da interação; Da organização; Da sociedade; E do mundo.

A proposta de Chanlat (1996) é que devesse considerar o ser humano como um ser biopsicossocial, que interage com outros e se constrói a partir desta interação, portanto, um ser humano que está na organização dotada de um subsistema estrutural e material que compõe os meios de produção e também de um subsistema

simbólico que compreende o universo de representações que dão sentido às ações deste indivíduo/trabalhador.

Esta organização se insere numa sociedade e no mundo global, e desta relação em todos estes níveis surge o fenômeno humano nas organizações e se torna possível, então, apreender o comportamento humano em sua essência.

Portanto, para Kanaane (2009, p. 17)

Tem-se que repensar o trabalho sob a perspectiva contemporânea implica redefinir e reagrupar desde as concepções filosóficas até a organização efetiva dos respectivos setores e ambientes profissionais. Oferecendo condições facilitadoras para que o indivíduo possa obter melhor desempenho e adaptação ao trabalho realizado e ajustar-se de maneira a satisfazer as necessidades da organização e das suas necessidades pessoais.

Para Rogers (2009), há três condições facilitadoras e importantes que devem permear as relações: A consideração positiva incondicional; O relacionamento empático; A congruência.

Quanto à primeira condição, entende-se a capacidade de respeito ao outro, a transmissão de aceitação sem condições ou julgamento prévio; a segunda refere-se à escuta capaz de compreender o sentimento do outro, o seu modo de ser e sentir, o que o outro esta sentido enquanto ser humano; e a terceira condição é a respeito da autenticidade, de ser quem realmente se é na relação, sem máscaras ou fachadas, demonstra-se coerência entre o sentimento e a experiência.

Assim, Rogers (2009) também apresenta o conceito de tendência, que denomina como o elemento motivador, a força que impulsiona o sujeito a desenvolver suas potencialidades.

Entretanto, é importante enfatizar uma concepção de trabalho de forma mais ampla e mais humanizada, que possa contemplar o ser humano em sua amplitude, parte das premissas e dos primórdios até chegar às necessidades atuais.

Os desafios encontrados diante da realidade em constantes e rápidas transformações, se deve contar com profissionais das áreas que estejam preparados, dotados de reflexão crítica. Na atualidade, sabe-se, a ação é extremamente privilegiada em detrimento do pensar. O fato de fazer-se parte de nosso próprio contexto cultural, por vezes, pode ser um dificultador de questionamentos.

A relação Homem-Trabalho é uma contínua reconstrução, a partir dos recursos, das necessidades, recria-se o acesso que temos à nossa potencialidade de amar, de trabalhar... O mesmo acontece com relação à organização do trabalho, é possível até que não exista solução ideal e que, aqui como em tudo, seja, sobretudo a evolução a portadora da esperança. Considera-se o lugar dedicado ao trabalho na existência, a questão é saber que tipo de homens a sociedade fabrica por meio da organização do trabalho. Entretanto, o problema não é absolutamente, criar homens,

mas encontrar soluções que permitam pôr fim à desestruturação de certo número deles pelo trabalho (DEJOURS; ABDOUCHELI, 1994a).

É difícil engajar-se em uma organização onde os princípios sejam a conversa reflexiva e compreensiva dos problemas, os programas de melhorias são colocados com exigência de exames e críticas de suas concepções e valores. Entretanto, nosso frequente desafio e responsabilidade consiste em nos tornarmos profissionais aptos para acompanhar, prever e responder às demandas sociais e políticas pela melhoria de qualidade de vida, especialmente no que diz respeito ao trabalho.

1.2 Significados atribuídos ao trabalho

Para que se possa conceituar o trabalho é preciso considerar os diversos significados a ele atribuído ao longo da história da humanidade, analisa-se não somente os significados e conceitos oriundos das ciências sociais, mas a antropologia, a sociologia, economia e psicologia entre outras, como também os provenientes das concepções políticas, religiosas, econômicas, ideológicas, culturais, biológicas, históricas e sociais.

Historicamente os primeiros estudos sobre o sentido do trabalho são atribuídos a Hackman;Oldhan (1975), são dois psicólogos que relacionaram a qualidade de vida no trabalho ao sentido do trabalho. Segundo os autores um trabalho que tem sentido é importante, útil e legítimo para aquele que o realiza.

Hackman;Oldhan (1975, p.159-170), apresentam três características fundamentais:

- (a) a variedade de tarefas que possibilita a utilização de competências diversas, de forma que o trabalhador se identifique com a execução;
- (b) um trabalho não-alienante, onde o trabalhador consegue identificar todo o processo – desde sua concepção até sua finalização – e perceber seu significado do trabalho, de modo que contribua para o ambiente social, a autonomia, a liberdade e a independência para determinar a forma com que realizará suas tarefas, o que aumenta seu sentimento de responsabilidade em relação a elas;
- (c) o retorno (*feedback*) sobre seu desempenho nas atividades realizadas, permite ao indivíduo que faça os ajustes necessários para melhorar sua *performance*.

Seguir essa ideia Hackman; Oldhan (1975) define o sentido do trabalho como uma estrutura afetiva formada por três componentes: o significado; a orientação; e a coerência.

O primeiro se refere ao significado, às representações que o sujeito tem de sua atividade, assim como o valor que lhe atribui. O segundo à orientação, que é sua inclinação para o trabalho, o que ele busca e o que guia suas ações. E a terceira se

refere à coerência que é a harmonia ou o equilíbrio que ele espera de sua relação com o trabalho.

Salienta-se que cada ciência ou concepção irá atribuir significado e valor originário da sua percepção e da relação que se dar ao homem com o trabalho em sua peculiaridade. Contempla-se desta forma o homem como produto e produtor da sociedade na qual se insere.

Para ocorrer a relação entre o homem e o objeto de trabalho é necessário que ocorra nessa relação uma mediação, ou seja, que exista um meio de trabalho. O instrumental de trabalho (os meios) seriam o complexo de coisas que o trabalhador insere entre si e o objeto de trabalho (MARX, 2008).

Dejours; Abdoucheli (1994a) conceitua organização do trabalho como a divisão do trabalho, o conteúdo da tarefa, o sistema hierárquico, as modalidades de comando, as relações de poder, as questões de responsabilidade.

Os aspectos relativos à divisão e conteúdo das tarefas, sistema hierárquico e relações sócio-profissionais são estabelecidos a partir de padrões específicos do sistema de produção que, por sua vez, determina a estrutura organizacional na qual o trabalho é desenvolvido.

No entanto, cada categoria profissional está submetida a um modelo específico de organização do trabalho, na qual pode conter elementos homogêneos ou contraditórios, facilitadores ou não da saúde mental do trabalhador. Esta definição depende dos interesses econômicos, ideológicos e políticos daqueles que dominam o processo produtivo.

Para Kanaane (2009, p. 17) o trabalho assume as seguintes facetas:

- **Aspecto técnico**, que implica questões referentes ao lugar trabalho e adaptação fisiológica e sociológica;
- **Aspecto fisiológico**, cuja questão fundamental se refere ao grau de adaptação homem - lugar de trabalho - meio físico e ao problema da fadiga;
- **Aspecto moral**, como atividade social humana, considerando especialmente as aptidões, as motivações, o grau de consciência, as satisfações e a relação íntima entre atividade de trabalho e personalidade;
- **Aspecto social**, que considera as questões específicas do ambiente de trabalho e os fatores externos (família, sindicato, partido político, classe social etc.). Há de se considerar sob tal perspectiva a interdependência entre trabalho e papel social e as motivações subjacentes;
- **Aspecto econômico**, como fator de produção de riqueza, geralmente contraposto ao capital, e unido em sua função a outros fatores: organização, propriedade, terra.

Diante das informações, pôde-se perceber que o trabalho deverá ser definido de acordo com o contexto social, assim como as influências internas e ou externas do homem, e de como se estabelece esta relação do indivíduo com o trabalho. Além disso, faz-se necessário observar dentro deste contexto a distinção entre motivação e satisfação, assim a motivação corresponde aos processos internos e psicológicos

do indivíduo que associado aos fatores externos, que são caracterizados pela busca da realização das necessidades e da satisfação irá determinar o valor e o significado do trabalho para sua vida (KANAANE, 1999).

A atividade profissional constitui fonte de satisfação, se for de livre escolha, isto é, por meio de sublimação, tornar-se-á possível o uso de inclinações existentes, de impulsos instintivos (pulsionais) persistentes ou, constitucionalmente, reformados. No entanto, como caminho para a felicidade, o trabalho não é altamente prezado pelos homens. Não se esforçam em relação a ele como o fazem em relação a outras possibilidades de satisfação. Para Freud, as pessoas só trabalham sob pressão da necessidade, e esta aversão humana ao trabalho suscita problemas sociais extremamente difíceis (FREUD, 1996a).

Anthony (1984) faz-nos um resgate das idéias sobre o trabalho ao longo da história, procura-se identificar os valores que alicerçam os pressupostos para a sua relevância, na tentativa de descobrir as ideologias sobre o trabalho que, ao longo do tempo, transformaram-no em algo tão geral e comum para as pessoas. O autor conta que há mil anos, o trabalho era uma atividade tediosa, subordinada ao uso, à beleza e a felicidade. Para um ateniense, o trabalho não era um fim em si mesmo e os deveres de um cidadão, o exercício da política, eram incompatíveis com um emprego fixo e a falta de liberdade que este impõe.

Desta forma, Anthony (1984) informa que durante a Idade Média, o trabalho adquire outra feição: os servos trabalhavam em troca da proteção do senhor feudal. Eram tempos violentos, os roubos e saques às propriedades eram frequentes e não existiam governos centrais, suficientemente, fortes que garantissem a segurança das pessoas. O trabalho resumia-se a um ou dois dias de serviços prestados nas terras do senhor feudal, mas os servos também pagavam inúmeros impostos e taxas, que eram recolhidos e fiscalizados por intermediários.

Com o tempo, administrar essa forma de prestação de serviços tornou-se muito dispendioso e foi, pouco a pouco, substituída pelo trabalho pago com salários. Dobb (1977) explica que o trabalho, não era um assunto especial; era feito por necessidade, porque era ordenado pelo ciclo natural e por Deus.

Dobb (1977) também relata que as dificuldades enfrentadas pelos camponeses, obrigados a trabalhar quase à exaustão para o senhor feudal, que demandava sempre mais produção, para aumentar a sua renda e manter o seu estilo de vida. O autor comenta que alguns poucos conseguiam juntar capital suficiente para adquirir propriedades independentes, utilizar métodos mais sofisticados para o plantio e tratamento da terra e pagar pelo trabalho assalariado, forma-se uma classe de camponeses mais prósperos, que se distinguia da grande maioria.

Como tal, o trabalho é fonte de energia à disposição do Homem que, sob sua orientação, expressa uma intervenção dupla na natureza: (1) uma intervenção física, pela qual o mundo é transformado com base no seu conhecimento das leis naturais – o mundo é humanizado e (2) uma intervenção cultural, pela qual a sociedade e a história são continuamente criadas como produtos humanos... O trabalho é aqui assumido como uma gama de possibilidades de recursos, através da qual o Homem se relaciona com a natureza, modificando-a e dominando-a para realizar a sua indeterminação (MALVEZZI, 2000, p. 89).

Em outra perspectiva Arendt (1999) distingue o labor, alega que é inerente ao Homem e necessário ao seu sustento e à sua sobrevivência como espécie, e é consumido quase que na mesma hora em que o esforço é despendido, do trabalho, que cria produtos que garantem a permanência e a durabilidade do mundo desse homem, sugerir diferentes graus possíveis de satisfação na realização de cada um. E continua Arendt (1999), a benção do labor consiste no fato de que o esforço e a recompensa se seguem tão de perto quanto à produção e ao consumo dos bens de subsistência, de modo que a felicidade é concomitante com o próprio processo.

“Não existe felicidade duradoura fora do ciclo prescrito de exaustão dolorosa e regeneração agradável” (ARENDR, 1999, p. 120). A autora diferencia entre o trabalho exercido pelo homem e que está diretamente relacionado à sua sobrevivência, daquele que é desempenhado para a manutenção do mundo à sua volta, acrescentado que apenas o primeiro, o labor, pode ser fonte de felicidade.

Luria (1991) explica que a influência do ambiente com o trabalho humano na transformação da natureza e não em sua simples adaptação a ela, exige do homem o controle de seu comportamento que o permite, de certa forma, dominar a natureza e subordiná-la a seus fins. Nesse sentido, faz com que o comportamento seja social não somente em seu conteúdo, mas também em seus mecanismos, seus meios.

Ao invés de memorizar imediatamente algo de particular importância, o ser humano desenvolve um sistema de memória associativa e estrutural; desenvolvem-se a linguagem e o pensamento, surgem as ideias abstratas e criam-se inúmeras habilidades culturais e meios de adaptação [...] (VIGOTSY; LURIA, 1996, p. 62).

Assim, pode-se questionar o trabalho de forma significativa na vida do ser humano, atribuiu-se valores e condutas condizentes à qualidade de vida e à função social do trabalho diante a sociedade e de forma peculiar ao indivíduo em si.

1.3 O impacto da relação homem /trabalho na atualidade

O homem está inserido na sociedade como um ser criador e transformador, logo, suas criações e transformações estarão de acordo com suas crenças e seus valores. Porém, este encontro com o EU, quase sempre não acontece, gera-se muitas frustrações, sofrimentos e desajustes sociais. Estes desencontros muitas vezes não acontecem por falta de interesse e de força motivadora pela busca, mas,

em algumas circunstâncias pode ocorrer a busca e não ter o retorno esperado, talvez pelas condições de vida que se leva, que não favoreceram tal encontro consigo e com aquilo que se deseja.

Bergamini (1992, p.150)

A autorrealização requer que o indivíduo aceite as diferenças e reconheça que as dificuldades interpessoais não são conseguidas pela violência e o isolamento, senão através da comunicação. Uma pessoa que seja feliz com aquilo que se faz e se sinta satisfeita de que suas características pessoais tenham sido aceitas terá mais a oferecer aos outros e será mais conscientemente cooperativa com quem quer que seja.

Logo, pode-se perceber a importância do ajuste do EU individual, para poder então entrar em contato com o outro e então chegar a um encontro com os grupos e desenvolver as relações não somente no ambiente de trabalho como na vida pessoal e social. Desta forma, como qualidade de vida torna-se importante para o bom desempenho profissional, tal como a vida profissional, esta feira será necessário um ajuste entre as duas dimensões para um desempenho e satisfação do ser humano, em qualidade de vida, bem-estar pessoal e profissional (BERGAMINI, 1992).

De acordo com Bergamini (1992, p. 152) esse ser passa por modificações sensoriais e isso reflete em seu dia a dia

O homem contemporâneo, por uma série de razões: dele próprio, dos seus grupos sociais e do ambiente em que vive, tem apresentado, percentualmente, um aumento daqueles estados conhecidos como de ansiedade e angústia. O mal-estar característico de tais estados tem levado o homem à procura de melhores soluções para resolvê-lo, mas nem sempre se tem conseguido chegar a estratégias mais sadias. É bem por isso que grande número de pesquisas feitas atesta, por exemplo, um significativo aumento percentual no consumo de drogas acompanhado de grande número de atos delinqüenciais.

É incompreensível, não há dúvida, que se devem encontrar formas mais produtivas e confortáveis de evitar a inadequação humana. É notório que cada pessoa tenha uma tendência natural de considerar a sua problemática individual de forma prioritária. É por isso que cada um faz de si e de suas vivências o ponto de referência do universo no qual se encontra. Para suplantar as próprias dificuldades, cada ser humano está, constantemente, busca-se elementos que possam fornecer-lhe mais informações, esclarecer e equacionar melhor suas preocupações mais íntimas (BERGAMINI, 1992).

Em um sentido mais amplo, sabe-se que todos têm problemas e isso não significa que a existência de tais problemas internos ou não, necessariamente, significam anormalidade psíquica. Uma sobrecarga de dificuldades, dúvidas e conflitos impõe-se, normalmente, a cada um de nós em nossas atividades de rotinas.

Os problemas e situações desagradáveis exigem que cada um empregue recursos a fim de colimar soluções mais confortáveis. É claro que o esforço para conseguir tais soluções pode vir a precipitar desgaste psicológico e determinar uma espécie de esvaziamento de energia psíquica, dando lugar a uma sensação interna de pressão, consumidora dos tons vitais, objetivamente constatável sob forma de apatia e perda de motivação. A compreensão desse desgaste reacional fica mais fácil se observamos que, assim como os obstáculos do mundo físico consomem energia, requerendo a intervenção de qualquer tipo de força-para serem suplantados, no mundo psíquico também o mesmo acontece. Uma vez que alguém se vê diante de um impasse, há que reagir para livrar-se da situação conflitiva e nesse momento o reduto de forças internas é solicitado a entrar em ação, para que providências sejam tomadas com vista à solução do problema, daí o desgaste interno (BERGAMINI, 1992, p. 160).

A cada comportamento se tem um reduto de recursos pessoais utilizados, ou, para melhorar seu desempenho, para que seja gerido da melhor maneira possível. Isso não quer dizer que tais recursos se esgotem definitivamente; pelo contrário, eles vão se recompor e a cada obstáculo vencido a pessoa sente-se como que realimentada em seu próprio eu e mais predisposta a enfrentar novas e futuras etapas da vida. Caso não possa fazê-lo sozinho, deve-se compreender que precisa.

Para Hannas, (1983) o ajustamento é o processo psíquico por meio do qual o homem busca harmonizar o seu EU com o mundo, reduz a tensão interna, ou mantém-na até realizar o que pretende.

Estas questões podem ser observadas e desenvolvidas pelas organizações que priorizam a qualidade de vida de seus colaboradores dentro da organização, como perspectiva de maior desempenho, rendimento e participação que poderá refletir na qualidade do serviço oferecido, no reconhecimento desse trabalhador e da empresa.

Desta forma, Hannas (1983) informa que este ajuste mútuo do indivíduo enquanto pessoa e colaborador, e da empresa enquanto organização não acontece, muitos desequilíbrios e desajustes podem acontecer de ambas as partes:

- O colaborador enquanto pessoa poderá desenvolver a insatisfação, que irá desencadear a baixa produtividade, o cansaço, a monotonia que se transformará num fator estressor, que depende do grau desenvolverá outras doenças psicossomáticas como comorbidades. Influenciando em todos os aspectos de sua vida e a empresa enquanto organização sofrerá impactos financeiros, produtivos e de pessoal.
- O desgaste emocional causado pela relação de trabalho possui um forte impacto sobre a saúde e a qualidade de vida do indivíduo, podendo ser um dos fatores que levam o sujeito a desenvolver diversas patologias e pode chegar até um nível de invalidez, cujas doenças são explicadas como a manifestação de algo conscientemente, desconhecido que esta escondido e não se encontra nem uma maneira de vir à tona, converte-se em doenças físicas, como câncer, gastrites, doenças pulmonares e outras (HANNAS, 1983).

Assim, o termo psicossomático como vimos nos capítulos anteriores, surge da psique que significa mente, e do termo soma que é proveniente do corpo, ou seja, são doenças que são somatórias da mente e representadas pelo físico.

Logo, para Freire (2000) o estudo desta relação do corpo e da mente, dos processos biológicos e psicológicos serão compreendidos com a relação entre o trabalho e a saúde mental e a qualidade de vida do ser humano. Com isso, surgem alguns aspectos tais como: a importância do cuidado com a pessoa, de se tratar o sujeito como pessoa e não como máquinas robóticas, de se humanizar o tratamento entre organização e colaborador para que os rendimentos construídos ao longo deste processo, tenha, conseqüentemente, evolução em sua totalidade.

1.4 A relação de trabalho como sinônimo de satisfação

O termo Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) teve origem por volta dos anos de 1950, quando surgiram as preocupações iniciais com a relação homem-trabalho no ambiente empresarial. Essa preocupação se expandiu durante o período da revolução industrial, quando os operários passaram a reivindicar por melhores condições de trabalho, menores jornadas e salários mais justos. Assim, ficou evidente que a mão-de-obra necessária para produzir é movida por um homem com sentimentos e realizações pessoais, e que o estado emocional pode acarretar sérios problemas na produção.

Nesta época, na Inglaterra, Eric Trist e sua equipe, desenvolveram uma abordagem técnica da organização do trabalho, ajusta-se o trabalhador em seu ambiente de trabalho. Porém, apenas na década de 60, foi dada ênfase aos programas de qualidade de vida no trabalho, tais como: pesquisas para se diagnosticarem melhores formas de realização do trabalho e sobre a saúde e bem-estar dos trabalhadores.

A partir deste momento, a qualidade de vida no trabalho foi objeto de pesquisa em diversos países.

No Brasil, de acordo com o que revelam os estudos de Ayres; Silva (2004), uma especial atenção acerca desta área teve início somente na década de 80.

A pressão por melhores resultados, a insatisfação financeira e o estresse proveniente do ambiente de trabalho vêm a ocasionar redução na produtividade dos trabalhadores do ambiente empresarial. É nessa perspectiva que a empresa deverá oferecer atividades que, em contrapartida a esses fatores, proporcionarão bem-estar aos seus colaboradores, compensa-se seu esforço pela produção na empresa (FRANÇA JÚNIOR; PILATTI, 2004).

Ao longo da história, para a produção social da vida, os homens desenvolveram, de acordo com suas necessidades, determinadas relações de produção, ou seja, o

conjunto das relações humanas, que correspondiam à etapa do desenvolvimento das forças produtivas materiais da época.

Segundo Almeida (2005) a representação do trabalho em sua essência tem sofrido modificações, ao longo da história chega-se ao nível de compreensão da realidade e das necessidades do ser humano em sua totalidade, considera-o como distintas categorias sócio-profissionais.

Ao pensar nisso, Kanaane (2009, p. 99) enfatiza:

- O trabalho como fonte de prazer e satisfação;
- O trabalho como aliado às perspectivas de progresso e de desenvolvimento pessoal;
- O trabalho como autorrealização, autoatualização e desafios;
- O trabalho considerado elemento de sobrevivência, em que os fatores: salário, segurança, poder, status, afiliação, entre outros, passam a ocupar posições essenciais nas concepções que determinados grupos sociais elaboram sobre ele.

Diante do exposto, o indivíduo deverá atrelar suas atividades profissionais, associadas à satisfação e ao prazer, e a realização das suas necessidades e não como fonte de alienação, isso será compreendido como mediação das relações entre os sujeitos de diferentes contextos socioculturais.

[...] a personalidade alienada, ou a alienação em seus níveis psicológicos, expressa-se como se fosse um duplo da pessoa, que pouco a pouco ocupa seus gestos, suas reações, seus pensamentos e sentimentos, gerando a muda aceitação, a resignação e o conformismo da pessoa ou o seu fracasso, expresso em diferentes formas de sofrimento psicológico (MARTINS, 2007, p. 133).

Fica evidente a importância do bem-estar e a saúde do indivíduo no trabalho, pois é no trabalho que está passa a maior parte do seu tempo. A qualidade de vida está diretamente relacionada com as necessidades e expectativas humanas e com sua respectiva satisfação. Corresponder ao bem-estar do indivíduo, no ambiente de trabalho, são expressões das relações saudáveis e harmônicas (KANAANE, 1999).

Com a realidade das relações contemporâneas percebe-se que o fator trabalho como peça dominadora entre os seres, deverá ser o sujeito, o agente dominador. Segundo Kanaane (1999) o homem será domado pela obsessão de produzir mais e mais, de demonstrar resultados, e obter mais lucros e na maioria dos casos esquece-se de viver, de ter qualidade de vida focada nos valores e nas relações sociais. E esta busca incessante por resultados causa danos irreparáveis a sua vida em todos os âmbitos, seja na vida social, na saúde física e mental e até na qualidade de vida ambiental.

Em contrapartida, o trabalho será para o homem uma relação de manutenção de qualidade de vida, uma oportunidade de proporcionar melhores condições para o homem em todos os aspectos.

Assim, o termo qualidade de vida, pode ser considerado como as condições facilitadoras que são oferecidas ao trabalhador, para proporcionar satisfação no desempenho de sua atividade. Por meio desta interação, empresa e colaborador crescem e a probabilidade de satisfação de ambas as partes.

Salienta, Kanaane (2009, p. 59) que

As organizações exercem influência acentuada sobre os processos mentais e emocionais dos indivíduos que as compõem. As instituições (sistemas organizacionais, grupos de trabalho com cultura própria) podem atuar como ambiente integrador e enriquecedor para as pessoas que nelas trabalham ou contrariamente, podem desagregar e manipular as pessoas, que tendem a ser absorvidas por elas.

De acordo com tal pensamento, Fernandes (1996) comenta que se pode entender o ambiente de trabalho, bem como o grupo e a qualidade da gestão possuem fortes relevâncias na saúde e na vida do indivíduo, ou seja, um ambiente seguro, um ambiente harmônico no ponto de vista do clima organizacional, que ofereçam condições físicas e interacional das relações interpessoais poderá contribuir para ajustamentos mais sadios ao ambiente de trabalho, e a estrutura de personalidade do indivíduo, que por sua vez tende a ser influenciada fortemente, poderá causar fortes danos a vida pessoal e profissional deste colaborador.

1.5 Os bons resultados e a manutenção da qualidade de vida no trabalho (QVT)

A relação do homem com o trabalho, de certa forma, não é tranquila, essas dificuldades que permeiam esta instância, e que talvez tenha sido um agravante na dor humana. Entretanto, essa dificuldade está atrelada à mudança do conceito de trabalho, uma alteração subjetiva sobre a necessidade do trabalho.

À medida que a civilização contemporânea se configurou, o mundo do trabalho passou por uma transformação completa, profunda, que alterou o modo como as pessoas trabalhavam, o significado dessas atividades nas suas vidas e as normas sociais que regulamentavam as diferentes práticas profissionais. (DIAS, 2009, p. 14).

A Revolução Industrial trouxe uma proposta de felicidade, uma esperança de crescimento, que a atualidade não apresenta. Hoje falamos em crise mundial, precarização do trabalho, e temos um homem que labora, consumista e consumível, pois, no processo de evolução do trabalho mudaram-se os conceitos, os parâmetros, as metas, os objetivos, as formas de ver e de fazer (ANTUNES, 2002).

O trabalho foi-se moldando às novas configurações da realidade e da sociedade, as tarefas e às suas exigências. O trabalhador deixou de ser o operário executor e passou a assumir o papel de operador, controlador de máquinas planejadas para minimizar o custo do trabalho e maximizar a produtividade.

As novas tecnologias e formas de gestão, oriundas do final da década de 70, com novos arranjos organizacionais, foram arquitetadas em busca de estruturas mais flexíveis. A hierarquia ganhou mais leveza com o corte de níveis hierárquicos. A terceirização passa a ser uma prática disseminada com forte enxugamento dos trabalhadores (ANTUNES, 2002).

Os processos de trabalho, sob o impacto das inovações tecnológicas, alteram a relação do indivíduo com a atividade laboral e exigem novas competências e com agilidade. Os trabalhadores são pressionados a dominar uma gama cada vez mais ampla de tarefas e a desenvolver competências múltiplas. Novos modelos de gestão são construídos com vistas a elevar a produtividade e fazer frente à competitividade.

Diante dessa pressão, quando a relação do trabalhador com a organização não possibilita uma harmonia psíquica, pode ocorrer o sofrimento, uma vez que a energia pulsional que não encontra canais de descarga no exercício do trabalho, acumula-se no aparelho psíquico, ocasiona-se com isso, sentimentos de desprazer e tensão (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994b).

E assim como explica Freud (1996), nos escritos sobre o mal-estar na civilização, percebemos que a função do trabalho é ineficaz para nosso desejo de felicidade e enfrentamento das contradições. É preciso cogitar que infelicidade ou mal-estar é algo comum e pensar o trabalho não só como mais-valia, e sim como valor de uso, que possa nos proporcionar um sentido.

Cabe, portanto, a nós, trabalhadores, refletirmos sobre nossas práxis e sujeitarmos ao princípio de realidade, pois a meta de satisfação, mesmo que substitutiva como disse Freud (1996), não pode ser abandonada, visto que nos garante certa proteção contra o sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados percebeu-se a importância do investimento por parte da organização no processo de humanização, do cuidado com o colaborador para melhor desenvolvimento da empresa e das pessoas que nela trabalham, visto que o indivíduo satisfeito, trará maior lucratividade. Identificou-se a necessidade de atuação dos profissionais qualificados nas áreas de humanas, mais especificamente um psicólogo, para poder identificar, classificar, estimular e desenvolver a realização das necessidades destes colaboradores, mantém-se assim seu nível de motivação. Como pode ser comprovado por meio da teoria do Maslow, que as buscas pela realização das necessidades humanas acontecem gradativamente, surgir uma necessidade após a realização da outra, impulsiona o indivíduo na busca pela tal realização mantém-no assim sempre motivado. Esta busca pela realização acontecerá de forma equilibrada de modo a não prejudicar outras áreas da vida do

ser humano. Visto que para o homem funcionar plenamente é necessário harmonizar, equilibrar todas as áreas de sua vida. As organizações terão uma visão do homem como um ser biopsicossocial, que precisa ser considerado em todos seus aspectos, mediante suas atitudes e comportamentos, desde sua cultura, sua carga genética, seus valores e crenças, para então poder avaliar e desenvolver aquilo que o sujeito tem de melhor.

É importante que as organizações tenham uma visão integrada do seu patrimônio vivo, que estes sejam vistos como um todo e não como parte deste todo, uma vez que dentro de uma empresa ele não é só um número, este carrega consigo uma carga de fatores que formam este ser. Nesta percepção do ser como um todo, não espera-se que os seres tenham as mesmas respostas em um mesmo momento, visto que cada pessoa é única e singular, cada uma terá respostas e comportamentos diferenciados para se realizar uma mesma atividade. Diante desta visão integradora dos seres humanos, da consideração individual da realização das suas necessidades, dos caminhos que são traçados por cada um para se chegar a autorrealização precisa ser bem acompanhado e assistido para que não se tenham graves entraves que possam prejudicar o desenvolvimento do sujeito.

A organização que tem como foco a visão do todo, a consideração pela pessoa, terá maior probabilidade e grau de satisfação não só do seu cliente interno como também de seus clientes externos, gera maior participação e lucros. Essas pessoas integrantes e participantes ativas dessa empresa, quando realizados e motivados resultam em um ciclo de satisfação, empresa-colaborador e colaborador- empresa. O homem será considerado em sua complexidade como um ser que pensa, reflete, produz ideias novas, que é capaz de provocar mudanças, nas quais podem ser para melhor ou pior. Tudo dependerá do seu estado de motivação, bem como da forma como ele é tratado dentro da organização.

As relações de poder também foram analisadas e serão uma constante na vida de qualquer pessoa e encarada como parte integrante das relações humanas, mas isso varia em intensidade, de acordo com cada situação vivenciada. Diariamente, somos envolvidos ou influenciados, e até mesmo incentivados nessas relações de poder, tanto no trabalho quanto em casa. É importante que todos tenham consciência que a ação e reação causada por esse processo faz parte da sociedade, ou seja, é por meio dela que descobrimos, almejamos ou realizamos atividades, e é assim que as transformações muitas vezes acontecem. Por isso, o trabalho será para o homem uma qualidade de vida desejada, mesmo que subjetivamente, e por meio das organizações empresariais, uma fonte de realização e de satisfação e não mais um local de alienação e de opressão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. A. B. de. **Desenvolvimentismo e lazer**. Revista Lecturas. Vol. 10, n. 87, 2005.
- ANTHONY, P. D. **The Ideology of Work**, London: Tavistock Publications, 1984.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 2002.
- ARENDT, H. **A condição humana**, 9. ed., São Paulo: Forense, 1999.
- AYRES, K. V.; SILVA, I. P. **Stress e qualidade de vida no trabalho**: a percepção de profissionais do setor de hotelaria. In: Fórum Internacional de Qualidade de Vida no Trabalho, 4. ed., Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: ISMA-BR, 2004.
- BERGAMINI, C. W. **Psicologia aplicada à administração de empresas**: Psicologia do comportamento organizacional. São Paulo: Atlas, 1992.
- BROWN, J.A.C. **A psicologia social da indústria**. São Paulo: Atlas, 1976.
- CHANLAT, J. F. **Por uma antropologia da condição humana nas organizações**. (Trad.) Ofélia de Lana Sette Torres, In _____ (Org.) O indivíduo nas organizações, dimensões esquecidas, Vol I, São Paulo: Atlas, 1996.
- DEJOURS, C; ABDOUCHELI, E. **Desejo ou motivação?** A interrogação psicanalítica do trabalho. (Trad.) Fernando C. Prestes Motta, In DEJOURS, C., ABDOUCHELI, E, JAYET, C.. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994a.
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994b.
- DIAS, R. C. S. **Relação homem-trabalho**: entre o bem e o mal-estar. *Omnia Saúde*, v.6, n.2, p.01-14, 2009.
- DOBB, M. **A evolução do capitalismo**, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- FRANÇA JÚNIOR, N. R.; PILATTI, L. A. **Gestão de qualidade de vida no trabalho (GQVT)**: modelos que os líderes e gestores podem utilizar para propiciar uma melhor qualidade de vida no trabalho. In: Simpósio de Engenharia de Produção, **Anais**. Bauru: UNESP, 2004.
- FERNANDES, E. C. **Qualidade de vida no trabalho**. Salvador: Casa da Qualidade, 1996.
- FREIRE, C. A. **O corpo reflete o seu drama**: somatodrama como abordagem psicossomática. São Paulo: Agora, 2000.
- FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- _____. **O mal-estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- FIORELLI, J. O. **Psicologia para administradores**. 7. ed., São Paulo: Atlas, 2011.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2002.

HACKMAN, J. N.; OLDHAM, G. R. **Development of the job diagnostic survey**. In: Journal of Applied Psychology, s.l., v. 60. n. 2., 1975.

HANNAS, M. L. **Psicologia do ajustamento**. Petrópolis: Vozes, 1983.

HANNAS, M. L.; FERREIRA, A. E.; SABOYA, M. **Psicologia do ajustamento**, 6. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KANAANE, R. **Comportamento humano nas organizações: o homem rumo ao Século XXI**. São Paulo: Atlas, 1994.

_____. **Comportamento humano nas organizações**. São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Comportamento humano nas Organizações: o homem rumo ao século XXI**, 2.ed., São Paulo: Atlas, 2009.

LEWIS, A, *et al.* **The new economic mind - The social psychology of economic behavior**. Londres: Harvester/Wheatsheaf, 1995.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral: linguagem e pensamento**. v. IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

MAGALHÃES, L. R. de. **Aprendendo a lidar com a gente: relações interpessoais no cotidiano**. 2. ed., Bahia: EDUFBA, 2001.

MALVEZZI, S. **A construção da identidade profissional no modelo emergente de carreira, Organizações e Sociedade**, v.7, n.17, jan/abr, 2000.

MARTINS, L. M. **A natureza histórico-social da personalidade**. Caderno CEDES, Campinas, SP, v. 24, n. 62, 2007.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. v.I. (Trad.). Reginaldo Sant' Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MASLOW, A. H. **Maslow no gerenciamento**. Rio de Janeiro: Qualymark, 2001.

MORGAN, G. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal**. rev. amp. José Olímpio, 3. ed., Rio de Janeiro: Técnicos e científicos, 1998.

NAZARETH, E. R. **Mediação: o conflito e a solução**. São Paulo: Artepaubrasil, 2009.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

RURUP, B. **Trabalho do futuro e futuro do trabalho**. Alemanha, Deutschland, 1994.

VERGARA, S. C. **Projeto e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2003.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

WEIL, P. **Relações humanas na família e no trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ECOSOFIA AMBIENTAL E A RELAÇÃO DO HOMEM E A NATUREZA NA SOCIEDADE MODERNA

Data de aceite: 17/01/2020

Kellison Lima Cavalcante

Licenciado em Filosofia (UFPI) e Mestre em Tecnologia Ambiental (ITEP). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF Sertão-PE).
Petrolina – Pernambuco

RESUMO: Entre suas funções, a Filosofia nos permite compreender a realidade e, diante das questões ambientais da atualidade, a Ecosofia consiste no estudo da relação entre a natureza e os seres humanos, propondo discussões entre meio ambiente, homem e relações sociais na modernidade. Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre a relação do homem com o meio ambiente através dos princípios da Ecosofia Ambiental. A Ecosofia proposta por Guattari (2009) aborda a nossa compreensão, como parte do meio em que vivemos, e como aprendemos e agimos sobre a problemática ambiental, tendo por base as três ecologias: a do meio ambiente, a das relações sociais e a da subjetividade humana (mental). Assim, é possível compreender que a Ecosofia Ambiental é mais que uma reflexão sobre ecologia, natureza e relação homem-natureza, é uma busca por ações concretas, levando em consideração a interação do homem com o meio ambiente.

Dessa forma, a Ecosofia estimula uma ampla consciência ambiental, possibilitando extrair do campo da aprendizagem e do conhecimento o potencial de nos tornarmos capazes de compreender o que o nosso planeta precisa e rever nossas ações.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Ecologia. Sociedade.

ABSTRACT: Among its functions, Philosophy allows us to understand reality and, given the current environmental issues, Ecosophy consists in the study of the relationship between nature and human beings, proposing discussions between environment, man and social relations in modernity. This work aims to reflect on the relationship between man and the environment through the principles of Environmental Ecosophy. The Ecosophy proposed by Guattari (2009) addresses our understanding as part of the environment in which we live, and how we learn and act on environmental issues, based on the three ecologies: the environment, social relations and the environment. human (mental) subjectivity. Thus, it is possible to understand that the Environmental Ecosophy is more than a reflection on ecology, nature and man-nature relationship, it is a search for concrete actions, taking into consideration the interaction between man and the environment. In this way, Ecosophy stimulates a broad environmental awareness,

making it possible to extract from the field of learning and knowledge the potential to become able to understand what our planet needs and to review our actions.

KEYWORDS: Philosophy. Ecology. Society.

1 | INTRODUÇÃO

No processo evolutivo da espécie humana, o homem disputava os alimentos e o espaço com os animais, como forma de sobrevivência e demarcação de territórios. Porém, com o tempo marcou-se o desenvolvimento de habilidades relacionadas à racionalidade do homem, como a criação e uso de ferramentas para conseguir alimento e dominar o espaço. Nos primórdios da existência, o homem retirava da natureza apenas o essencial para o seu sustento sem interferir de forma agressiva no ecossistema.

No entanto, num determinado período da história, o homem começa a dominar a natureza e a maneira de manejar os recursos naturais vem sendo modificada a cada geração. Assim, a agricultura e a pecuária são resultados do desenvolvimento das habilidades do homem e das maneiras de manejar os recursos naturais, como parte do processo de dominação da natureza. Tendo como resultado um processo de mudança na relação entre homem-natureza, desencadeando uma relação desigual e de mudança significativa no ambiente em que estamos inseridos. Diante do exposto, Carvalho e Souza (2012) ressaltam que o campo, um dos assentamentos humanos mais antigos, vem sofrendo enorme transformação e suas atividades econômicas funcionam cada vez mais no ritmo de fábricas.

A sedentarização do homem no campo e as transformações do ambiente provocam a busca e a disseminação de conhecimento necessário para a compreensão da relação do homem e a natureza na sociedade moderna. Dessa forma, a discussão proposta nesse trabalho proporciona a construção de novos saberes socioambientais e ecológicos, e, sobretudo da condição humana na modernidade. O enfoque de discussão entre sociedade e natureza na perspectiva da co-evolução mitigará inovações e conhecimentos para as relações sociais e ambientais, como o reconhecimento da relação entre o homem e a natureza para um manejo e desenho de um desenvolvimento sustentável, em seus princípios ambientais e sociais.

Dessa forma, a Ecosofia consiste mais do que apenas uma Filosofia da Ecologia e sim um modo de pensar a destruição da natureza e das relações humanas na sociedade contemporânea. Assim, a Filosofia, através da consciência da deterioração do meio ambiente e das relações sociais, insere o homem na concepção da realidade que vivencia, procurando respostas e soluções para os problemas que identifica. Propõe analisar a humanidade de forma integradora do meio em que vive através da articulação prática do cotidiano do homem.

A Ecosofia consiste em despertar a condição humana no meio ambiente, enfatizando a formação de um novo ser humano, com base nas três ecologias. Dessa maneira, o pensamento ecosófico possibilita a reflexão e a compreensão do desenvolvimento de novas práticas sociais e analíticas na busca da criação de novas subjetividades, tornando o homem como um ser capaz de interagir com o meio ambiente. Essa reflexão subsidia o aprofundamento das normas éticas e premissas sociais da ação humana no meio ambiente.

A Ecosofia se configura como uma necessidade social, criando uma conscientização de que todos devem cuidar e preservar o meio ambiente para as futuras gerações, formando indivíduos atuantes. A Ecosofia torna o homem participante nas discussões e no debate das questões ambientais e nas suas soluções. Nessa perspectiva, esse trabalho tem como objetivo refletir sobre a relação do homem com o meio ambiente através dos princípios da Ecosofia de Félix Guattari, principalmente na contribuição do pensamento filosófico.

2 | PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se fundamenta no método dialético com foco na abordagem da formação humana nos fundamentos da Ecosofia. Utilizou-se uma abordagem descritiva, bem como do caráter bibliográfico, no sentido do liame entre a relação do homem e a natureza no processo de conscientização ecológica.

Nesse sentido, a pesquisa é delineada a partir de uma pesquisa bibliográfica. Gil (2008) ressalta que a pesquisa bibliográfica parte dos estudos exploratórios em busca ampliar e fundamentar a análise do tema em discussão, com a realização de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdos. Dessa forma, as fontes secundárias foram obtidas através de consultas em bases de dados disponibilizadas no Portal Periódicos Capes, como SciELO, Scopus e Google Academic, através dos indexadores de ecosofia, ecologia profunda e ecologia humana. Para a análise e discussão, a pesquisa baseou-se nas técnicas de investigação e redação filosófica propostas por Cunha (2013), que destaca a leitura analógica e analítica de textos filosóficos.

3 | DISCUSSÕES A PARTIR DA ECOSOFIA AMBIENTAL

De acordo com Guattari (2009), vivemos no planeta sob a aceleração das mutações técnico-científicas e do desenvolvimento insustentável, que nos distanciam de nossas relações pessoais, sociais e ambientais. Diante dos novos padrões e modos de vida do homem, potencializamos uma crise ambiental derivada do interesse de produção e uso indiscriminado dos recursos naturais.

Conforme Guattari (2009) as intensas transformações na natureza engendram os fenômenos de desequilíbrios ambientais e que paralelamente influenciam os modos de vida do homem do campo, que evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. Dessa forma, a capacidade de desenvolvimento do pensamento racional e crítico da problemática em sua totalidade e conjunto oportunizam remediar as implicações futuras da existência humana e do meio ambiente, estabelecendo processos de desenvolvimento territorial. Assim, Guattari (2009) desenvolveu a teoria da Ecosofia, a partir da Ecologia Profunda de Arne Naess, que consiste na articulação entre os três registros ecológicos (o da subjetividade humana, o das relações sociais e o do meio ambiente) para esclarecer a problemática ambiental.

Disso decorrerá uma recomposição das práticas sociais e individuais que agrupo segundo três rubricas complementares – a ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental – sob a égide ético-estética de uma ecosofia (GUATTARI, 2009, p. 23).

Dessa forma, a Ecosofia consiste mais do que apenas uma Filosofia da Ecologia e sim um modo de pensar a destruição da natureza e das relações do homem na sociedade contemporânea. Assim, através da consciência da deterioração do meio ambiente e das relações sociais, insere o homem na concepção da realidade que vivencia, procurando respostas e soluções para os problemas que identifica. Propõe analisar a homem de forma integradora do meio em que vive através da articulação prática do seu cotidiano.

Segundo Avila-Pires (1983) de um mero elo nos ecossistemas naturais, como um grande predador, o homem passou a influir decisivamente sobre o ambiente e adquiriu o poder de alterar os processos naturais, inclusive aqueles que regulam sua própria evolução. Nessa perspectiva, Maffesoli (2010) destaca que, com a abrangência das discussões da problemática ambiental em função de uma atitude filosófica, o homem passa a viver em um momento de transição de predador da natureza para o que deseja conviver em harmonia. Assim, o homem procura soluções para a relação com o meio ambiente, deixando de ser o centro para um olhar mais amplo para todas as direções. Para Maffesoli (2017), a Ecosofia consiste em uma mudança de paradigma, onde o homem tem a consciência que é parte indissociável do meio ambiente.

As constantes mutações do mundo contemporâneo, provocando as múltiplas e multiformas da subjetivação do homem e as fragilidades heterogêneas das relações sociais, torna essencial o pensamento racional e lógico sobre as questões e problemáticas ambientais em escala planetária. A partir dessas mutações, a atitude filosófica tem como finalidade conectar os elementos de constituição do ser e o desenvolvimento de práticas específicas que comuniquem os avanços tecnológicos,

científicos e culturais para a preservação da natureza.

Com as metamorfoses da *psyché* e do *socius* na contemporaneidade, a natureza auferiu uma forma maquínica, como um produto do Capitalismo Mundial Integrado para o avanço e evolução da humanidade. Assim, para Guattari (2009) o princípio da Ecosofia Ambiental é de que tudo nela é possível, tanto o pior como o melhor. De modo irracional, tanto as piores catástrofes são possíveis, como o caso de Chernobyl retratado pelo filósofo, como os acontecimentos de apropriações de encostas de montanhas, que em períodos chuvosos correm riscos de desmoronamento. Como também são possíveis as evoluções flexíveis do homem, que usa o conhecimento e a sabedoria para melhorar o mundo em que vive, como o uso do que a natureza nos oferece em fontes renováveis e sem a destruição do nosso habitat natural, com as energias oriundas da luz e do calor solar, do movimento das marés e da força dos ventos.

Nesse sentido, Guattari (2009) desenvolve o sentido da eco-lógica na apropriação da lógica das intensidades dos processos evolutivos da humanidade nos problemas do meio ambiente. Assim, a eco-lógica, como uma atitude filosófica, racional e crítica das situações da contemporaneidade, consiste na busca de conhecimento e ação sobre os movimentos e processos de evolução, que resultam na degradação do Planeta. Assim, conforme Leff (2007) a racionalidade ambiental consiste no reencontro da realidade, na ressignificação do mundo e da natureza.

Dessa forma, para Guattari (2009) a Ecosofia Ambiental objetiva a articulação de novas práticas ecológicas. Essas novas práticas ecológicas devem tornar progressivas e atuantes as singularidades subjetivas da humanidade, passando para o pensamento coletivo, no bem estar do grupo. Assim, a heterogeneidade tem a capacidade de organização e articulação do funcionamento do sistema global.

Para isso, Guattari (2009) afirma que:

Em cada foco existencial parcial as práxis ecológicas se esforçarão por detectar os vetores potenciais de subjetivação e de singularização. Em geral trata-se de algo que se coloca atravessado à ordem “normal” das coisas - uma repetição contrariante, um dado intensivo que apela outras intensidades a fim de compor outras configurações existenciais. Tais vetores dissidentes se encontram relativamente destituídos de suas funções de denotação e de significação, para operar enquanto materiais existenciais descorporificados (p. 28).

No entanto, a eco-lógica difundida pela Ecosofia Ambiental não tem como obter respostas e verdades para os contrários, como em uma discussão dialética. Nessa atitude filosófica, os objetivos comuns para preservação e conservação do meio ambiente serão de todos, em um movimento coletivo de interesse global diante de problemáticas que emergem da postura individualista do ser e da competição social que marginaliza o ser em grupo.

Nesse contexto, Guattari (2009) que haverá momentos de ressingularização onde as subjetividades individuais e coletivas se manifestarão. Onde, justamente, a Ecosofia Ambiental despertará o caráter filosófico do uso da razão, procurando dirimir escolhas na produção e assimilação de perspectivas mais seguras para o meio ambiente. O que se faz evidente é a proposta articuladora da subjetividade do ser individual e da valorização das relações sociais na construção de um ambiente natural sem a intervenção antrópica.

Em minha opinião, a ecologia ambiental, tal como existe hoje, não fez senão iniciar e prefigurar a ecologia generalizada que aqui preconizo e que terá por finalidade descentrar radicalmente as lutas sociais e as maneiras de assumir a própria psique. Os movimentos ecológicos atuais têm certamente muitos méritos, mas, penso que na verdade, a questão ecosófica global é importante demais para ser deixada a algumas de suas correntes arcaizantes e folclorizantes, que às vezes optam deliberadamente por recusar todo e qualquer engajamento político em grande escala. A conotação da ecologia deveria deixar de ser vinculada à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados. Ela põe em causa o conjunto da subjetividade e das formações de poder capitalísticos - os quais não estão de modo algum seguros que continuarão a vencê-la, como foi o caso na última década (GUATTARI, 2009, p. 36).

A partir de então, a Ecosofia Ambiental despertará o engajamento e uma articulação eminente na crise ambiental avassaladora atual. Crise que se apropria desde a singularização do homem em sua individualidade, que toma conta da fragilização das relações sociais e emana na apropriação e utilização inadequada do nosso habitat natural. Como a própria raiz “eco”, utilizada na eco-lógica de Guattari (2009) para representar o nosso habitat e meio natural de viver e conviver em sociedade e como parte integrante e constituinte da natureza.

Diante dos paradoxos instaurados pelo distanciamento do homem em sua essência, provocados pelo capitalismo moderno, pela desculturalização e desterritorialização, a Ecosofia Ambiental e a sua articulação eco-lógica tem potencial para reequilibrar a problemática ambiental dominante. De acordo com Guattari (2009), torna-se fundamental falar da desterritorialização selvagem do Terceiro Mundo, que afeta concomitantemente a textura cultural das populações, o hábitat, as defesas imunológicas, o clima etc. De fato, a evolução e as constantes mutações da sociedade provocaram um desequilíbrio generalizado, que precisa de uma articulação ético-política através dos registros da Ecosofia.

Tratar-se-á antes de movimento de múltiplas faces dando lugar a instâncias e dispositivos ao mesmo tempo analíticos e produtores de subjetividade. Subjetividade tanto individual quanto coletiva, transbordando por todos os lados as circunscrições individuais, “egoizadas”, enclausuradas em identificações, e abrindo-se em todas as direções: do lado do socius, mas também dos Phylum maquínicos, dos Universos de referência técnico-científicos, dos mundos estéticos, e ainda do lado de novas apreensões “pré-pessoais” do tempo, do corpo, do sexo... Subjetividade da ressingularização capaz de receber cara-a-cara o encontro com

a finitude sob a forma do desejo, da dor, da morte... Todo um rumor me diz que nada disso se dá por si mesmo (GUATTARI, 2009, p. 54)!

Dessa forma, a partir do encontro das subjetividades individual e coletiva podemos refletir pelo uso da eco-lógica que as condições do meio ambiente não podem ser dissociadas da nossa condição de existência no Planeta. Essa condição está associada diretamente a nossa parte como integrantes do meio ambiente, nosso habitat, a nossa formação como um sujeito ambientalmente consciente.

Conforme Guattari (2009), a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar “transversalmente” as interações entre ecossistemas, mecanosfera e Universos de referência sociais e individuais. Assim, a Ecosofia Ambiental e os seus demais registros prioriza concernir às relações de uma ética ambiental e ações efetivas na preservação do meio ambiente.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o pensamento filosófico de Félix Guattari, vivemos em uma Mecanosfera em constantes mutações técnico-científica e cultural que dominam nosso modo de viver no Planeta. Surgiu então, a necessidade de se compreender a complexidade da vida pós-moderna regida pelos avanços da globalização. Dessa forma, quando os problemas ambientais começaram a torna-se prioridade no seio político e social contemporâneo, a Ecosofia proposta por Guattari procurou concatenar de forma lógica e racional o que a Filosofia poderia fazer pelo mundo e pela devastação do meio ambiente, como uma questão urgente.

Diante da crise ambiental no mundo pós-moderno e maquínico do capitalismo integrado, Guattari fundamentou-se no ativismo ecológico e político da Ecologia Profunda de Arne Naess na busca por uma Filosofia capaz de agir para minimizar o impacto da evolução humana sobre o meio ambiente. De sobremaneira, é possível observar sua inspiração pós-marxista como uma crítica ao paradigma antropocêntrico da natureza como um produto para o capitalismo e do homem desculturalizado e desterritorializado.

Para isso, a Ecosofia de Guattari propôs a observação, através de uma dimensão planetária e totalizante, das problemáticas contemporâneas, provocando uma verdadeira revolução política, social e cultural. Assim, a Ecosofia consiste na dimensão das relações do homem e da subjetividade humana (*psyché*), das relações sociais e da cultura (*socius*) e do meio ambiente (natureza), através das três ecologias: mental, social e ambiental. Dessa forma, busca-se uma dimensão ecossistêmica dos registros ecosóficos através da atitude filosófica.

A Ecosofia se expressa como uma atitude filosófica através da reflexão crítica

de um modo de coexistência e ressignificação entre o homem, a sociedade e a natureza. A partir desse pensamento o “natural” e o “cultural” surgem como entidades indissociáveis, trazendo a subjetividade humana, a multiplicidade social, o apoio aos direitos humanos e a diversidade ambiental como questões necessárias. Assim, é possível estabelecer como tudo se encontra interligado, desde a depressão, o suicídio, o racismo, a homofobia, o machismo, a violência e a degradação do meio ambiente. Todos os elementos se unificam em um agir filosófico para dirimir as antinomias entre o homem e a natureza.

O homem não se reconhece como parte indissociável da natureza e torna-a um produto de sua evolução, provocando grandes prejuízos ambientais e transformando a vida no nosso habitat natural de maneira desordenada. Assim, a Ecosofia Ambiental reúne a heterogeneidade das modificações antrópicas em busca da reparação das crises ambientais. Como podemos usar os avanços tecnológicos, através de uma conciliação mental e social, para a minimização dos impactos do aquecimento global. Desperta-se o engajamento da humanidade em uma articulação para a resolução e mitigação da problemática ambiental.

A Ecosofia se expressa como uma atitude filosófica através da reflexão crítica de um modo de coexistência e ressignificação entre o homem, a sociedade e a natureza. A partir desse pensamento o “natural” e o “cultural” surgem como entidades indissociáveis, trazendo a subjetividade humana, a multiplicidade social, o apoio aos direitos humanos e a diversidade ambiental como questões necessárias. Assim, é possível estabelecer como tudo se encontra interligado, desde a depressão, o suicídio, o racismo, a homofobia, o machismo, a violência e a degradação do meio ambiente. Todos os elementos se unificam em um agir filosófico para dirimir as antinomias entre o homem e a natureza.

REFERÊNCIAS

AVILA-PIRES, F. D. **Princípios de ecologia humana**. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS/ Brasília: CNPq, 1983.

CARVALHO, D.; SOUZA, B. **Novos tempos, novas engrenagens**: as transformações no campo e suas dinâmicas urbanas. São Paulo: Editora do Brasil, 2012.

CUNHA, J. A. **Iniciação à investigação filosófica**: um convite ao filosofar. 2. ed. Campinas-SP: Editora Alínea, 2013. 456 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 20. ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2009.

LEFF, E. La complejidad ambiental. **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana**, v. 5, n. 16, p. 1-18, 2007.

MAFFESOLI, M. Ecosofia: sabedoria da casa comum. **Revista Famecos Mídia, Cultura e Tecnologia**, v. 24, n. 1, jan./abr., 2017.

_____. **Saturação**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

ANÁLISE DA EFICIÊNCIA DO TRATAMENTO DE ESGOTO POR ZONA DE RAÍZES NA REMOÇÃO DE NUTRIENTES

Data de aceite: 17/01/2020

Data de submissão: 02/11/2019

Elsa Daiana Correa Morel

Uniamérica – Centro Universitário

Foz do Iguaçu – Paraná

ID Lattes: 0905437131421620

Otávio Augusto Barbosa

Uniamérica – Centro Universitário

Foz do Iguaçu – Paraná

ID Lattes: 8224575760033277

Henrique Correa da Silva

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Foz do Iguaçu – Paraná

ID Lattes: 3462132880428326

Rafael Rick Niklevicz

Uniamérica – Centro Universitário

Foz do Iguaçu – Paraná

ID Lattes: 6144886174266412

Patricia Biondo

Uniamérica – Centro Universitário

Foz do Iguaçu – Paraná

Guilherme Migliorini

Uniamérica – Centro Universitário

Foz do Iguaçu – Paraná

RESUMO: Baseando-se no grande número de residências e seus resíduos de esgoto,

notou-se uma grande preocupação quanto à questão de tratamento das redes de esgoto. Uma vez que não se dê o devido tratamento, alguns problemas como a eutrofização de corpos hídricos podem ocorrer, desencadeando assim, um possível desequilíbrio ecológico, e uma grande deteriorização da biota aquática. Considerando isso, com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento da prática da tecnologia do tratamento utilizando-se a zona de raízes, o presente trabalho visa uma avaliação comparativa de diferentes formas de tratamento de efluentes doméstico, sendo uma análise feita a partir da coleta do efluente tratado em uma empresa de saneamento básico, que utiliza o reator anaeróbio de leito fluidizado (RALF), e o segundo ponto da coleta para análise foi na Escola Municipal Padre Luigi Salvucci, localizado na cidade de Foz do Iguaçu, onde se faz tratamento através de zona de raízes. As coletas foram encaminhadas para a análise em laboratório para posterior comparação da eficiência de tratamento.

PALAVRAS-CHAVE: Tratamento, Efluentes, Análise.

ANALISIS OF EFFICIENCY OF SEWAGE TREATMENT BY ROOT ZONE IN NUTRIENT REMOVAL

ABSTRACT: Based on the large number of

homes and their sewage waste, there has been a great concern to the treatment of sewage networks. Once it is not given the proper treatment, some problems such as eutrophication of aquatic system may occur, unleashing thus a possible ecological imbalance, and a large deterioration of aquatic biota. Taking that into account, in order to contribute to the development of the practice of treatment technology using the root zone, this work aims at a comparative assessment of different forms of treated of domestic wastewater, and an analysis from the collection of treated effluent in a sanitation company, which uses anaerobic fluidized bed reactor (AFBR), and the second point of collection for analysis was at the Municipal School Padre Luigi Salvucci, located in Foz do Iguaçu, where it is treatment through root zone. The samples were sent for laboratory analysis to compare the treatment efficiency. Analyses are attached to the end of this article.

KEYWORDS: Treatment, Effluent, Analysis.

1 | INTRODUÇÃO

Segundo o IBGE(2012), o Brasil possui aproximadamente 68,2 milhões de domicílios, sendo que desses domicílios apenas 57,1% possuem coleta de rede de esgoto. Logo, quando não se faz o tratamento apropriado dos efluentes gerados desses domicílios, pode-se ocorrer a eutrofização dos corpos hídricos e desencadeando o equilíbrio ecológico e a deterioração da biota aquática. Além dos problemas ambientais gerados, destacam-se os problemas gerados para saúde pública e a economia da região (Abrantes, 2009).

Com esses problemas, aumenta-se a importância de criação de tecnologias para minimizar os impactos gerados, pela falta de saneamento e melhoria da qualidade de vida da população. Utilizando-se a tecnologia da zona de raízes que tem se saído uma alternativa com resultados positivos e já aplicada em vários países, e em vários locais desde pequeno porte a grandes geradores de efluentes, e tendo seu custo baixo e a fácil operação e manutenção se tornam fatores favoráveis para a utilização dessa tecnologia (Oliveira, 2010).

Os dados da pesquisa encontram-se detalhados no texto deste trabalho, o qual foi organizado em três seções, além desta introdução e das conclusões finais. A primeira traz as fundamentações teóricas para a pesquisa. Em seguida, a seção dois retrata a metodologia do trabalho. Por último, a seção três contém as análises e a discussão dos resultados levantados, a partir das coletas e dos efluentes analisados no laboratório.

2 | MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho tem como método de estudo parâmetros estabelecidos

através de legislação pertinente e artigos relacionados ao assunto, além de serem feitas duas coletas e análises de amostras para identificar os padrões de lançamentos de efluentes, optamos por dois tipos de estação de tratamento, sendo a convencional através do reator anaeróbico de Leito Fluidizado – RALF instalado em uma empresa de saneamento básico e a segunda opção para coleta e comparação foi o método de tratamento por zona de raízes localizada em uma escola municipal, ambas no município de Foz do Iguaçu – PR.

Na etapa de estudo bibliográfica, as Resoluções a serem utilizadas foram CONAMA 357/2005 e 430/2011, que tratam de padrões de lançamentos de efluentes e a Resolução ANA 724/2011 que consta o Guia Nacional de Coleta e Preservação de amostras, consultas a artigos científicos para auxílio no assunto em questão e escolhas dos parâmetros a serem analisados.

A fase de coleta e análises foi iniciada após ter sido concluído o embasamento teórico do Manual da ANA. Nesta fase foi estabelecido o ponto de amostragem e posteriormente, feita a coleta, obedecendo sempre às normas de coleta e preservação de amostras. A primeira coleta foi feita na ETE convencional e encaminhada ao laboratório, posteriormente foi feita coleta na ETE por zona de raízes e enviada para o laboratório para análise dos parâmetros.

Desde a década de 70 o reator anaeróbico de leito fluidizado (RALF) tem sido um objeto intenso de pesquisa. Este tipo de reator mostrou-se tecnicamente adequado e foi aplicado com sucesso no tratamento de águas residuárias municipais e efluentes industriais (Cabello, 1981). Segundo o Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas – SANEP, O reator RALF é uma unidade de tratamento em que no seu interior se processa uma reação biológica em cadeia decompondo e estabilizando a matéria orgânica pela ação de microrganismos anaeróbios (sem oxigênio). Esse tratamento diminui a carga orgânica do efluente reduzindo os danos ao meio ambiente.



Figura 1. Reator Anaeróbico de Leito Fluidizado (RALF) e forma de tratamento de esgoto no RALF.

Fonte: SANEP, 2016

Segundo Almeida et al.(2010), o sistema de tratamento de esgoto utilizando a

tecnologia da zona de raízes pode ser aplicado em pequenas comunidades, escolas e domicílios unifamiliares, por ocupar pouco espaço no terreno. Outra vantagem dessa tecnologia é que o efluente passa por duas fases, primeira fase é a fossa séptica que distribui o efluente para a zona de raízes que é composta por plantas que devem ser plantada em um filtro físico que é formado por uma manta de impermeabilização, seguindo de um cano que recebe o esgoto tratado, seguindo de uma camada de areia de 30 a 40 cm de espessura, acima aplicado a camada de brita formada entre 40 a 60 cm de espessura e a aplicação das plantas formando a zona de raízes, que ao final o efluente apresenta resultados positivos na redução das matérias orgânicas e dos sólidos sedimentáveis, com isso respeitando os padrões estabelecidos para cada classe seguindo as normas do CONAMA.



Figura 2. Esquema de uma ETE por zona de raízes e etapas de instalação da ETE por Zona de raízes na Escola Municipal Padre Luigi Salvucci em Foz do Iguaçu, PR.

Fonte: Adaptado de Van Kaick (2002) e arquivo Escola Municipal Padre Luigi Salvucci.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

As amostras analisadas em laboratório apresentaram Nitrogênio Amoniacal Total de 29,79 mg/L para a amostra de tratamento convencional e 1,01 mg/L para amostra de tratamento por zona de raízes. Sendo que o valor aceito pela Resolução 430 de 2011 é de até 20,0 mg/L N, no caso do tratamento convencional o valor ficou acima do especificado em Resolução, no caso do tratamento por zona de raízes mostrou-se satisfatório. Quanto à análise do nutriente Fósforo, a Resolução Conama 430 de 2011 não especifica valor máximo, contudo pode-se usar como base a Resolução Conama 357 de 2005 que especifica o valor de acordo com a classe em que o rio onde o efluente será despejado se enquadra. No caso da Bacia do Paraná os rios estão enquadrados na Classe II, portanto o limite máximo aceito para ambientes intermediários é de 0,10 mgP/L. Sendo a amostra de tratamento por zona de raízes apresentou resultado 0,157 mg/L e de 1,80 mg/L para o tratamento convencional, mostraram que os dois excedem o limite máximo aceito pela Resolução para efluente despejado no Rio Paraná de classe II. Nesse caso a Resolução Conama, no artigo

10, especifica que os valores máximos aceitos podem ser alterados em decorrência de condições naturais, ou a base de estudos ambientais que comprovem o não prejuízo dos corpos de água.

Parâmetro	Res. 430	Res. 357	ETE Convencional	ETE Zona Raízes
Nitrogênio Amoniacal Total	20,0mgN/L	-	29,79mgN/L	1,01mgN/L
Fósforo Total	-	0,10mgP/L	1,80mgP/L	0,157mgP/L

Tabela 1. Relatório de Ensaio de Nutrientes, calculados conforme referência normativa Standard Methods for the Examination of Water and Wastewater 22 th Edition.

Nesse sentido observou-se que o tratamento por zona de raízes mostrou-se mais eficiente na remoção de nutrientes. Além da vantagem da ETE por zona de raízes eliminar o mau cheiro através das próprias raízes que funcionam como filtro e as plantas que funcionam como ornamento natural.

4 | CONCLUSÃO

A decisão de escolher o método para tratamento de esgoto depende do tipo de efluente a ser tratado, tamanho do local para implantação e cumprimento de normas estabelecidas em resolução. O tratamento por zona de raízes mostra-se como uma alternativa viável e saudável para tratamento de efluente a ser liberado nos rios que posteriormente são utilizados pela população para lazer, pesca ou até mesmo tratamento para consumo.

O tratamento por zona de raízes vem se expandindo no mundo todo como opção viável e no caso do comparativo realizado através deste estudo, mostrou-se eficaz na remoção dos nutrientes fósforo e nitrogênio. Como o local estudado trata-se de uma escola, que recebe o esgoto de todos os espaços, incluindo banheiros e cozinha, nota-se que este pode ser eficaz em atender resolução que trata do tema. Outro fator importante é o visual agradável que as plantas presentes no tratamento por zona de raízes podem oferecer, além do controle de odores, pois as próprias raízes funcionam como filtro.

REFERÊNCIAS

ANA. Agência Nacional das Águas. **Resolução N° 724, DE 3 de outubro de 2011**. 1 ed. Rio de Janeiro, 2011. 225 p. Acesso em: 20 Jun. 2016.

ABRANTES, L. L. M. **Tratamento de esgoto sanitário em sistema alagados construídos utilizando typha angustifolia e phragmites australis**. Goiana: Universidade Federal de Goiás, 2009. 142 f. Monografia (Especialização).

ALMEIDA, R. A.; PITALUGA, D. P. S.; REIS, R. P. A. **Tratamento de esgoto doméstico por zona de raízes precedida de tanque séptico**. Goiana: Universidade Federal de Goiás, 2010. 81 f. Monografia (Especialização).

CABELLO, P. E.; SCOGNAMOGGIO, F. P.; Téran, F. J. C. **Tratamento de Vinhaça em Reator Anaeróbio de Leito Fluidizado**. 2009. v. 6, n. 1, p. 321-338. Engenharia Ambiental - Espírito Santo do Pinhal.

CONAMA. Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução nº 357, de 17 de março de 2005**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/conama>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

CONAMA. Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução nº 430, de 13 de maio de 2011**. Disponível em: http://www.legislacao.mutua.com.br/pdf/diversos_normativos/conama/2011_CONAMA_RES_430.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2016.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2012. Disponível em: . Acesso em: 27 de junho de 2016.

SANEP. Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas. **Reator Anaeróbio de Leito Fluidizado**. Disponível em: <http://www.pelotas.rs.gov.br/sanep/sistema-de-tratamento/reator-anaerobio-deleito-fluidizado/>. Acesso em: 02 de julho de 2016.

VAN KAICK, T. S. **Estação de tratamento de esgoto por meio de zona de raízes: uma proposta de tecnologia apropriada para saneamento básico no litoral do Paraná**. Curitiba: CEFET-PR, 2002. Dissertação (Mestrado em Tecnologia).

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS: PERSPECTIVAS E REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Data de aceite: 17/01/2020

Data de submissão: 03/11/2019

Aracéli Girardi

Universidade do Oeste de Santa Catarina –

Unoesc

Joaçaba – SC

<http://lattes.cnpq.br/0369960352397947>

RESUMO: As tendências pedagógicas se constituíram no âmago dos movimentos sociopolíticos do país, representam diferentes concepções de ser humano e de sociedade. Como alternativa a este cenário histórico o presente estudo tem por finalidade pesquisar e identificar as principais tendências pedagógicas e suas características. Compreender as tendências pedagógicas no âmbito educativo significa apresentar pressupostos metodológicos e teóricos, e reflexões acerca da prática educativa. A investigação, com base em referenciais teóricos, tem como fonte principal as contribuições de Saviani (2013). Em termos conclusivos, destaca que as tendências pedagógicas contribuem no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, influenciam a relação aluno\professor e definem a prática docente em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Tendências Pedagógicas. Prática Docente. Educação Brasileira.

PEDAGOGICAL TRENDS: PERSPECTIVES AND REFLECTIONS FOR BRAZILIAN EDUCATION

ABSTRACT: The pedagogical tendencies were at the heart of the socio-political movements of the country, represent different conceptions of being human and of society. As an alternative to this historical scenario the present study aims to research and identify the main pedagogical tendencies and their characteristics. Understanding pedagogical trends in education means presenting methodological and theoretical assumptions and reflections on educational practice. The research, based on theoretical references, has as main source the contributions of Saviani (2013). In conclusive terms, it emphasizes that the pedagogical tendencies contribute to the development of the teaching and learning process, influence the student-teacher relationship and define the teaching practice in the Classroom.

KEYWORDS: Pedagogical Trends. Teaching Practice. Brazilian Education.

1 | INTRODUÇÃO

Os diferentes momentos culturais e políticos da sociedade brasileira influenciaram a criação de tendências pedagógicas, com contribuições oriundas de movimentos sociais

e tendências filosóficas que ajudaram a formar a prática pedagógica no país.

Autores brasileiros como Freire (1976), Saviani (2013), Luckesi (1991), Libâneo (1989) e Gadotti (1993), entre outros, dedicam parte de suas vidas promovendo e aprimorando estudos que contribuem no avanço da educação, desenvolvendo teorias que nos oferecem bases e suportes para práticas pedagógicas.

Para Saviani (2013), “[...] as referidas teorias já podem ser integradas no âmbito das abordagens clássicas da educação que, como tais, devem ser estudadas por todos aqueles que pretendem de modo sério, protagonizar o campo educativo.” (p. 398).

Como alternativa a este cenário histórico o presente estudo tem por finalidade pesquisar e identificar as principais tendências pedagógicas e suas características. Compreender as tendências pedagógicas no âmbito educativo significa apresentar pressupostos metodológicos e teóricos, e reflexões acerca da prática educativa.

As tendências pedagógicas foram constituídas no âmago dos movimentos sociopolíticos do país, representam diferentes concepções de ser humano e de sociedade. Da análise realizada infere-se que as tendências pedagógicas definem a prática docente em sala de aula e concepções de ensino e aprendizagem e influenciam a relação aluno e professor.

Para tal, realizamos pesquisa bibliográfica, tendo como eixo principal contribuições de Saviani (2013) na obra *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*.

O artigo é composto por quatro seções. A primeira aborda a constituição das tendências pedagógicas no Brasil, desde os movimentos sociais até sua concretização na educação escolar, além de alguns conceitos referentes às tendências no campo da educação. A segunda seção trata da educação liberal e suas linhas pedagógicas contemplam as principais características de cada concepção a educação escolar, bem como a tendência progressista e suas linhas pedagógicas. A terceira seção traz considerações das tendências pedagógicas para educação e apresenta uma síntese sobre cada linha pedagógica mencionada. Por fim, na seção quatro, são apresentadas considerações finais, com destaque sobre contribuições das tendências pedagógicas na educação e na prática escolar.

Saviani (2013) compreende por ideias pedagógicas as ideias educacionais, a maneira como se encarnam no movimento da educação, orientando e constituindo a substância da prática educativa. Por tendência pedagógica se compreende a adaptação da escola aos movimentos sociais, influenciada por elementos sócio-políticos da educação. Pensamento pedagógico refere-se às atividades intelectuais voltadas para a descrição, interpretação e avaliação dos aspectos educacionais.

2 | TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Uma tendência pedagógica origina-se no contexto social e influencia práticas pedagógicas, visando contemplar determinadas expectativas, seja da classe dominante ou trabalhadora.

Luckesi (1991) considera como tendência pedagógica, diversas teorias filosóficas que pretendem compreender e orientar práticas educacionais em diversos momentos e circunstâncias da história humana da educação brasileira. Ações educativas interpretam o desempenho da educação na sociedade e, como tal, classificam-se em educação como redenção, educação como reprodução e educação como transformadora da sociedade. Essas tendências possibilitam a compreensão da educação enquanto prática educacional, compreensão filosófica sobre seu sentido e, política, quanto ao direcionamento para a ação.

A tendência redentora compreende as pedagogias liberais e confia que a educação possui poderes sobre a sociedade, tendência otimista. A reprodutivista é crítica, destinada a compreender a educação na sociedade e apresenta-se de maneira pessimista. A tendência transformadora, igualmente crítica, recusa o otimismo ilusório e o pessimismo imobilizador. As tendências progressistas seguem critérios definidos em relação às funções políticas e sociais do sistema escolar.

Libâneo (1989) classifica as pedagogias em dois grandes grupos, a saber, (1) Pedagogia Liberal (tradicional; renovadora progressivista; renovadora não-diretiva e tecnicista) e (2) Pedagogia Progressista (libertadora; libertária e crítico-social dos conteúdos).

As tendências pedagógicas são de grande relevância, pois permitem ao educador a articulação e auto-definição teórica sobre escolhas filosóficas e educacionais, visando sustentar as práticas docentes.

Foerst (1996, p. 16) afirma que “uma tendência não elimina a outra, o surgimento de uma nova corrente teórica não significa o desaparecimento de outra, a definição de um perfil predominante em uma concepção não descarta a possibilidade de outras formas de manifestação consideradas próximas entre si”.

É possível perceber que uma tendência ou sua manifestação não é exclusiva e pode se complementar e, em outros podem divergir. As tendências pedagógicas se constituíram ao longo da história com base nas teorias de diversos autores e intelectuais e visam uma educação com qualidade e equidade. Consideram os diferentes movimentos históricos e sociais, com seus ideais, interesses e utopias para construir o sistema educacional brasileiro.

2.1 Tendência liberal

As Tendências Pedagógicas Liberais são classificadas em tradicional,

renovadora progressiva, renovadora não-diretiva e tecnicista (LIBÂNEO, 1989). Foram concebidas no século XIX sob forte influência da Revolução Francesa (1989), do liberalismo ocidental e do capitalismo. O termo liberal não possui sentido de democrático e surgiu em defesa do sistema capitalista.

Segundo Libâneo (1989, p. 21) “a concepção pedagógica liberal sustenta a ideia de que a escola tem a função de preparar o educando para o desempenho dos diversos papéis sociais, de acordo com as aptidões dos sujeitos”.

A pedagogia tradicional está no Brasil desde os jesuítas e buscava a universalização do conhecimento, a repetição, o treino intensivo e a memorização como estratégia utilizada pelo professor para transmitir o acervo de informações aos alunos. A proposta de educação, centrada no professor, era vigiar, aconselhar, corrigir, ensinar conteúdos, por meio de aulas expositivas e normas rígidas. Os alunos eram passivos e deviam aceitar tudo como verdade absoluta.

Para Queiroz e Moita a organização funcional considerava como

papel da escola; preparar o intelectual; papel do professor: receptor passivo, inserido em mundo que irá conhecer pelo repasse de informações; relação professor-aluno: autoridade e disciplina; conhecimento: dedutivo. São apresentados apenas os resultados, para que sejam armazenados; metodologia: aulas expositivas, comparações, exercícios, lições\deveres de casa; conteúdos: passados como verdades absolutas- separadas das experiências; avaliação: centrada no produto do trabalho. (2007, p. 04).

O aluno era visto como um papel em branco, onde eram registrados as informações e o conhecimento. Na abordagem tradicional o aluno não possui cultura, família e conhecimentos prévios. Ele não significa nada até iniciar o processo escolar, momento que registrará e acumulará conhecimentos repassados. Cabe ao professor a decisão quanto aos conteúdos, metodologias e avaliações a serem realizadas.

Saviani (2013) a partir da catequese e pela instrução, realizou-se o processo de aculturação dos povos coloniais às tradições e costumes dos colonizadores.

A partir do início do século XVI, o *Ratio Studiorum* contempla a metodologia de ensino com ênfase em exercícios escolares baseados na escolástica. A escolástica tinha como pilares a *lectio*, a conferência didática dos assuntos estudados a partir da leitura, a *disputatio*, reservada à análise das questões provocadas pela *lectio* e, as *repetitiones*, onde os estudantes, em pequenos grupos, realizavam repetições das lições esclarecidas pelo professor.

O sentido do ideário do plano pedagógico contido no *Ratio Studiorum*

era de caráter universalista e elitista. Universalista porque se tratava de um plano adotado indistintamente por todos os jesuítas, qualquer que fosse o lugar onde estivessem. Elitista porque acabou destinando-se aos filhos dos colonos e excluindo os indígenas, com o que os colégios jesuítas se converteram no instrumento de formação da elite colonial (SAVIANI, 2013, p. 56).

As idéias pedagógicas compostas pelo *Ratio Studiorum* correspondem a pedagogia tradicional, contendo uma visão essencialista de humano, ou seja, formado por uma essência universal inabalável.

Saviani (2013) afirma que a versão mais acabada dessa vertente é dada pela corrente do tomismo - sistematizado pelo filósofo e teólogo medieval Thomás de Aquino, que consiste na articulação entre a filosofia de Aristóteles e a tradição cristã.

No Brasil, a Tendência Liberal Renovada Progressivista teve repercussão pelo Movimento Escola Nova, influenciado pela corrente progressivista de Jonh Dewey. Esta tendência teve grande penetração no Brasil na década de 1930 com influência em muitas práticas pedagógicas nos dias atuais.

A tendência renovada progressivista, também conhecida como Pedagogia Nova, Escolanovismo ou Escola Nova, encara a educação como “[...] a corrente que trata de mudar o rumo da educação tradicional, intelectualista e livresca, dando-lhe sentido vivo e ativo. Por isso se deu a esse movimento o nome de ‘escola ativa’”. (LUZURIAGA, 1980, p. 227).

A tendência liberal renovadora tem em Jonh Dewey e Anísio Teixeira, seus representantes mais significativos, juntamente com Montessori, Decroly e Carl Rogers. Esta tendência pedagógica consolida-se nos seguintes marcos: Manifesto dos Pioneiros da Educação (1930); Constituição Federal (1934); Psicologismo Pedagógico (1940); Sociologismo Pedagógico (1950); Economicismo Pedagógico (1960).

O papel da escola

adequar necessidades individuais ao meio, propiciar experiências, cujo centro é o aluno. Papel do aluno: buscar, conhecer, experimentar. Relação professor-aluno: clima democrático, o professor é um auxiliar na realização das experiências. Conhecimentos: algo inacabado, a ser descoberto e reinventado, baseado em experiências cognitivas de modo progressivo em consideração ao interesse. Metodologia; aprender experimentando, aprender a aprender. Conteúdos: estabelecidos pela experiência. Avaliação: foco na qualidade e não na quantidade, no processo e não no produto. (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 07).

O aluno passa a ter papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, no qual a criatividade, a curiosidade e a inventividade devem ser estimuladas pelo professor. Esta tendência defende uma escola que possibilite a aprendizagem pela descoberta, partindo do interesse do aluno na experimentação e na construção do conhecimento.

A tendência liberal renovada se apresenta mais democrática que a tradicional, por considerar que a relação entre as pessoas pode ser mais justa, sem divisão em classes sociais. Também se faz presente nos dias atuais influenciando a prática docente.

Conforme Saviani (2013) em lugar dessa concepção tradicional, que servia a

interesses de classes, a nova concepção vem fundar-se no caráter biológico que permite a cada indivíduo se educar, conforme é seu direito, até onde o permitam as suas aptidões naturais, independente de razões de ordem econômica e social.

O aprender fazendo está presente nesta concepção, por meio de tentativas experimentais, a pesquisa, as descobertas, os estudos do meio natural e social e, os métodos de resolução de problemas.

A vertente Liberal Renovada Não-Diretiva, ramo da tendência liberal renovada progressivista, contempla a educação centrada no estudante para formar sua personalidade a partir das vivências e experiências significativas. A avaliação escolar privilegia a auto-avaliação do aluno.

A vertente não-diretiva, inspirada em Carl Rogers, psicólogo clínico e educador, desenvolvida na escola Summerhill de A. Neill educador inglês. Aprender, nessa linha, é modificar suas próprias percepções com aprendizagem significativa e relacionada com as percepções. Os conteúdos escolares passam a ter significado pessoal no encontro entre o interesse e a motivação do aluno. Sua maior preocupação era desenvolver a personalidade, o autoconhecimento e a realização do ser humano.

Abrangia atividades que permitiam a sensibilidade, expressão e comunicação interpessoal, valorização de trabalhos em grupos. A aprendizagem torna-se um ato interno e intransferível, em que a relação professor-aluno se caracteriza pela afetividade. A aprendizagem baseia-se na busca da autorrealização e da capacidade de perceber que para cada reação existe uma ação.

Após a ditadura de Vargas na década de 1960 têm-se as influências das experiências e transformações na área social, cultural e educacional. No final dos anos de 1960 a Tendência Liberal Tecnicista tem seu início e se efetiva em 1978 com as leis 5.540/68 e 5.692/71. Sob a instalação do regime militar no país, as elites contemplam a educação direcionada às massas a fim de permanecer a posição de status dominante.

Difundiram-se, então ideias relacionadas à organização racional do trabalho (taylorismo, fordismo), ao enfoque sistêmico e ao controle do comportamento (behaviorismo) que, no campo educacional, configuraram uma orientação pedagógica que podemos sintetizar na expressão “pedagogia tecnicista”. (SAVIANI, 2013, p. 369).

A tendência tecnicista objetiva a formação de indivíduos competentes para o mercado de trabalho. A escola, com base na ciência da mudança aperfeiçoa o sistema capitalista articulado ao sistema produtivo: tecnologia comportamental.

Nesse sentido,

a educação atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo; para tanto emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu

interesse imediato é o de produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho, transmitido, eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas. (LIBÂNEO, 1989, p. 290).

A educação baseia-se nas técnicas específicas do sistema capitalista, preparando o aluno para atuar na sociedade trabalhista e competitiva.

Papel da Escola: Produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho. Papel do aluno: copiar bem, reproduzir o que foi instruído fielmente. Relação professor\aluno: o professor é o técnico e responsável pela eficiência do ensino e o aluno é o treinando. Conhecimento: experiência planejada, o conhecimento é o resultado da experiência. Metodologia: excessivo uso da técnica para atingir objetivos instrucionais, aprender - fazendo, cópia, repetição, treino. Conteúdos: baseados nos princípios científicos, manuais e módulos de auto-instrução. Vistos como verdades inquestionáveis. Avaliação: uso de vários instrumentos de medição mais pouco fundamentada, confiança apenas nas informações trazidas nos livros didáticos. (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 09).

Os cursos de formação profissional possuem alicerces oriundos da pedagogia tecnicista, em que os trabalhadores do cotidiano atual estão inseridos numa determinada qualificação para atender ao mercado de trabalho.

Segundo Saviani (2013) na tendência tecnicista o elemento principal é a organização racional dos meios, professor e o aluno ocupam uma posição secundária relegada a condição de executores de um processo, cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas habilitados, neutros, objetivos, imparciais. A organização do processo converte-se na garantia da eficiência, compensa e corrige as deficiências do professor e os efeitos de sua intervenção.

2.2 Tendência progressista

A Tendência Progressista tem sua origem na França em 1968. No Brasil emerge com o processo de abertura política e efervescência cultural. Resulta da inquietação de vários educadores que, tornam-se visíveis suas angústias em relação à educação.

Conforme Libâneo (1989) o termo progressista é utilizado para designar as tendências que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação. Evidente que a pedagogia não tem como institucionalizar-se numa sociedade capitalista; daí ser ela um instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais.

Para o autor, a tendência pedagógica progressista constitui-se por meio das tendências Libertadora, Libertária e a Crítico-Social dos Conteúdos.

A tendência progressista libertadora, também conhecida como pedagogia de Paulo Freire, de caráter essencialmente político, teve suas idéias consagradas em diversos países a exemplo do Chile e África.

A pedagogia libertadora exerce poder expressivo nos sindicatos e movimentos populares confundindo-se com a educação popular. Possuem em comum o anti-autoritarismo, a ideia de autogestão pedagógica e a valorização da experiência vivenciada como alicerce da relação educativa. Valoriza o método de aprendizagem em grupo, articulado a prática social do povo e destaca-se na modalidade de educação popular não formal. A Tendência Progressista Libertadora articula-se com o método de alfabetização de Paulo Freire, que considera o ser humano um sujeito situado no mundo material, econômico, concreto e social.

No limiar dos anos de 1980, com o fim do regime militar e influência da abertura política, realizou-se forte mobilização dos educadores em busca de uma educação crítica, superando as desigualdades existentes na sociedade.

Neste período Saviani (2013) refere outro sentido para a educação popular que agora adquire significado distinto daquele que marcou o período da Primeira República.

Em seu centro emerge a preocupação com a participação política das massas a partir da tomada de consciência da realidade brasileira. E a educação passa a ser vista como instrumento de conscientização. A expressão “educação popular” assume, então, o sentido de uma educação do povo, pelo povo e para o povo, pretendendo-se superar o sentido anterior, criticado como sendo uma educação das elites, dos grupos dirigentes e dominantes, para o povo, visando a controlá-lo, manipulá-lo, ajustá-lo a ordem existente (SAVIANI, 2013, p. 317).

Na primeira República, a expressão “educação popular”, em consonância com o processo de implantação dos sistemas nacionais de ensino ocorrido ao longo do século XIX, encontrava-se associada a instrução elementar que buscava generalizar para toda a população de cada país, mediante a implantação de escolas primárias. Coincidia, portanto, com o conceito de instrução pública. Esse era o caminho para erradicar o analfabetismo. Foi com esse entendimento que se desencadeou a mobilização pela implantação das escolas primárias, assim como as campanhas de alfabetização de adultos (SAVIANI, 2013).

A educação passa a ser direcionada para a classe trabalhadora, educação para o povo. Governos e representantes políticos possibilitam uma educação para todos, sem distinção da classe social.

A educação, valorizada como instrumento de luta das classes populares, possibilita o acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade, reavalia o contexto social no qual o aluno está inserido. Educação e sociedade articulam-se de forma dialética, constituindo um importante instrumento de transformação sócio educacional, elevando o nível de consciência do estudante, sua emancipação econômica, cultural, política e social.

Para Luckesi (1991) aprender é conhecer a realidade concreta vivida pelo

educando. O que é aprendido decorre do nível crítico de conhecimento pelo processo de compreensão, reflexão e crítica. O educando transfere, em termos de conhecimento, o que foi incorporado como resposta às situações de opressão, seu engajamento na militância política.

No caso da Tendência Progressista Libertária, seu principal fundamento é realizar modificações institucionais a partir dos níveis subalternos, de modo a contagiar e modificar todo o sistema, negando os modelos e formas de poder e autoridade.

Segundo Luckesi (1993, p. 64), pode-se dizer que a pedagogia libertária tem em comum com a libertadora “[...] a valorização da experiência vivida como base da relação educativa e a idéia de autogestão pedagógica.”

A principal idéia de conhecimento é a descoberta de respostas relacionadas às exigências da vida social. Preocupa-se, com o processo de aprendizagem em grupo e acredita na liberdade total dos sujeitos.

Conforme Libâneo (1989) a pedagogia libertária abrange quase todas as tendências anti-autoritárias em educação, como a psicanalítica, a anarquista, a dos sociólogos e também a dos professores progressistas. O professor exerce o papel de conselheiro e também de instrutor-monitor. Ele espera que a escola exerça a transformação na personalidade dos estudantes na perspectiva libertária e autogestionária.

A pedagogia libertária, também conhecida como pedagogia institucional, é uma forma de resistência contra a burocracia enquanto instrumento de ação dominadora e de controle do Estado.

A partir de 1980 cresce o interesse por escolas democráticas e inclusivas. Consolida-se o projeto de escola, anseio da classe trabalhadora, visando o respeito pelas diferenças, interesses locais e regionais, e a construção de uma educação de qualidade ao cidadão brasileiro.

Dessa forma, a educação passou a desenvolver seu papel além dos muros escolares, estimulando a participação em grupos e movimentos sociais, o que permite trazer para a escola a realidade social.

A Tendência Progressista crítico-social dos conteúdos chega ao Brasil por volta de 1984. Ao contrário da tendência libertadora, ela tem sua origem no materialismo histórico, expressada na metodologia dialética de construção sócio-individualizada do conhecimento. Considerada como sinônimo da pedagogia dialética concretiza-se como a teoria que visa captar o movimento objetivo do processo histórico, direcionando o ensino para a superação dos problemas do dia a dia da prática social e buscando a emancipação intelectual.

Conforme (Queiroz e Moita, 2007) a pedagogia crítico-social dos conteúdos defende que a função social e política da escola deve ser assegurar, através do

trabalho com conhecimentos sistematizado, a inserção nas escolas, com qualidade, das classes populares garantindo as condições para uma efetiva participação nas lutas sociais.

A atuação da escola consiste em preparar o estudante para o mundo e suas contradições, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização para a participação ativa e organizada na democratização social.

Para servir aos interesses populares a escola deve oferecer o ensino de qualidade, possibilitar conteúdos articulados com a vivência social do aluno. A educação destaca-se como atividade mediadora na prática social, passando de uma experiência fragmentada para uma visão unificada.

Papel da Escola: Parte integrante do todo social. Prepara o aluno para a participação ativa na sociedade. Papel do aluno: Sujeito no mundo como ser social, ativo. Relação professor-aluno: Professor é autoridade competente que direciona o processo ensino-aprendizagem. Mediador entre conteúdos e alunos. Conhecimento: construído pela experiência pessoal e subjetiva. Metodologia: Contexto cultural e social. Conteúdos: São culturais, universais, sempre reavaliados frente à realidade social. Avaliação: A experiência só pode ser julgada a partir de critérios internos do organismo, os externos podem levar ao desajustamento. (QUEIROZ; MOITA, 2007, p. 15).

Percebe-se a preocupação com a transformação, compreender a realidade do contexto social, analisar as vivências, o mundo de trabalho e as relações pessoais. Todas entendidas como algo construído no processo histórico, cultural e social do sujeito. Torna-se fundamental a mediação na concretização do ensino e da aprendizagem.

Em 1970, predominado pela tendência tecnicista, emerge um conjugado de estudos titulado de Tendência Crítico-Reprodutivista, com o objetivo de explicar a problemática do sistema educativo e articular manifestações no âmbito educacional. Enquanto reprodutivista promove a reflexão das condições sociais vigentes no desenvolvimento fundamental da prática educativa.

As tendências, crítico-reprodutivistas, propostas por Saviani (2013), buscam esclarecer as razões do fracasso escolar e da marginalização da classe trabalhadora.

De acordo com Saviani (2013) a tendência crítico-reprodutivista trata de teorias sobre a educação e objetiva compreender e explicar o modo de funcionamento da educação.

A Tendência Histórico-Crítica nasce em 1979, inspirada em Dervival Saviani, professor e coordenador do curso de doutorado em educação da PUC-SP. Esta tendência teve suas primeiras publicações na Revista da Associação Nacional de Educação (ANDE).

Gasparin (2012) destaca cinco passos metodológicos da tendência histórico-crítica dos conteúdos, (1) Prática social inicial, (2) Problematização, (3) Catarse, (4)

Instrumentalização e (5) Prática social final.

Na prática social inicial, o trabalho docente evidencia que a prática social é comum a professores e alunos.

Na Problematização ocorre o elo entre a prática e a instrumentalização, com o objetivo de detectar quais questões precisam ser resolvidos no âmbito da prática social e que conhecimento é necessário.

A Catarse parte da síntese inicial à síntese, forma de pensar e agir produzidas histórica e socialmente, e que incorporadas pelo indivíduo, ele a utiliza de forma natural ao longo do processo educativo.

A Instrumentalização consiste na apreensão dos instrumentos teóricos e práticas necessárias para solucionar problemas detectados na prática social. Trata-se da apropriação, pelas camadas populares, de ferramentas culturais necessárias para a libertação das condições de exploração.

A Prática social coloca-se como o ponto de chegada e o ponto de partida da prática educativa, enquanto constitui o suporte e o contexto, o pressuposto e o alvo, o fundamento e a finalidade da prática pedagógica.

3 | CONSIDERAÇÕES DAS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO

As diversas tendências pedagógicas no processo de ensino e aprendizagem constroem a prática educativa, visto que todas contribuem de forma enriquecedora para o processo educacional.

As tendências pedagógicas são de fundamental importância para o processo educativo, consolidam, nas escolas, a prática dos professores.

A Tendência Liberal Tradicional prepara os alunos para assumirem seu papel na sociedade, valoriza os conhecimentos acumulados como verdade absoluta. Nesta tendência a autoridade do professor exige atitude receptiva do aluno - uma aprendizagem mecânica. Não considera a singularidade do aluno. Tem presença nas escolas religiosas ou leigas que adotam filosofias humanistas clássicas ou científicas.

Na Tendência Liberal Renovada, a escola deve adequar-se às necessidades individuais ao meio social. Os conteúdos são estabelecidos a partir das experiências vividas pelos alunos frente às situações problemas, exploradas por meio de experiências pesquisas e método de solução de problemas. O professor é auxiliador no desenvolvimento livre da criança, fundamentado na motivação e estimulação.

A Tendência Liberal Renovadora Não-diretiva valoriza a busca dos conhecimentos pelos próprios alunos, facilitadora da aprendizagem. A educação é centralizada no aluno e o professor é quem garantirá um relacionamento de respeito. Aprender é modificar as percepções da realidade

A Tendência Liberal Tecnista é modeladora do comportamento humano a partir de metodologias específicas. As informações são ordenadas numa sequência lógica e psicológica com procedimentos realizados para a transmissão e recepção de informações. Esta tendência objetiva a transmissão de informações por parte do professor e a memorização como aprendizagem.

A Tendência Progressista Libertadora anseia levar professores e alunos a atingir um nível de consciência da realidade, na busca da transformação social, a partir de temas geradores e grupos de discussão

Já a Tendência Progressista Libertária visa a transformação da personalidade num sentido libertário e autogestionário, a escola dá ênfase na participação grupal como mecanismos institucionais de transformação.

A Tendência Progressista Crítico-Social dos Conteúdos visa a difusão dos conteúdos culturais universais incorporados pela humanidade frente à realidade social. O método parte de uma relação direta da experiência do aluno confrontada com o saber sistematizado. O papel do aluno é de participante e do professor como mediador, com base nas estruturas cognitivas estruturadas nos alunos.

A Tendência Histórico-Crítica tem a prática social como ponto de partida e de chegada da prática educativa, aspectos filosóficos, econômicos e político-sociais resultam na forma da sociedade atual.

Esta tendência visa intermediar os métodos a partir da problematização, instrumentalização e catarse. Parte da prática social onde professor e alunos se encontram em posições distintas e promovem o encaminhamento da solução dos problemas postos pela prática social. A educação é entendida como mediação no seio da prática social global.

As tendências pedagógicas são o ato de condução dos processos educativos e da prática dos educadores.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil o desenvolvimento das tendências pedagógicas provém um longo período, condensam cinco séculos de história, lutas e transformações no âmbito educacional. As tendências pedagógicas influenciam os docentes na construção do processo educativo, seja qual for a tendência seguida pelo educador, elas contemplam o enriquecimento do ensino e da aprendizagem, além de objetivarem a articulação entre a teoria e prática.

Compreender as diferentes concepções pedagógicas não significa apenas ler o que diferentes teóricos e pensadores falam ou escrevem sobre elas, significa compreender a prática educativa próxima ao contexto vivido de forma que a reflexão possibilite discutir e agir para a transformação. As tendências pedagógicas orientam

a atuação do educador, possibilitam respostas sobre as questões de estruturação do processo de ensino, visam refletir e compreender o que, para quem, para que e porquê ensinar.

É de fundamental relevância que os profissionais de educação conheçam as tendências pedagógicas. Isso porque a prática docente apresenta uma demanda cada vez maior de desafios a serem superados.

As práticas educativas articuladas a pedagogia e a teoria de educação estão impregnadas de concepções ideológicas e filosóficas, que interferem no processo de ensino e aprendizagem. O conhecimento histórico sobre as tendências pedagógicas pode ajudar a compreender as questões pertinentes a prática educacional, sua relação com a vida e os movimentos sociais da época respectiva.

Por fim, é importante definir na prática educativa os posicionamentos que merecem destaque o que convém conservar e o que precisa mudar como reflexão necessária para que a educação possa contribuir na transformação social, cultural e histórica do ser humano.

REFERÊNCIAS

FOERSTE, Gerda M. S. **Arte-Educação**: pressupostos teórico-metodológicos na obra de Ana Mae Barbosa. 1996. 229 p. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1996. Disponível em: <https://ppge.fe.ufg.br/up/6/o/Dissert_GerdaMargirt_Schutz_Foerste.pdf>. Acesso em 23 dez. 2015.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo. Ática, 1993.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados; 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítica-social dos conteúdos. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

LUCKESI, Cipriano C. **Filosofia da educação**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. (1991). **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez- (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor).

LURIZIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagogia**. 12. Ed. São Paulo: Nacional, 1980.

QUEIROZ, Cecília Telma; MOITA, Filomena Maria. G. S. C. **Fundamentos sócio-filosóficos da educação**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: SP. Autores Associados, 2013.

O PONTO DE VISTA DA ANIMALIDADE E OS PODERES ATUAIS DA ESCOLA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A ÉTICA DA PROFANAÇÃO DE GIORGIO AGAMBEN

Data de aceite: 17/01/2020

Data de submissão: 14/11/2019

Filipe Kamargo de Santana

Universidade Federal de Pernambuco /Centro de Educação. Recife-PE.

Link Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K8180750Y6>

RESUMO: Esta pesquisa se insere nos debates acerca dos chamados *estudos animais*, buscando, a partir desse elemento, fomentar questões para reflexão sobre a escola contemporânea e seus mecanismos de atuação. Focando especificamente nas reflexões do pensador italiano Giorgio Agamben, apreendidas enquanto *guias* para a elaboração de uma crítica ao modelo escolar baseado no que Peter Sloterdijk denomina de *humanismo domesticador*. Para isso, problematiza-se a questão da animalidade em sua relação com os processos de reconhecimento do humano e as dinâmicas de in/exclusão vigentes nos processos de formação; onde o *perspectivismo ameríndio* de Eduardo Viveiros de Castro fornece elementos capazes de auxiliar a profanação desse modelo escolar ocidental de formação. Se trata de uma pesquisa situada no campo da Filosofia da educação contemporânea que, do

ponto de vista metodológico, fazendo uso da noção de *profanação* de Giorgio Agamben, a fim de ressignificar a animalidade nos discursos antropológicos que fundamentam a educação ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: Animalidade; Humanismo; Profanação; Educação formal.

THE POINT OF VIEW OF ANIMALITY AND THE CURRENT POWERS OF THE SCHOOL: AN EXPLORATORY STUDY ABOUT THE ETHICS OF DESECRATION OF GIORGIO AGAMBEN

ABSTRACT: This research fits in the debates about the called *animal studies*, searching, from this element, foster issues for reflection about contemporary school and yours actuation mechanisms. Focusing specifically on the reflections of the Italian thinker Giorgio Agamben, seized as guides for the elaborating a critique of the school model based on what Peter Sloterdijk called *domesticating humanism*. For this, problematizes the issue of animality in your relationship with the processes of human recognition and the dynamics of inclusion and exclusion in force in the training processes; in which the *amerindian perspectivism* of Eduardo Viveiros de Castro provides elements capable of assisting the desecration of this western school model of formation. It is a research situated in

the field of the philosophy of contemporary education, making use of the notion of *desecration* of Giorgio Agamben in order to resignify the animality in anthropological discourses that underlie western education.

KEYWORDS: Animality, Humanism; Desecration; Formal education.

INTRODUÇÃO

Na satisfação, os amantes, que perderam o seu mistério, contemplam uma natureza humana tornada perfeitamente inoperante – a inoperância e o *descevement* do humano e do animal como figura suprema e insolúvel da vida. (AGAMBEN, 2013, p. 143).

É sobre a *figura do animal* que o trabalho de pesquisa que sustentou o presente trabalho se orienta, tanto como justificativa para a construção do problema, quanto para a definição dos objetivos e ferramentas teórico-metodológicas adotadas.

A animalidade tem sido desde o nascimento do pensamento filosófico ocidental vista como um ponto a ser evitado, um espaço de afastamento, um lugar de onde parte uma diferença ontológica, a partir da qual se faz a fundamentação do que é ou não um ser humano qualificado enquanto tal. A clássica apresentação aristotélica do homem como um animal político; a divisão platônica do homem enquanto uma cisão entre matéria e alma, sendo a alma o real e o essencial do humano. Percebe-se com clareza que o animal é como uma espécie de *outro* abjeto, aquilo do qual devemos nos afastar para favorecer o engrandecimento do dito “homem” e da sua “humanidade”.

Nesse sentido, afirma o filósofo italiano Giorgio Agamben, que, todo aparato e concepção do que é um ser humano da antiguidade a modernidade emergiria amparado em uma *exclusão do animal*, da animalidade presente no humano, *enquanto uma negação inclusiva de si* (2013). Assim, é imensa a contribuição do pensamento filosófico para a imagem humana que prevaleceu/prevalece no Ocidente e se tornou fundamento de ação sobre os sujeitos. Foram muitos os autores, clássicos e modernos, que tematizaram o animal (Aristóteles, Platão, Hobbes, Kant, Descartes, Heidegger e etc.), e entre eles essa figura segue um padrão de marginalização da animalidade.

Nas discussões positivistas do século XVI, a disputa entre natureza/cultura se apresentou na reflexão teórica ocidental de modo acirrado, chegando ao clímax no século XVIII quando o ser humano adquire o estatuto de ser único e especial dentro do ecossistema mundial (SANTOS, 2008). Por outro lado, ao longo do século XX, as várias críticas endereçadas ao paradigma antropocêntrico dominante nas ciências abriram novas questões as humanidades (SANTOS, 2008).

É nesse contexto que os pensadores pós-estruturalistas, pós-críticos e etc. vão

retomar a questão animal no âmbito da filosofia para questionar o seu próprio modo de operar filosófico. Autores como Agamben tomam o signo da animalidade como um princípio para renovar e restabelecer o olhar sobre a humanidade e sobre o outro. Trata-se de perceber o animal como próximo, como presente, não apenas como anterior ao homem, mas enquanto lugar de configuração dos processos políticos envolvidos na chamada humanização dos sujeitos.

Na escola, esse lugar de hegemonicamente racional, marcado por um pensamento kantiano e iluminista, o objetivo é docilizar e acomodar os corpos em função de uma domesticação e distanciamento dos elementos selvagens das massas (SIBILIA, 2012). Isso porque, sua formação tem visado apenas tornar o homem cada vez mais “aclimatado a uma existência medíocre”, vidas assujeitadas a um processo que elimina sua capacidade crítica e ampliação de seus horizontes, educar se torna uma “arte de por homens enfileirados” (FREITAS, 2015).

Uma vez que, como demonstram Peter Sloderdijk (2000) e Boaventura de Souza Santos (2008), o humanismo não conseguiu abarcar e superar as dificuldades e problemáticas imanentes ao projeto social e epistêmico da modernidade (superar a partir da razão todas as mazelas humanas). Na brecha deixada em suas tramas, parece ter surgido um lugar para pensar questões até então marginalizadas, e a animalidade enquanto princípio motor para uma renovação da experiência dos sujeitos enquanto reformadora dos princípios que regem a humanidade é uma delas.

Tomar a animalidade enquanto chave para pensar os processos educativos, significa apostar em um pensamento em torno e nas margens do humano, isto é, fora dos conceitos hegemônicos do humanismo domesticador, promovendo uma reviravolta na forma como apreendemos os processos formativos do humano na atualidade. Nesse sentido, o *perspectivismo ameríndio*, a partir das vidas indígenas, atrelado a uma ação profanadora da escola, abrirá espaço para o emergir de outras relações possíveis com a animalidade.

METODOLOGIA DO TRABALHO

A pesquisa teve um caráter qualitativo e bibliográfico, focando uma análise de caráter filosófico-educacional sobre os processos éticos e políticos de subjetivação dos sujeitos, tendo como foco o pensamento do filósofo italiano Giorgio Agamben. Professor da Universidade de Verona, Agamben é um pensador complexo, profundo e figura de destaque no cenário tanto filosófico como político contemporâneo.

O seu conceito de *profanação* se destaca nessa pesquisa, enquanto ferramenta metodológica, para pensar os processos de resistência aos mecanismos de poder e controle dos sujeitos, analisando a incapacitação para a ação dos indivíduos no campo político e social. Por que “Profanar significa abrir a possibilidade de uma

forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular.” (AGAMBEN, 2007, p. 66). Retornar as mãos dos sujeitos aquilo que foi, de alguma forma, sacralizado a partir de ideais de existência, repensar os princípios escolares sob a ética da profanação é trazer para esse espaço vozes que ele insiste em excluir de si.

Mais especificamente questiona-se: *O que pode a animalidade atrelada ao perspectivismo ameríndio suscitar no processo educacional escolar estando em papel de protagonismo?* Por tanto, a figura da animalidade adquire uma relevância vital de discussão e encontra no perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro potência de reflexão para a formação escolar contemporânea. Profanar a figura da animalidade passa justamente por repensar sua presença nos discursos pedagógicos. Trata-se de tornar o excluído protagonista, não apenas protagonista, mas um ponto para onde a educação escolar necessita olhar para se tornar capaz de dar conta da pluralidade que é a experiência de humanidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O humanismo domesticador e a crise do projeto humanista ocidental

Para o filósofo alemão Peter Sloterdijk, que se apresenta atualmente como um dos grandes críticos do imaginário e pensamento ocidental, o eu fabricado pelos discursos humanistas se encontra fixado em um ponto de vista único, idealizado e essencializado. Um sujeito fixo, que é responsável pela apreensão e significação de tudo e de todos ao seu redor. Com isso, o autor critica duramente o movimento humanista e seus procedimentos de domesticação dos sujeitos.

[...] o humanista assume o homem como dado de antemão e aplica-lhe então seus métodos de domesticação, treinamento e formação – convencionado que está das conexões necessárias entre ler, estar sentado e acalmar. (SLOTERDIJK, 2000, p. 39).

O humanismo ao mesmo tempo em que idealiza o *ser* do ser humano, opera por exclusões seletivas de tudo que foge e escapa dessa normalização, daquilo que não se enquadra no seu conceito de humanidade. Não é à toa, defende Sloterdijk, que a escola se torna um dos grandes motores dessa mentalidade, uma vez que, é nela que se estabelecem os modelos e os modos de comportamentos que são aceitos como “humanizadores” (SLOTERDIJK, 2000, p. 13).

A crítica de Sloterdijk ao humanismo exemplifica a atuação desses dispositivos junto aos sujeitos, que havia tomado para si a missão de favorecer as melhores influências, através, sobretudo, da alfabetização universal, tornando o ser humano apto a viver de forma racional através do poder dos textos e da própria ciência.

Assim, é “parte do credo do humanismo a convicção de que os seres humanos são “animais influenciáveis””, mas para o bom funcionamento social é “imperativo prover-lhe o tipo certo de influências” (SLOTERDIJK, p.17, 2000).

Cabe então ao humanismo, como ideia e como ideal, retirar os indivíduos de sua situação de “selvageria”, de sua “infância”, e inseri-los propriamente no campo da civilização através da leitura e da escrita. A educação seria algo que atuaria como uma ação preventiva à barbárie. O problema é que, o humanismo que tomou a formação dos sujeitos como guia, parece não ter cumprido com as suas propostas para com a humanidade (por fim as guerras, fome e sofrimento da humanidade).

De fato, o ideário humanista não pôde conter as atrocidades da guerra, e “o desembrutecimento do ser humano” o uso das “boas leituras” para conduzir os sujeitos através da domesticação ao modelo perfeito de sociedade e de humanidade já não fazem tanto sentido (SLOTERDIJK, 2000, p.16-17). As promessas humanistas não conseguiram dar fim aos antigos flagelos da humanidade e com isso perde sua credibilidade no mundo contemporâneo. A sociedade de leitores-escritores, diz Sloterdijk, está em plena falência, o que mantinha substancialmente o humanismo de pé, cada dia mais se torna um reflexo de um passado distante (2000).

O projeto humanista, nada mais é, do que um propulsor dos dispositivos de poder agambenianos, concretizando o cerceamento e a exclusão das diferenças dos ideais de humanidade contemporâneos. Giorgio Agamben, autor que se dedicou por anos as análises interessadas em discussões a respeito da linguagem e a formação dos sujeitos em sua relação com a mesma. Esse filósofo e pensador Italiano tem se debruçado atualmente, de forma intensa ao estudo da temática da Forma de Vida dos sujeitos, seja de maneira mais central como no seu projeto Homo Sacer, ou de forma mais ética em seus textos recentes (BAPTISTA, 2017). Agamben é um pensador potente, seus textos portadores de uma beleza e riqueza imensas também são pautados em uma luta consistente para o desmascaramento dos padrões racionais e normativos vigentes.

Sua inserção no campo de discussão política ocorre a partir de 1990. Nesse momento, ele envereda na discussão sobre a biopolítica e governamentalidade, seguindo e ampliando as análises de Michel Foucault. Giorgio Agamben vem destacando novos pontos para as análises a respeito dos procedimentos de captura dos sujeitos nas sociedades ocidentais, mantendo-os em seus dispositivos de poder, dóceis e submissos. Os dispositivos em Agamben são estruturas de poder que acompanham o processo de antropogênese, fazem parte daquilo que forma a concepção do que é o homem. São mecanismos de “fabricação” do humano.

A produção do sujeito é conquistada por meio do seu assujeitamento; o dispositivo que surge como um ideal de elevação dos valores humanos torna-se uma desumana colheitadeira que arranca até a raiz tudo que está a sua frente, seja fruto ou erva

A partir disso, o conceito de profanação (Agamben, 2009) entra em questão fornecendo elementos capazes de favorecer outras formas de pensar e lidar com os mecanismos de formação do humanismo. Profanar é um modo de (r)existir, uma ação que apresenta o ser dos sujeitos e sua ação de resistência, a partir de um uso fora do utilitarismo contemporâneo, que ele faz dos mecanismos sociais vigentes. Consagrar, ao contrário, era o termo que designava a “saída das coisas da esfera do direito humano, profanar significa, ao contrário, restituir ao livre uso dos homens” (AGAMBEN, 2009, p. 45). Profanar, portanto, é recolocar em xeque os valores que se apresentam como sacros, que se colocam como ideais, fora do campo de ação efetiva dos sujeitos situados em um campo concreto de experiências. Profanar, portanto, é lutar contra uma sociedade que desvinculou dos sujeitos o seu potencial de ação e de não ação. A profanação desabilita os dispositivos do poder soberano. Nas palavras de Agamben (2009, p. 45), ela “é o contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido”.

Especificamente, neste caso, profanamos o conceito e a relação do projeto de formação que o humanismo propõe, alocando a animalidade (seu ponto de constante exclusão) como ponto central ao gesto de educar. Esse termo para qual a educação olha com desprezo e como o que deve ser excluído e abandonado no homem, se torna nesse espaço de escrita o princípio ao qual a educação deve dedicar maior interesse para em sua prática. A profanação aparece aqui como a força motora de deslocamento de ponto de vista, retirando o que a educação toma por questão a ser excluída, para o ponto essencial ao processo de formação do homem.

A profanação da máquina antropológica e a relação com a animalidade

Antes de seguir com a discussão proposta, se faz necessário um aprofundamento no conceito agambeniano de máquina antropológica, bem como, junto as manifestações de seu funcionamento. Nesse sentido, é estarrecedora a forma como Agamben começa seu livro *O aberto: o homem e o animal* (2013), no qual a imagem suscitada é de uma bíblia judaica, representam-se nela homens com feições de animais, sendo esses os justos aguardando serem salvos pelo messias (AGAMBEN, 2013). Que animal é esse homem? Que animal é esse que se afastou tanto daquilo que é em si o seu fundamento primeiro?

Trata-se de um animal cuja força se desfez, cuja vida se esvaziou, cuja racionalidade assumiu o posto principal, mas cuja figura dessa bíblia hebraica do século XIII reúne a sabedoria de uma animalidade e o elemento humano em seus momentos de redenção e salvação. Algo curioso e talvez muito estranho para o

pensamento ocidental, mas que tem em si uma riqueza ímpar para a renovação e/ou para o surgimento de uma nova postura e olhar sobre o humano.

Visto que em Agamben, o ser humano é portador de um vazio, um vazio de ser, onde os elementos humanos são construídos a partir de uma vivência histórica e social. A animalidade se tornou historicamente um signo para qual o homem não olha com solidariedade, mas sim com repúdio, pois a visão humana sobre o animal o diminui enquanto ser de existência instintiva e sem possibilidade racional. A partir disso torna-se distenso entender o funcionamento da máquina antropológica que nos move, um mecanismo que partilha como função principal em nossas vidas, estabelecer o processo de antropogênese humana “por meio da oposição homem/animal, humano/inumano, a máquina funciona necessariamente por meio de uma exclusão (que é também e sempre há uma captura) e uma inclusão (que é também uma exclusão).” (AGAMBEN, 2013, p. 64).

A máquina antropológica do humanismo é um dispositivo irônico, que verifica a ausência para o Homo de uma natureza própria, mantendo-o suspenso entre uma natureza celeste e uma terrena, entre o animal e o humano – e seu ser, portanto, será menos e mais do que ele próprio. (AGAMBEN, 2013, p. 53)

Na máquina dos modernos “o fora é produzido por meio de um dentro e o inumano animalizando o humano”, já na máquina dos antigos “o dentro é obtido por meio de uma inclusão de um fora, o não homem por meio da humanização de um animal” (AGAMBEN, 2013, p. 64). Ou seja, com os modernos o homem é produzido pela exclusão do animal que vive nele, que está junto ao elemento humano; junto aos antigos o homem é obtido através da vivência social, é o nascimento do humano dentro de um animal. Em ambos os casos a máquina opera dentro de um vazio humano que lhe é central. E nesse vazio que de fato fundamenta a abertura essencial do que é o homem, “o verdadeiramente humano que deve surgir é apenas o lugar de uma decisão incessantemente atualizada a qual a separação e articulação são sempre deslocalizadas e adiadas novamente.” (AGAMBEN, 2013, p. 65).

Como argumenta o filósofo italiano, em Martin Heidegger a animalidade habita o mundo como uma parte do ambiente, uma parte do ambiente que interage apenas entre si, com seus próprios signos e em seu próprio nicho de modo “que “nenhum animal pode entrar em relação com um objeto como tal”, mas somente com os próprios portadores de significado” (AGAMBEN, 2013, p.72). O animal se encontra então nesse espaço onde está no aberto (num mundo passível de receber significações praticamente infinitas) e dentro desse aberto não é aberto. O animal se encontra nesse momento de abertura, mas não consegue, como o homem conseguiu, romper com essa relação e se desvencilhar do fechamento (a vida presa a um conjunto fechado de significados) que marca sua interação com o mundo ao seu redor.

Percebe-se então que: “o aberto não é outra coisa senão uma imobilização do não aberto animal. O homem suspende a sua animalidade e, desta maneira, abre uma zona “livre e vazia” na qual a vida é capturada e abandonada em uma zona de exceção” (AGAMBEN, 2013, p.130), mas que deveria estar em constante abertura ao animal. No entanto, essa abertura se tornou em um espaço de “vale tudo”, onde a animalidade se tornou saco de pancada a ser incluído para se excluir no processo de humanização do sujeito. A antropogênese tem tomado o animal como o indesejado no homem, aproveitando-se do vazio ao qual o sujeito está intrinsecamente ligado para tornar o signo animal fadado ao abandono, destruição ou controle; nunca se abrindo a uma relação.

Esse princípio de formação humana que objetifica tudo aquilo que não é considerado humano, ao humanizar o homem abre mão de toda uma gama imensa de possibilidades de aprendizado para uma formação de sujeitos mais conscientes e preparados a desenvolver uma interação outra com o mundo. A educação tem como papel excluir do homem seus impulsos bestiais, seus traços animais. Com isso, também cria um ponto de interação com os outros sujeitos onde a partir do momento que não se encaixam no padrão desse maquinário se tornam animais a serem excluídos da sociedade e sujeitados aos mandos e desmandos do poder (SLOTERDIJK 2000; SIBILIA, 2012).

Tomando isso como ponto de partida, Agamben apresenta a ideia que habita o pensamento heideggeriano como um problema, tendo em vista que: se o homem é uma suspensão da animalidade que deve estar aberta a ela, então, como pensar o homem sem o signo da animalidade, como pensar o homem como um totalmente fora da animalidade? (AGAMBEN, 2013, p.121). É importante redescrever as bases de relação que fundamentam a edificação do que é o homem, estando agora, fora do jogo ao qual a humanidade se submete a milênios graças a ação da máquina antropológica. Ir além do animal e do humano, estabelecer a construção dos sujeitos fora dessas distinções cujas limitações nos levam a uma relação fatídica com a terra e entre nós mesmos.

Como operar dentro desses princípios? Quais as implicações disso na formação e no perfil escolar ao qual nós estamos inseridos? Ao levar em conta o perfil traçado na profanação da máquina antropológica que Agamben propõe, buscamos a seguir e fazer reverberar essas questões no meio educativo.

Formar fora da máquina: o perspectivismo ameríndio e a formação dos sujeitos

Eduardo Viveiros de Castro, tem se tornado peça chave para uma nova compreensão a respeito da concepção de vida e de mundo dos povos indígenas americanos em contraste aos povos ocidentais. Em seu texto *Os pronomes*

cosmológicos e o perspectivismo ameríndio (2016), apresenta a diferença entre as visões de mundo dos povos indígenas das Américas e o sistema de pensamento ocidental. Em seu texto o autor foca nas diferenças de concepção de *cultura* e *natureza*, que se tornam visíveis no encontro desses dois povos, apresentando os traços marcantes que representam a própria organização social e subjetiva desses dois polos de formação de sujeitos.

Os indígenas têm como o ponto partilhado por todos os seres vivos a *cultura*, e as diferenças as quais estamos fadados a ter, são de caráter da *natureza*. Ou seja, todos os seres vivos partilham a mesma *cultura*, mas se diferenciam por suas *naturezas*, pelos seus corpos, a maneira como seus corpos experimentam a experiência da vida. Ponto de vista oposto ao ocidental, que acreditam haver uma mesma *natureza* a todos os seres vivos, mas se questionam a respeito da possibilidade de os mesmos possuírem o elemento *cultural* e racional.

O corpo se torna o campo de construção da relação dos sujeitos com o mundo e com isso também adquire aspecto central na formação dos indígenas. É no corpo que a vida se torna fator principal, nas várias possibilidades de vivenciar o mundo de acordo com o corpo ao qual a alma utiliza: “A *Bildung* ameríndia incide sobre o corpo antes que sobre o espírito: não há mudança “espiritual” que não passe por uma transformação do corpo, por uma redefinição de suas afecções e capacidades.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p. 132). Essa diferença de concepção de mundo, diferença de concepção cosmológica, torna a forma como o indígena se forma muito diferente da formação do ocidental eurocentrado “Em suma: o etnocentrismo europeu consiste em negar que outros corpos tenham a mesma alma, o ameríndio, em duvidar que outras almas tenham o mesmo corpo.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p.130).

A reflexão básica das comunidades indígenas sobre o outro é estabelecida na tentativa de entender como ele vivencia o mundo, entender como esse outro apreende a vida a partir de sua natureza, respeitando sua forma de vida e sua necessidade enquanto sujeito portador de uma cultura em comum entre todos os vivos. Vem dos povos indígenas uma possibilidade de renovação do aspecto formador do humano, um pensar fora de uma máquina que inclui excluindo. Os índios se relacionam com o mundo ao seu redor como parte dele, como se nele vissem semelhantes a serem respeitados e mais do que isso honrados em suas diferenças de perspectivas.

Nessa visão, “se o multiculturalismo ocidental é o relativismo como política pública, o xamanismo perspectivista ameríndio é o multiculturalismo como política cósmica.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p.121), esse movimento mostra uma forma diferente de formar os sujeitos. Uma relação com o outro e com o mundo fora do padrão de superioridade humana, fora do olhar que vai ao outro para julgar e excluir dele a sua possibilidade de pertencimento, dignidade e existência.

A proposta para a desativação (ou profanação da mesma) da máquina antropológica é uma proposta de suspender a potencialidade da mesma. Trata-se aqui de lidar com uma possibilidade de formação do sujeito que não impõe a ele uma essencialidade do humano, que para existir está ligada a uma exclusão de algo que faz parte da nossa existência. Desligar a máquina é promover uma abertura ao novo e ao que pode se desenvolver na humanidade a partir desse novo. Abrir espaço ao animal que temos em nós e que temos e em nossas relações com o mundo, se tornar o aberto que de fato somos.

Dentro dessa visão o perspectivismo ameríndio aparece aqui como uma amostra viva dessa questão, o que Giorgio Agamben apresenta em seu trabalho não se retrata como um simples delírio utópico, mas sim uma possibilidade viva. Basta que o Ocidente dê a si mesmo a chance de emergir uma nova postura de relação que possa abolir as intolerâncias e preconceitos e procurar entender os muitos *outros*, ver e interagir com o mundo a partir de outros possíveis olhos. Agamben expressa a necessidade de abrir a possibilidade de novos horizontes de formação dos sujeitos, de uma nova forma de lidar com os princípios que movem o sujeito ocidental, literalmente deixar emergir o novo para fundar uma outra perspectiva de relação dos sujeitos consigo e com o mundo.

A escola deve abrir espaço para a animalidade, abrir espaço para a profanação da máquina antropológica, e ao atrair para o centro da educação aquilo que a mesma insiste em excluir do processo educativo, fundar uma outra forma de educar. Trata-se de aprender a compreender o que o outro tem a nos ensinar dentro de suas características próprias. Educar os sujeitos para um abrir-se a experiência da vida, aptos a receber e aceitar o novo, o meio ambiente e toda uma cosmologia em suas especificidades. O signo da animalidade enquanto motor pedagógico se torna um signo propagador de uma pedagogia de respeito e interação, que recebe o novo de braços abertos e aptos a aprender junto ao mesmo.

Aprender com a animalidade é operar dentro do surgimento de um algo novo “uma vida nova e mais bem aventurada, nem animal nem humano.” (AGAMBEN, 2013, p.142). Não se trata fazer um desses dois aspectos triunfar, trata-se de olhar sob nova estética, encontrar uma nova forma de viver, algo que Viveiros de Castro nos apresenta a partir de um viver arcaico e que tem muito a ensinar ao ocidente. Deixar surgir outros modos de vida sem modelos e que não tenham seu emergir vinculados ao tratamento do homem, do animal e do mundo como algo que não faz parte de todas as experiências de existência.

CONCLUSÕES

A partir da discussão apresentada nesse trabalho é possível formular questões

potentes para reflexões junto a educação contemporânea. A escolarização dos sujeitos na sociedade atual se constrói pautada na manutenção de ideais de humano, não conseguindo abarcar a necessidade humana de constituir-se de forma aberta em meio a sua existência. O potencial limitador que o humanismo tem empregado junto ao seu modelo escolar tem sido propagador de uma série de facetas, muitas vezes monstruosas, da humanidade cujas próprias promessas da *humanitas* tentaram e não conseguiram sanar. A escola se torna o ambiente de propagação dos ideais humanistas, se torna o campo de formação do ser humano amparado sobre essas formas de viver e existir.

Nessa perspectiva a animalidade aparece nos trabalhos de Agamben como o ponto ao qual a humanidade excluiu de seu ser, mas que não consegue evitar relacionar-se e partilhar o mundo. Giorgio Agamben nos convida a refletir sobre uma formação que quebre as barreiras da exclusão-inclusiva do animal, e conseqüentemente, que se abra a uma renovação constante do sujeito, trata-se de formar para o emergir constante do homem dentro de sua abertura fundante.

Profanamos as palavras de Agamben, trabalhando essa temática sob a lógica de abrir possibilidades a uma profanação da instituição escola, alocando em seus princípios esse o abraço a animalidade e a pluralidade de sujeitos, espécies, da própria vida como um todo. Questões que podem proporcionar um potencial de reinvenção do campo pedagógico e educacional.

Trata-se de dar possibilidades ao campo educativo sob uma nova dimensão de operação, uma formação dos sujeitos que tem como característica principal salientar e abraçar o potencial ilimitado que a experiência humana pode ter quando aliada a animalidade e ao olhar para o mundo como ponto espaço de aprendizagem e também portador de sabedoria.

Trata-se de destruir a máquina e estabelecer um novo princípio de organização da humanidade, tendo em vista favorecer a experiência de vida dos sujeitos, de formação escoar, capaz de se construir coletivamente e fora dos idealismos humanistas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O aberto**: O homem e o animal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2013.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução e apresentação Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

BAPTISTA, Mauro Rocha. **Notas sobre o conceito de vida em Giorgio Agamben**. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/prof/article/viewFile/632/417> Acesso: 20/04/2017.

FREITAS, Alexandre Simão. Domesticação, zoopolítica e incorrigibilidade... Ou o devir-besta da escola em vigiar e punir. *In*: **Repensar a educação**: 40 anos após vigiar e punir. São Paulo: Livraria

da Física, 2015.

SANTOS, Boaventura Souza. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano** – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v2n2/v2n2a05.pdf> Acesso: 12/12/2016.

O TEMPO E A HISTÓRIA NA OBRA *LAVOURA ARCAICA*

Data de aceite: 17/01/2020

Data de submissão: 02/11/2019

Matheus Silva Falcão

Universidade Federal do Tocantins – UFT. Curso de História.

Porto Nacional – TO.

<http://lattes.cnpq.br/4117810631290759>

Renata Brauner Ferreira

Universidade Federal do Tocantins – UFT. Curso de História.

Porto Nacional – TO.

<http://lattes.cnpq.br/6821007017811992>

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo estudar o filme *Lavoura Arcaica* (Luís Fernando Carvalho, 2001), concebido do romance homônimo de Raduan Nassar (1975), e a partir disso extrair elementos que nos proporcionarão enxergar os mesmos como possibilidades e caminhos não somente à análise fílmica e literária, mas também à linguagem historiográfica. Buscamos apresentar aqui, portanto, um olhar sobre as obras literária e fílmica citadas a partir do seu caráter autônomo e particular, agregadas à historiografia, partindo do pressuposto de que esta pode-se utilizar da imagem e da narrativa literária num viés de aproximação entre campos científicos diversos.

PALAVRAS-CHAVE: História e Cinema,

Literatura e Cinema, Tempo e Imagem.

THE TIME AND HISTORY IN THE WORK

LAVOURA ARCAICA

ABSTRACT: This paper aims to study the film *Lavoura Arcaica* (Luis Fernando Carvalho, 2001), which was conceived from the novel of the same name by Raduan Nassar (1975), and from this extract elements which will help us see them as possibilities and paths, not only for the filmic and literary analysis, but also historiographic language. We seek to present here, therefore, a look at the literary and filmic works cited from their autonomous and particular character, added to historiography, on the assumption that it can use the image and literary narrative in a way of approximation between different scientific fields.

KEYWORDS: history and Cinema, literature and Cinema, time and image.

1 | INTRODUÇÃO

Debruçar-se sobre obras literárias e fílmicas é um dos caminhos que se descortinam numa pesquisa historiográfica, mas que traz consigo implicações e problemas pela aparente distância entre a arte, a literatura e a própria história enquanto ciência. Escolher esse

caminho é, portanto, uma oportunidade para encurtar as fronteiras que dividem estas áreas; fronteiras estas que além de dividirem espaços também os aproximam. Zonas fronteiriças trariam então não separação plena, mas possibilidades confluentes.

Neste sentido, buscar obras como o longa metragem *Lavoura Arcaica* (Luís Fernando Carvalho, 2001), construído a partir do romance homônimo do escritor brasileiro Raduan Nassar publicado pela primeira vez em 1975, como base principal num trabalho historiográfico representa justamente a escolha de posicionar-se nesta zona fronteira entre a arte, a literatura, o imaginário e a própria linguagem historiográfica. Extrair elementos que corroborem tal aproximação é o sentido e o problema que trazem significância a este trabalho.

2 | A HISTÓRIA E O CINEMA EM CONVERGÊNCIA

O fazer historiográfico, como todo ofício, passou ao longo do tempo por transformações, fazendo-se e refazendo-se a partir das concepções e paradigmas que nutriram diferentes visões acerca do que seria essencial para sua atuação: as fontes. Fontes essas que são o substrato da pesquisa e da análise de um historiador que se debruça sobre diferentes processos históricos, podendo endossar determinada visão ou embotar outra. As fontes são, portanto, *vestigios* essenciais para que se possa analisar e interpretar variados contextos específicos que se inserem na memória (RICOEUR, 1955, p. 25).

Tal como as imagens de modo geral, o uso do cinema como agente da História também foi consolidado com dificuldade e recusa dos *modi operandi* dos paradigmas historiográficos tradicionais. Conforme aponta Marc Ferro (1992, p. 79-80):

Seria o filme um documento indesejável para o historiador? Muito em breve centenário, mas ignorado, ele não é considerado nem sequer entre as fontes mais desprezíveis. O filme não faz parte do universo mental do historiador. Na verdade, o cinema ainda não era nascido quando a história se constituiu, aperfeiçoou seus métodos, parou de narrar para explicar. A “Linguagem do cinema revela-se ininteligível e, como a dos sonhos, é de interpretação incerta. Mas essa explicação não é satisfatória para quem conhece o infatigável ardor dos historiadores, obcecados por descobrir novos domínios. [...] Assim, para os juristas, para as pessoas instruídas, para a sociedade dirigente e para o estado, aquilo que não é escrito, a imagem, não tem identidade; como os historiadores poderiam referir-se a ela, e mesmo citá-la? Sem pai nem mãe, órfã, prostituindo-se em meio ao povo, a imagem não poderia ser uma companheira destes grandes personagens que constituem a sociedade do historiador: artigos de leis, tratados de comércio, declarações ministeriais, ordens operacionais, discursos. [...] O historiador não poderia se apoiar em documentos dessa natureza.

Apesar de todos os embates no campo metodológico da historiografia, o cinema se apresenta como parte da consciência e da memória de um povo e, talvez justamente por isso, possibilita estudos aprofundados acerca da cultura e das

peculiaridades de uma sociedade. Como destaca Michèle Lagny (2009, p. 99):

A utilização do filme pelo historiador, por longo tempo inconcebível, e em seguida admitido formalmente, parece constituir doravante o objeto de uma tendência cujo sucesso é crescente, visto que, mais do que nunca, todos, os cineastas na frente, mas também sociólogos, etnólogos, filósofos e historiadores, afirmam a estreita relação entre o cinema e a história. Imediatamente, por causa da correspondência que parece evidente, à primeira vista, entre a imagem animada e o real. Filmar a vida: eis o que fizeram os operadores Lumière, cujas primeiras tomadas de cena testemunharam a saída de trabalhadores da usina que possuíam, [...] a refeição deles com seus filhos [...] assim como manifestações públicas da vida política [...].

Outro ponto a ser discutido é o potencial de um filme de reconstruir e interpretar certa memória. Guardadas as devidas proporções, o papel de um cineasta pode ser cautelosamente comparado ao de um historiador no sentido de rememorar um fato ou um contexto específico, sobretudo se considerarmos filmes de teor histórico. No entanto, enquanto o historiador se apega ao rigor, aos moldes científicos e aos paradigmas historiográficos, o cineasta se despe desses aspectos e busca o primor da experiência artístico-visual (BURKE, 2017, p. 239). Mesmo assim, a forma escolhida por um diretor de cinema na produção de uma película pode corresponder efetivamente ao papel de um historiador no que tange à especificidade e composição dos trabalhos, embora sejam estes notadamente de formatos distintos.

3 | LAVOURA ARCAICA: O LIVRO E O FILME

Dentre as consagradas e imortalizadas obras da literatura brasileira, por diversas vezes passam despercebidos o nome de Raduan Nassar e do seu romance *Lavoura Arcaica*. O romance foi lançado no ano de 1975 e na época foi bem recebido pela crítica literária especializada. Recebeu no ano seguinte o prêmio Coelho Neto, realizado pela Academia Brasileira de Letras bem como o prêmio Jabuti na categoria autor revelação para Raduan Nassar. Pelo conjunto de sua curta obra, Raduan foi galardoado, anos mais tarde, em 2016 com o Prêmio Camões, o maior prêmio de caráter literário para autores lusófonos.

A narrativa do romance em questão gira em torno de André, um jovem que decide sair da fazenda em que vive desde criança com os irmãos e os pais e se vê num quarto de pensão barata interiorana. Confusa, a personagem se confronta com diversas questões que contrapõem, por exemplo, tradição e modernidade ou conservadorismo e licenciosidade. É narrado em primeira pessoa e tem em sua estrutura de tempo um caráter não linear.

Construído a partir do romance, em 2001 é lançado o filme homônimo. Dirigido por Luís Fernando Carvalho, o longa metragem *Lavoura Arcaica* foi muito bem recebido pela crítica, chegando a ganhar mais de vinte prêmios em mostras

nacionais e internacionais de cinema em diversas categorias (NASSAR, 2016, p. 455-456.) e a ser incluso em 2015 na relação dos *cem melhores filmes brasileiros de todos os tempos*, feita pela Abraccine, Associação Brasileira de Críticos de Cinema. O filme é colorido em sua maior parte, tem duração aproximada de 163 minutos e tem no elenco atores consagrados como Raul Cortez e outros que na época eram promessas como Selton Mello, Caio Blat e Simone Spoladore. A direção de fotografia é de Walter Carvalho e a trilha sonora é assinada pelo compositor Marco Antônio Guimarães.

São muitas as relações que podem ser estabelecidas entre André de *Lavoura Arcaica* e o filho pródigo da parábola trazida no capítulo XV do Evangelho segundo São Lucas a começar por André também ter escolhido sair de casa e por isso representar em ambos os casos um desarranjo à ordem presente na união familiar, mesmo que essa união seja somente física. A saída do pródigo representou uma afronta à unidade familiar tão exaltada também no decorrer da história de Nassar.

No início da trama, André está nu e só no quarto de pensão escuro até que tem seu silêncio interrompido pelo irmão mais velho, Pedro, que bate à porta. A cadência do som que invade o quarto no filme de Luís Fernando Carvalho quebra o transe de André que traz ao espectador a ideia de uma liberdade explosiva e ao mesmo tempo agonizante pela forma impactante como a trilha sonora é conduzida neste início, repleta de picos.

Este encontro de André com Pedro ocupa mais da metade da obra e é aqui que André narra em primeira pessoa ora para Pedro e ora a sua própria consciência e conseqüentemente ao leitor ou espectador suas impressões sobre a fazenda, seus pais e irmãos intercalando momentos que foram para ele importantes desde a sua infância e adolescência (o chamado fluxo de consciência presente no romance de Nassar). Essa narração não tem um caráter linear e às vezes misturam-se os fatos e as fases de vida da personagem. No filme em análise optou-se por representar em duas vozes diferentes essas narrativas em recurso voz over. Nos momentos em que André narra diretamente a Pedro os fatos, aparece a voz de Selton Mello e nos outros, a do próprio diretor Luís Fernando Carvalho.

Neste encontro entre Pedro e André, um dos primeiros elementos do imaginário presente na obra a emergir está na reação de Pedro ao ver André com a camisa desabotoada. Ele pede que o irmão abotoe a camisa e chama para si a responsabilidade de repreendê-lo por isso ao evocar com respeito e temor a figura máxima do pai. O pudor ao corpo e às paixões bem como o respeito à figura paterna compõe toda a obra. O pai, no filme representado por Raul Cortez, tem autoridade máxima sobre tudo e sobre todos na fazenda. Quanto aos costumes e a visão de mundo de todos, partem de seus sermões os ensinamentos que se deve ter como guia máximo. Depreende-se daí o caráter paternalista da *lavoura*; o pai representava

o líder supremo e por sua vez enaltecia a figura do falecido avô. Nesta ordem, o sucessor natural seria Pedro, curiosa e possível alusão ao apóstolo Pedro, tido pela tradição cristã como primeiro líder da igreja. A ordem que todos deviam se sentar à mesa para as refeições era um reflexo disso. Em uma ponta, havia a cadeira vazia do avô e na outra era o lugar do pai; à sua direita sentava-se Pedro. O respeito e o temor ao pai se verificavam em todos principalmente no momento em que este proferia os sermões e as reflexões. Neste momento, todos o ouvem com silêncio absoluto e não olham diretamente a ele, mantendo o olhar sério e cabisbaixo como de quem ouve uma sentença. A forma como o filme representa este aspecto é imprescindível para esta percepção. (vide Imagem 1).



Imagem 1 – Parte dos irmãos e a mãe à mesa.

Fonte: captura de tela. *Lavoura Arcaica*. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Brasil: Distribuidora Europa Filmes, 2001. (Longa metragem).

As referências que se faz ao imaginário judaico-cristão são várias. Um dos primeiros ensinamentos que se traz é o de Cristo no Sermão do Monte ao explicar que os olhos são a candeia do corpo.¹ O pai também exalta a verdade ao dizer que sempre se deve começar com a verdade e terminar por ela. Valoriza o trabalho, o respeito, a paciência como a maior das virtudes e a união inquebrável do núcleo familiar. Repudia as paixões e denuncia a pressa como uma ameaça nociva que interrompe o ciclo natural da vida e das coisas que a compõe. Um dos sermões do pai dizia:

humilde, o homem abandona sua individualidade para fazer parte de uma unidade maior, que é de onde retira sua grandeza; só através da família é que cada um em casa há de aumentar sua existência, é se entregando a ela que cada um em casa há de sossegar os próprios problemas, é preservando sua união que cada um em casa há de fruir as mais sublimes recompensas; nossa lei não é retrair mas ir ao

1 Cf. O Evangelho Segundo São Mateus, cap. VI, versículos 22 e 23.

encontro, não é separar mas reunir, onde estiver um há de estar o irmão também... (NASSAR, 2016, p. 150).

Na conversa com Pedro, André fala sobre sua tenra fé de infância de “congregado mariano” e estas reminiscências são muito bem representadas no filme, que mostra uma relação íntima dele com a mãe, que o desperta cedo para ir à capela e como ele, sendo ainda uma criança, chega ali com a leveza característica de uma. A pequena capela é mostrada no filme num plano aéreo e o momento em que a criança chega à congregação é quando o plano deixa o ar, trazendo a impressão inclusive que o pequeno André levitava ou transbordava² (vide imagem 2).



Imagem 2 – O pequeno André levitando ao chegar à paróquia.

Fonte: captura de tela. *Lavoura Arcaica*. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Brasil: Distribuidora Europa Filmes, 2001. (Longa metragem).

Mas todo esse primeiro amor de André com a fé e com a família se desbota com o tempo. A causa para que isso ocorresse é como ele mesmo afirma o excesso de luz; o excesso de luz o incomodava. O conceito de luz e sombra é muito bem representado na película. Sempre que é mostrada a casa da fazenda, sobretudo nas recordações de infância, vê-se um ambiente extremamente iluminado e claro, sem sombras. No momento em que o pai profere os sermões, tem-se um ambiente escuro, mas iluminado pelo pai que acende o candeeiro para que a sala fique clara e para que todos possam vê-lo. (vide imagem 3).

2 André chega a lembrar que sentia na capela o que tinha de fato como sendo Deus. Essa expressão pode ser compreendida pela tradição judaico-cristã e noutras religiões na presença material da divindade em templos ou em objetos, o simulacro.



Imagem 3 – O pai à extremidade da mesa proferindo sermões. Oposição entre luz e escuridão.
Fonte: captura de tela. *Lavoura Arcaica*. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Brasil: Distribuidora Europa Filmes, 2001. (Longa metragem).

Enquanto estava na pensão, André escolhe ficar no quarto escuro, vedado e intransponível para que frestas de luz não mais o incomodassem. Assim como a cadência das batidas insistentes de Pedro à porta quebraram o silêncio e o transe de André, Pedro também exige que as venezianas sejam abertas e assim como quando pede que André abotoe a camisa, remete nesta ordem a imagem do pai que por sua vez ressaltava que a luz deveria sempre sobrepujar às trevas.

As motivações que levaram a André à transgressão são a inconformidade com os padrões estabelecidos pelo pai e seus desígnios. Num momento de recordação, André relembra quando sintetiza a sua transgressão e afirma fundar a sua própria igreja baseada somente no seu ponto de vista; afirma ser possível ser o profeta da sua própria história e existência. Traz um misto de revolta e de contestação ao tecer comentários jocosos e irreverentes às histórias do pai e aos preceitos impostos a ele desde a infância. Neste sentido, a atuação de Selton Mello é significativa por trazer muito bem no timbre e na entonação de sua voz tais características. A atuação de Raul Cortez como o pai também é imprescindível para que o espectador apreenda o caráter religioso e moralista do pai.

Para Xavier (2010, p. 2):

Em *Lavoura arcaica*, temos a tragédia vivida em um núcleo fechado de relações cujas coordenadas históricas são fluidas, algo como meados do século XX em um canto do sudeste brasileiro. Vale neste caso o paradigma da família como autarquia, unidade de reprodução e de trabalho que pouca relação tem com o mundo exterior.

Ainda segundo Xavier (2010, p. 5):

Ignorando o princípio de realidade do trabalho, André quer a “gratificação já”, como um direito natural. Antes, a dádiva; depois, o suor. Ele inverte, portanto, a ideia do Tempo do pai, feito de renúncias e adiamentos, do elogio da paciência e da espera pela recompensa que o patriarca oferecerá em troca do bom proceder e da “aceitação do jogo” que exige a contenção do apetite.

Dessa forma, percebe-se na figura de André o impulso por confrontar a estrutura patriarcal ao valorizar e dar voz às ideias e aos princípios antagônicos do *novo* em oposição ao *arcaico*. É esse sentimento de transgressão e revolta que permeia toda a obra.

Para Sirino (2008, p. 5):

André não tem uma identidade unificada, mostra-se fragmentado, com situações não resolvidas. Sua *palavra* interior nem sempre pode ser levada para o coletivo. Não aceita e discorda da voz paterna. Os conflitos entre ele e seu pai são gerados pela *palavra*. Essa tensa vivência é visualizada a partir de seu discurso interior e exterior que ao mesmo tempo podem ser modeladores de sua identidade.

Um nítido exemplo de como André vê os sermões do pai dessa forma, cheia de asco, e com uma transgressão explosiva está ao lembrar a história do faminto, contada pelo pai (NASSAR, 2016, p. 81 *et. seq.*) e inspirada nas *Mil e Uma Noites*³

A história do faminto tinha como objetivo exaltar a paciência como a maior das virtudes e, sucintamente, conta a história de um faminto que tem um encontro com um sábio tido como soberano do universo em seu grande e vazio palácio. O faminto pede uma esmola e conta que padece por fome. O sábio prontamente se dispõe a ajudá-lo e a lhe oferecer de sua própria comida; no entanto, como o mendigo percebe, a suposta refeição na verdade não existe e o faminto decide, mesmo com tanta fome, acompanhar o sábio na suposta refeição e contracena com ele neste vasto e fantasioso banquete. Fazia ainda parte do “teste” do sábio a oferta da sobremesa e dos vinhos de sua adega. O mendigo, já não aguentando tanta dor, continua a ceder e a acompanhar o sábio. No fim, o mendigo logra êxito e ganha do sábio, por tamanha paciência, o direito de habitar o palácio e a se fartar de banquetes verdadeiros para o resto de sua vida. Estes dois personagens da história descrita foram representados por André e pelo pai no filme. Isso é fundamental para

3 A referência às *Mil e Uma Noites* é somente uma das várias alusões que se faz à cultura árabe na obra. A própria família, assim como o próprio Raduan Nassar, possui ascendência sírio-libanesa. No filme isso fica muito bem representado e caracterizado nas festas, com instrumentos como o alaúde, as danças árabes e as letras em árabe de algumas canções. No livro, passagens como a do capítulo XV da obra, onde André, numa recordação ao avô, cita a palavra árabe *Maktub* (está escrito), que seria dita pelo mesmo constantemente (NASSAR, 2016, p. 93) e também ao citar a IV surata do Corão na epígrafe da segunda parte do livro (IBID, p. 147). *A posteriori*, pode-se ressaltar também um trecho da obra *O Profeta*, de Khalil Gibran (poeta libanês) e que se enquadraria no contexto do imaginário cultural que Nassar cresceu e próximo da personagem do pai de André no romance: “vossa alma é, muitas vezes, um campo de batalha, no qual vossa razão e vosso julgamento entram em guerra contra vossa paixão e vosso desejo” (GIBRAN, 2017, p. 66)

se entender a nova interpretação de André para a história. Ele explica que o pai, mesmo recontando a história tantas vezes, ocultou o real desfecho da mesma. André conta, cheio de sarcasmo, que o mendigo, antes de ser galardoado por tamanha paciência, desferiu um violento golpe no sábio e alegou que não teria condições de responder por tal ato: “que queres, senhor, o espírito do vinho subiu-me à cabeça e não posso responder pelo que fiz quando ergui a mão contra o meu benfeitor” (NASSAR, 2016, p. 89). “A paciência também tem seus direitos. A paciência também tem seus direitos”, teria afirmado o faminto na releitura de André.⁴

É esse sentimento de transgressão e revolta que permeia toda a obra. Quando André diz que fundará a sua própria igreja tendo como única e irrevogável doutrina o seu próprio ponto de vista, fica clara noção da construção de uma antirreligião ou de uma moral às avessas. André desdenha da moral e dos costumes familiares, que vê como hipócritas por nivelarem e padronizarem indivíduos. Apresenta-se cheio de êxtase e vinho a Pedro como um convulso e epilético; imundo e leproso.⁵ Faz disso uma conclamação para que o irmão mais velho retorne à fazenda e que denunciem publicamente os horrores de sua imundícia. “Traz o demônio no corpo”, diz ele que deveriam dizer a seu respeito. Esta moral hipócrita é tipificada em Pedro, por exemplo, que a princípio condena André por este estar bebendo vinho, mas depois cede e toma do mesmo cálice.

O regresso de André à fazenda é conflituoso e a conversa com o pai mais ainda. O momento da volta de André e Pedro no trem é bem representado no filme. Enquanto eles retornam, a câmera é focada ora nos trilhos em movimento, ora em meninos acompanhando o trem, numa alusão à memória e à infância da personagem. Quanto à conversa com o pai, o tom de alegria deste ao ter de volta ao seio familiar o filho se desfaz ao ouvir as suas considerações. As afirmações de ambos, sobretudo as de André, são genéricas e confusas. No filme, percebe-se que é utilizada predominantemente neste momento a câmera fixa, que evidencia o movimento pró-fílmico, movimentação dos atores em relação ao posicionamento da câmera (SIRINO, 2008. p. 178). André alega ter saído de casa por não ter encontrado ali o seu espaço e faz considerações sobre a opressão e às mudanças. O pai se exaspera e argumenta exaltando a tradição e as virtudes. A exasperação do pai assume um tom crítico quando é quebrada pela intervenção da mãe em prol do filho

4 Esta é a única parte da película realizada em preto e branco.

5 Uma clara referência à cultura hebraica. Cf. Levítico, cap. XIV. A questão dos sacrifícios e de como isso permeia o imaginário hebraico e conseqüentemente judaico-cristão é também abordada na obra quando André ainda criança promete sacrificar um cordeiro caso tivesse uma de suas preces atendidas. O pedido era para que uma pomba revivesse. Na religiosidade hebraica os sacrifícios eram diferenciados de acordo com as posses e as condições financeiras dos penitentes e variavam, por exemplo, de um cordeiro, uma rola ou uma porção de farinha. (cf. Levítico, cap. V, versos 1-13). Estes três elementos são apresentados em *Lavoura Arcaica* quando André era ainda criança e atingia o ápice de sua primitiva fé. O momento em que a pombinha branca de André revive é significativo e muito bem representado no filme. Ela retoma a respiração, numa alusão a Deus e ao fôlego de vida atribuído a ele na tradição hebraica (cf. Gênesis, cap. II, verso 7).

e conseqüentemente pelo pedido de perdão de André e pelo compromisso de ceder aos ditames do pai, que chora ao mesmo tempo em que a trilha sonora do filme traz uma alusão direta à ária *Erbarne Dich, Mein Gott*, componente da *Paixão Segundo São Mateus* de J. S. Bach. A letra da ária explora basicamente a súplica de um pecador por clemência, misericórdia e perdão.

Mas o ápice da transgressão está na relação incestuosa de André e Ana, irmã de André, desenvolvido não linearmente em toda a obra e que confere o tom de tragédia ao fim da obra na segunda festa onde efetivamente em Ana, assim como em André, são materializados atos de transgressão que contrapõem a transgressão à tradição. Pode-se dizer que a postura de André dá eco à visão Nietzscheana acerca do questionamento aos valores morais a partir de uma lógica de que os mesmos não são imutáveis e relativos aos tempos, podendo ser, portanto relativizados:

Que o caráter seja imutável não é uma verdade no sentido estrito; esta frase estimada significa apenas que, durante a breve duração da vida de um homem, os motivos que sobre ele atuam não arranham com profundidade suficiente para destruir os traços imprecisos por milhares de anos. Mas, se imaginássemos um homem de oitenta mil anos, nele teríamos um caráter absolutamente mutável [...]. A brevidade da vida humana leva a muitas afirmações erradas sobre as características do homem (NIETZSCHE, 2017, p. 47).

André, como todos os seus dissabores, guarda outra similaridade com o pensamento de Nietzsche, se considerarmos que para este “(...) a vida de tudo o que é orgânico requer não somente luz, mas também escuro” (NIETZSCHE, 1983, p. 58). Como aqui já dito, seria justamente esse o incômodo de André nos sermões de seu pai e na vivência da família.

Ainda na lógica de Nietzsche, André, em sua ânsia pelo instante, encarnaria a ideia de que o pensar historicamente, o que significa um enaltecimento à tradição própria do pensamento de seu pai, representaria algo nocivo. Como aponta o filósofo alemão: “Quem não se instala no limiar do instante, esquecendo todos os passados, quem não é capaz de manter-se sobre um ponto como uma deusa de vitória, sem vertigem e medo, nunca saberá o que é felicidade e, pior ainda, nunca fará algo que torne outros felizes.” (NIETZSCHE, 1983, p. 58).

Cita-se ainda aqui outro excerto da obra nietzschiana para corroborar uma aproximação com a visão de André no sentido de se rechaçar a tradição (que Nietzsche denomina história como acepção geral):

A cultura histórica também é, efetivamente, uma espécie de encanecimento inato, e aqueles que trazem em si seus sinais desde a infância têm de chegar à crença instintiva na velhice da humanidade: à velhice. porém, convém agora uma ocupação senil, ou seja, olhar para trás, fazer as contas, concluir, procurar consolo no que foi por meio de recordações, em suma, cultura histórica. A espécie humana, porém, é uma coisa tenaz e persistente, e não quer após milênios, nem mesmo após centenas de milhares de anos, ser observada em seus passos – para diante

e para trás -, isto é, não quer, de modo nenhum, ser observada como um todo por esse pontinho de átomo infinitamente pequeno, o indivíduo humano (NIETZSCHE, 1983, p. 66).

Já na perspectiva do teórico Mikhail Bakhtin, a personagem de André poderia ser caracterizada como dialógica por representar o confronto entre a palavra interior, que é a consciência individual, e a exterior – palavra que é verbalizada (SIRINO, 2008, p. 3). Incapaz de verbalizar diante do pai e da família sua discordância ante a ordem estabelecida, André foge; e quando retorna e expõe ao pai sua oposição, cala-se e aceita a condição a ele posta.

Ao retornar, até tenta expor ao pai, de modo turvo, o que pensa e por ele é tachado de “perturbado”, além de afirmar não entender e ser estranho o que diz o filho, que responde que “estranho é o mundo, pai, que só se une se desunindo; erguida sobre acidentes, não há ordem que se sustente; não há nada mais espúrio do que o mérito, e não fui eu que semeiei a semente” (NASSAR, 2016, p. 167). No fim, com o já dito, André se cala impotente e se rende dizendo confusamente no fim do desarranjado diálogo com o pai:

– Estou cansado, pai, me perdoe. Reconheço minha confusão, reconheço que não me fiz entender, mas agora serei claro no que vou dizer: não trago o coração cheio de orgulho como o senhor pensa, volto para casa humilde e submisso, não tenho mais ilusões, já sei o que é a miséria, sei também agora, pai, que não devia ter me afastado um passo sequer da nossa porta; daqui pra frente, quero ser como meus irmãos, vou me entregar com disciplina às tarefas que me forem atribuídas, chegarei aos campos de lavoura antes que ali chegue a luz do dia, só os deixarei bem depois de o sol se pôr (NASSAR, 2016, p. 172).

Acerca deste diálogo entre o pai e André, Legelski (2016, p. 29) ressalta que

o diálogo entre André e o pai em *Lavoura*, como no drama moderno, aparece como um diálogo entre surdos, as palavras são impossíveis de serem comunicadas e mesmo se ultrapassassem essa barreira seriam inúteis, pois aqueles que empreendem o diálogo não querem ser convencidos, mas somente afirmar a sua própria verdade.

4 | AS DIMENSÕES DA HISTÓRIA E DO TEMPO

O tempo e o espaço apresentam-se como elementos essenciais a qualquer narrativa, sendo a relação das personagens com estes, o fator responsável por dar fôlego às tramas e aos acontecimentos. No universo de *Lavoura Arcaica*, a noção que se tem de tempo pode ser dividida basicamente em torno do contraste entre as visões do pai e a tradição que este representa, e de André com a urgência e o imediatismo que o caracterizam. Destaca-se passagens no romance como a seguinte:

O tempo é o maior tesouro de que um homem pode dispor; embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento; sem medida que o conheça, o tempo é contudo nosso bem de maior grandeza: não tem começo, não tem fim; é um pomo exótico que não pode ser repartido, podendo entretanto prover igualmente a todo mundo; [...] onipresente, o tempo está em tudo (NASSAR, 2016, p. 55 *et. seq.*).

Nota-se aqui a exaltação que o pai faz a um tempo cíclico e à ideia de uma tradição construída e repassada ao longo das gerações. “A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor, trabalho, tempo.” (NASSAR, 2016, p. 185). Esta dimensão de tempo é quebrada pela perspectiva de André:

O tempo, o tempo é versátil, o tempo faz diabruras, o tempo brincava comigo, o tempo se espreguiçava provocadoramente, era um tempo só de esperas, me aguardando na casa velha por dias inteiros; era um tempo também de sobressaltos, me embaralhando ruídos, confundindo minhas antenas, me levando a ouvir claramente acenos imaginários, me despertando com a gravidade de um julgamento mais áspero, eu estou louco! e que saliva mais corrosiva me lambendo de fantasias desesperadas, compondo máscaras terríveis na minha cara [...] (NASSAR, 2016, p. 97-98)

A maneira como Raduan Nassar sobrepõe as duas visões de tempo para as duas principais personagens corrobora a ideia do conflito entre ambas aqui já citado e coloca o elemento tempo em destaque, sendo este imprescindível ao entendimento das motivações de tal embate. André define o tempo como *versátil* e lhe dando margem ao desejo e ao ócio:

Na modorra das tardes vadias na fazenda, era num sítio lá do bosque que eu escapava aos olhos apreensivos da família; amainava a febre dos meus pés na terra úmida cobria meu corpo de folhas e, deitado à sombra, eu dormia na postura quieta de uma planta enferma vergada ao peso de um botão vermelho [...] (NASSAR, 2016, p. 15).

Desse modo, André distorce a visão própria do pai acerca do tempo. A transposição da imagem construída de André em contato com a terra é representativa da atmosfera de torpor criada por Nassar e percebida no filme de Carvalho (vide imagem 4).



Imagem 4 – cena em que André esfrega seus pés na terra da fazenda em que vivia.

Fonte: captura de tela. *Lavoura Arcaica*. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Brasil: Distribuidora Europa Filmes, 2001. (Longa metragem).

Relacionando-se a noção individual sobre o tempo na perspectiva da duração e a experiência individual, nota-se na estrutura de *Lavoura Arcaica* a preocupação de André, o narrador-personagem, de ligar a lembrança de sua trajetória de vida às suas inquietações do presente, sendo o presente e a visão que este tinha do passado utilizados para legitimar o que este buscava ser. Sobre isso, Piati (2012, p. 119) destaca:

André narra num tempo distante ao dos fatos ocorridos. No entanto, vive o seu passado, mas num tempo presente. E este passado lendário, de existência puramente subjetiva, surge à sua mente enquanto memória, enquanto destino, demonstrando que o passado é obra do presente, e que, portanto, seu destino é fruto de uma convicção, e não efeito de alguma lei exterior ao indivíduo.

Acerca da enumeração dos acontecimentos na narrativa, fundem-se fatos ocorridos há muito tempo, na infância de André, com outros que teriam sido apresentados num médio e curto prazo, algo próximo de um tempo mítico:

No tempo mítico, presente, passado e futuro se confundem e se fundem. O tempo do mito é cíclico, à imagem das esferas celestes, feito com repetições circulares. Uma história mítica presente em várias das narrativas antigas, as epopeias, é a da partida do filho da casa paterna, que sofre uma reavaliação no romance de Nassar (IEGELSKI, 2016, p. 27).

Lavoura Arcaica, ao abarcar em sua construção a tragédia e o antagonismo geracional, representa um conflito próprio do ser humano na história e que se repete ao longo do tempo. No fim, na busca por sentido, André e seu pai, com suas prerrogativas e discursos distintos, são engolidos pelo tempo, este mesmo tempo que para uns é sinônimo de instante e para outros a materialidade da tradição.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2015.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica.** Tradução Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

FERRO, Marc. **Cinema e História.** Tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIBRAN, Khalil. **O profeta.** Tradução Bettina Becker. Porto Alegre: L&PM Editores, 2017.

IEGELSKI, Francine. Tempo: tragédia e melancolia. Notas de leitura de *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar e *Relato de um Certo Oriente*, de Milton Hatoum. **Intelligere, Revista de História Intelectual**, São Paulo, v. 02, n. 02, p. 23-39, 2016.

LAGNY, Michèle. O Cinema como fonte de História. Tradução Gabriel Lopes Pontes. In: NÓVOA, J; FRESSATO, S. B.; FEIGELSON, K. (Orgs). **Cinematógrafo: um olhar sobre a História.** Salvador: EDUFBA; São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

LAVOURA Arcaica. Direção: Luiz Fernando Carvalho. Produção: Luiz Fernando Carvalho. Intérpretes: Raul Cortez, Selton Mello, Simone Spoladore. Brasil: Distribuidora Europa Filmes, 2001. (Longa metragem).

NASSAR, Raduan. **Obra Completa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano demais humano: um livro para espíritos livres.** Tradução Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Obras Incompletas.** Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PIATI, Deise Ellen. Tempo e espaço em *Lavoura Arcaica*. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 34, n. 01, p. 113-122, jan./jun. 2012.

RICOEUR, Paul. **História e Verdade.** Tradução F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1955.

SIRINO, Salete Paulina Machado. Uma leitura literária e fílmica de *Lavoura Arcaica*. **R.cient./FAP**, Curitiba, v.3, p. 163-182, jan./dez. 2008.

XAVIER, Ismail. A tradição da fazenda-autarquia (*Lavoura arcaica*) e a dinâmica da cidade-mundo (Estorvo): desejo incestuoso e regressão em dois cenários do desastre. **Nuevo Mundo Nuevos [En ligne], Questions du temps présent**, 01/2010. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/58360>>; Acesso em 01 mai 2018. DOI: 10.4000/nuevomundo.58360

_____. A trama das vozes em *Lavoura Arcaica*: a dicção do conflito e a da elegia. In: CATANI, A. M.; GARCIA, W. e F.; MARIAROSARIA (orgs). **Estudos Socine de Cinema.** São Paulo: Nojosa Edições, 2005

A NOSTALGIA NAS MÍDIAS DIGITAIS: UMA BREVE ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS DO CANAL VIVA

Data de aceite: 17/01/2020

Data de submissão: 10/11/2019

Bruno Vieira Leonel

Mestrando do Curso de Comunicação da UEL,
e-mail: brleonel@gmail.com.

Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina - PR

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6026454848283413>

RESUMO: Atualmente, as mídias se utilizam de uma produção de textos e imagens voltados à construção de sentidos que evocam sentimentos como o saudosismo e melancolia. Estas emoções (de natureza remissiva) reúnem sonoridades e visualidades que se encontram no imaginário do público à espera de serem ativadas. Tais sentimentos, no momento em que afloram, podem provocar atitudes favorecedoras ao consumo e da sensibilização do espectador. Neste contexto, redes sociais digitais, se tornam especificamente mais poderosas para estimular este tipo de processo, uma vez que usam do apelo emocional para promover emoções, e favorecer o reconhecimento de imagens (em filmes, novelas etc.) já memorizadas anteriormente pela audiência. O que se pretende analisar nesse trabalho é como a ideia de nostalgia midiática é explorada nos meios de informação. Analisaremos algumas imagens ligadas à identidade e às redes sociais

do Canal Viva (da Globosat) — notório pela grande quantidade de audiência e engajamento que consegue gerar, mesmo com o intenso foco em reprises na programação.

PALAVRAS-CHAVE: Nostalgia, Imagens, Redes Sociais

NOSTALGIA IN DIGITAL MEDIA: A BRIEF ANALYSIS OF CANAL VIVA'S SOCIAL NETWORKS

ABSTRACT: Currently, the media use a production of texts and images aimed at the construction of meanings that evoke feelings such as nostalgia and melancholy. These emotions (remissive in nature) bring together sounds and visualities that are in the public imagination waiting to be activated. Such feelings, when they arise, can provoke attitudes that favor the consumption and sensitization of the spectator. In this context, digital social networks become specifically more powerful to stimulate this type of process, since they use the emotional appeal to promote emotions, to active longing and favor the recognition of images (in movies, soap operas, etc.) previously memorized by the audience. What we intend to analyze in this paper is how the idea of media nostalgia is explored in the media. We'll look at some images linked to Globosat's Canal Viva identity and social networks - notorious for the

sheer amount of audience and engagement it can generate, even with the intense focus on reruns on programming.

KEYWORDS: Nostalgia, Imagery, Social Media

1 | INTRODUÇÃO

De uma maneira ampla, as mídias hoje tem uma produção de textos e materiais voltados à construção de sentidos que evocam, entre outros aspectos, emoções ligadas ao saudosismo e a melancolia. Estes são sentimentos de uma natureza remissiva, cuja constituição, reúne sonoridades, visualidades e ícones, armazenados na memória do público, e que se encontram à espera de serem despertados. No momento em que afloram, tais sentimentos, podem causar atitudes favorecedoras a uma expansão de consumo, modificações no cenário urbano, nas relações interpessoais e no ambiente cultural. Tal fato é reforçado pela ainda não completa integração das gerações nascidas em décadas (ou no século) anterior, com as velocidades das tecnologias e comunicações dos dias de hoje. Este fenômeno tende a prosseguir enquanto houver essa desproporção de ideias, de identificação de símbolos e de referências usadas em canais visuais.

Vivemos em uma era de grande produção de imagens referenciais – que fazem citação a outras culturas, que evocam outras épocas, que resgatam personagens de outras produções midiáticas, etc. Na cultura de massa, em sociedades ocidentais, e conectadas ao modo de vida capitalista, o estereótipo de figuras ligadas ao resgate e ao sentimento saudosista de épocas remotas, é visto como uma forma de escapismo quase mítica, e que aparece simbolizando mais do que apenas uma forma de designação ligada ao retorno cronológico do passado, mas sim, algo que evoca quase a ideia de resgate ou de “reviver” sentimentos e sensações ligados a este mesmo passado.

A ideia de saudosismo e nostalgia, aplicada a símbolos do entretenimento e mídia, carrega em si a ideia de sensibilizar o público final, com o intuito de torná-lo mais receptivo e acessível a tais ideias. O receptor é levado a acreditar que comprando determinados produtos (como almanaques dedicados à cultura de certas décadas, box com filmes e temporadas completas de programas de televisão, etc)..., estaria “recuperando”, ou adquirindo de volta, o sentimento oriundo de épocas remotas. Os produtos nostálgicos - assim como suas imagens e estímulos gerados em meios de comunicação - frequentemente emulam características visuais, sonoras e aspectos narrativos em vigência nas décadas passadas, como forma de manter “vivos” antigos costumes, rituais, ou ainda o sentimento ligado ao contexto e a época original de onde é retirada sua referência. Sentimos falta de assistir os antigos filmes, ou sentimos falta de todo o contexto e época no qual os antigos filmes estavam

inseridos? Sentimos falta dos antigos objetos, ou sentimos mais falta da juventude e da época no qual as responsabilidades eram outras?

Vivemos uma época na qual nunca se dedicou tanta tecnologia (CGI, alta qualidade de definição, etc) para resgatar símbolos e imagens de um passado remoto. A relação de distanciamento com épocas remotas cada vez mais é evidenciada pelo progresso tecnológico, e hoje, passou a ser um elemento que, intensificado pelo facilidade de acesso à reprodução técnica, se tornou mais evidente, e se tornou um processo, ligado ao mecanismo midiático, a fim de cativar audiências, resgatar antigos vínculos e sensibilizar espectadores.

O que se pretende analisar nesse trabalho é como o fator memória, e sobretudo a ideia de nostalgia na comunicação, são processos explorados nos meios de midiáticos, considerando o distanciamento da lembrança e os estímulos e sensações que a reminiscência de eventos passados provoca no público receptor. Analisaremos algumas imagens e visualidades ligadas aos aspectos midiáticos do Canal Viva, transmitido pela Globosat – assim como a comunicação usada em suas redes sociais - notório pela grande quantidade de reprises e de resgate.

Analisando o caso do Canal Viva, avaliaremos alguns desdobramentos que esta ‘construção de sentido saudosista’ na mídia é capaz de gerar no público final. Algumas diferentes leituras sobre esse processo “manipulacionista”, se referem ao grau em que o consumidor é um consumidor voluntário, ainda que ingênuo, no processo, e à especificidade das intenções nele implantadas. Qual seria o objetivo de inserir nele tais ideias? De que modo o mercado lucra inserindo nele novos desejos?

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 A origem do termo ‘Nostalgia’

Ao contrário do que pode sugerir, inicialmente, a literatura romântica ou a psicologia, o termo nostalgia surgiu de início como uma conotação de doença. O termo, considerado então uma patologia, foi criado pelo médico Suiço Johanes Hofer por volta do ano 1688 e publicado em uma tese que buscava investigar um “estranho tipo de depressão” que afligia soldados e viajantes que ficavam longos períodos longe de suas residências (Boym, 2001, p.2). A palavra se originou formada por justaposição dos termos Nostos (retorno ao lar) e algia (saudade). Segundo ele próprio registrou, Hofer acreditava que o som da palavra, em si, já definia o tom triste de um humor que se origina do desejo individual de retornar à sua terra nativa.

Em sua tese, Hofer também pontuou o termo como *Nosomania* e *Philopatridomania* para descrever os mesmos sintomas. A pesquisa teria surgido após vários casos constatados de um tipo de mal que afetava centenas de pessoas

durante o século XVII, em sua maioria eram pessoas que estavam afastadas de seus lares, como estudantes russos trabalhando na França e Alemanha, além de soldados suíços que lutavam no exterior. Entre as primeiras vítimas da então recentemente diagnosticada doença estavam vários indivíduos deslocados durante a época, estudantes da república de Berna (que residiam em Basel) trabalhadores e serventes além de soldados Suíços lutando longe de casa. (BOYM, Svetlana. 2001 p. 6)

Um dos primeiros sintomas constatados era a sensação de ouvir vozes de uma pessoa cujo indivíduo enfermo amou em meio a voz de outra pessoa com quem ele está conversando, ou mesmo sonhar frequentemente com pessoas da família “¹ (BOYM. 2001 p.3)

Era descrito que os pacientes adquiriam uma condição de indiferença e desânimo em relação a praticamente tudo chegando até a confundir passado, presente, real e imaginário. Com o tempo passou a ser avaliado também o certo caráter epidêmico do mal. Achavam que uma pessoa cometida pela depressão poderia transferir a doença para outras pessoas próximas dela. Para combater o mal, soldados eram proibidos de citar e até de assobiar cantigas para que isso não ativasse a melancolia entre eles.

Um fato curioso citado na obra é que após a publicação do diagnóstico, ajudou diversas pessoas por toda a Europa reconhecerem a si mesmos como portadores do mal, o que em algum tempo levaria a condição a ser amplamente como um verdadeiro fenômeno alastrado por diversos países do continente. Isso, até criou suspeitas sobre um certo caráter epidêmico do mal. (BOYM, Svetlana. 2001 p.3).

Em seu livro Svetlana Boym, pontua que o “diagnóstico” da Nostalgia no século XVII ocorreu exatamente em uma época histórica na qual a concepção de tempo e historiografia estava mudando radicalmente (era já um contexto pré-revolução industrial). Ela considera uma mudança emblemática no sentido do termo; Se no passado, o nostalgia designava uma condição patológica, em pleno século XXI esse sintoma cada vez mais passa a ser entendido como uma incurável condição moderna. Vivemos hoje uma era pós-globalização na qual nunca se dedicou tanta tecnologia para resgate e recuperação de épocas passadas e de sentimentos saudosistas. Temos ferramentas poderosas como o youtube, redes sociais e os veículos de streaming que são amplamente utilizadas para acessar conteúdo como filmes antigos, programas antigos de televisão, personagens e imagens já ‘cristalizadas’ no imaginário oriundo de outra era.

1 “One of the earliest symptoms is the sensation of hearing the voice of a person that one loves in the voice of another with whom one is conversing, or to see one's family again in dreams.”

Esse sentimento ambivalente permeia a cultura popular no século XXI no qual os avanços tecnológicos e efeitos especiais são usados cada vez mais para recriar visões do passado; Desde o naufrágio do Titanic, até gladiadores lutando e dinossauros extintos De alguma forma o progresso não cura a nostalgia, mas, a intensifica (BOYM. 2001 p XIV. Tradução Nossa).²

2.2 Imagem e construção de sentido

A Autora da semiologia, Lucia Santaella (2006) define pelo menos três domínios da imagem: mentais (ou imaginadas); imagens diretamente perceptíveis; e imagens categorizadas enquanto representações visuais. Considerando a terceira categoria, podemos pensar nas representações como um duplo de imagens diretamente perceptíveis.

A ideia da autora se justifica enquanto busca analisar a diferença entre a imagem que percebemos diretamente no mundo e a imagem que a representa – processo semelhante a o que alguns autores pontuam como ‘ancoragem’. Dessa forma, existe uma grande diferença de percepção entre vermos uma imagem diretamente no mundo e o duplo (ou simulação) dela - uma ideia que inclusive dialoga com autores como Baudrillard e Benjamin. “Toda imagem representada, ou seja, corporificada em um suporte de representação, coloca em ação conceitos representativos que são próprios daquele suporte ou dispositivo” (SANTAELLA, 2006, p. 176).

A ideia da autora é desenhar um caminho entre imagem do mundo, a imagem real, e nossa percepção dela representada no suporte técnico (fotografia, cinema, vídeo/televisão). Esse caminho tem a ideia de compreender o processo todo no qual a linguagem pode ser caracterizada. No caso das imagens ‘nostálgicas’ do entretenimento, mencionadas no subitem anterior, cada uma delas ganha força e significado a partir de impressões e símbolos já estabelecidos na memória do receptor. É necessário que a imagem tenha características suficientes para que o espectador possa identificar a referência original e estabelecer a partir daí a relação buscada (seja ela emotiva, saudosista, etc).

Fazendo essa relação entre o que se mostra e o que se pretende referenciar, a imagem técnica consegue estabelecer este vínculo com o seu significante – relação esta chamada também de ‘ancoragem’ – e criar assim um conjunto de impressões para além da mera imagem gráfica e técnica. Essas impressões, ainda podem agregar sentidos para além da mera reprodução visual. Muitas vezes, produções midiáticas ‘nostálgicas’ – seja ela entretenimento, ou ainda publicidade – carrega também a construção de sentido através de matrizes sonoras, ou mesmo táteis. Com o avanço tecnológico, a construção de sentido nos media apenas passou por um processo que

2 The ambivalent sentiment permeates twentieth-century popular culture, where technological advances and special effects are frequently used to recreate visions of the past, from the sinking of titanic to dying gladiators and extinct dinosaurs. Somehow progress didn't cure nostalgia but exarcebated it (BOYM, Svetlana. 2001 p XIV).

intensificou ainda mais tal processo e permitiu o surgimento de novas ferramentas e dispositivos de criação de imagens que permitiam maior riqueza de detalhes.

De acordo com Santaella (2005), a matriz sonora está para a primeiridade e é uma questão do ícone, a matriz visual está para a secundidade e é uma questão do índice, e a matriz verbal está para a terceiridade e é uma questão do símbolo. Assim, para compor o diagrama das matrizes foram fixados três eixos classificatórios, de modo que o eixo da sintaxe está para a matriz sonora, o eixo da forma está para a matriz visual e o eixo do discurso está para a matriz verbal

Na filosofia de Peirce, todos os fenômenos apreendidos pela mente humana são reduzidos a três categorias lógicas, são elementos formais, filamentos mais gerais, abstratos e universais de todo o universo. De acordo com Santaella:

Essas categorias não podem ser confundidas com entidades puras. Há infinitas modalidades de categorias particulares que habitam todos os fenômenos. Essas, no entanto, são as mais elementares e universais, tão gerais que podem ser vistas mais como tons, humores ou fixas nos esqueletos do pensamento do que como noções definitivas. São pontos para os quais todos os fenômenos tendem a convergir. (SANTAELLA, 1995, p. 17)

Quando se converte a perspectiva temporal em um contexto/espço retornável, a reminiscência dessa sensação de saudosismo permite aos indivíduos evocarem outras épocas. É uma estratégia de manipulação de tempo cronológico, em um contexto em que ele parece cada vez mais efêmero e passageiro. Proporcionalmente ao salto tecnológico, e o aceleração no processo de intensa comunicação, o recurso de resgate (e referência) se torna cada vez mais viável, e com mais possibilidades (alta definição, melhor qualidade de áudio, mais fontes e elementos de arquivo de onde se pode buscar referências, etc).

A comoditização da 'Nostalgia Ersatz', (ligada ao entretenimento), como definem autores como Arjun Appadurai - pode ser observada na utilização de expressões como "vintage" e "retrô" para demarcar o retorno de produtos e tendências do passado, um processo facilmente notável em exemplos, que vão desde a esfera dos aparelhos eletrônicos, até a roupagem de produtos que emulam tradições e hábitos de outras épocas, mas que são oferecidos com um verniz de 'novidade' ao consumidor. Para Mark Keller, empresas buscam o apelo a esse sentimento como forma de "imbuir nas marcas um significado emocional e cultural adicional" (2016, p.61).

À medida que o consumo é cada vez mais guiado pela revisitação (e pelo refletir) de histórias imaginárias, a repetição não é simplesmente baseada no funcionamento de um 'simulacro' feito em tempo, mas também na força de um simulacro do tempo. Isto é, consumo não apenas cria um tempo, através de suas periodicidades, mas o funcionamento da 'nostalgia ersatz' cria o simulacro de períodos que constituem o fluxo de tempo, concebido como perdido, ausente, ou distante. (APPADURAI. 1996 p 78. Tradução Nossa).³

3 Insofar as consumption is increasingly driven by rummaging through imagined histories, repetition is not

2.3 Materiais e métodos: O Canal Viva

No ano de 1980, a Rede Globo de televisão (do Rio de Janeiro) criou uma faixa especial vespertina dedicada a reprises. Surgiu o “Vale a Pena Ver de Novo”, que está no ar até hoje. Há décadas o horário sobrevive com a reprise de telenovelas. A faixa atinge resultados positivos geralmente. Pode-se notar aí, além de um processo natural de exibir conteúdo que ainda gere interesse para o espectador, um sintoma também de ativação da memória, e apreciação de ‘clássicos’ sobretudo focando em pessoas que presenciaram a exibição original. No ano de criação da faixa de reprises, o canal já possuía um grande acervo exibido de telenovelas e conteúdos transmitidos pela emissora durante as décadas anteriores.

A ideia de reprisar conteúdos pode ser entendida como uma tendência, explorada, além do ‘Vale a Pena’ como no Vídeo Show (programa que relembra atrações) e, mais recentemente, pelo Viva, do mesmo grupo, que tem como estratégia fortalecer a mídia tradicional reativando telespectadores antigos. Autores como Umberto Eco denominam o padrão como ‘Neotelevisão’ que se refere à televisão falando sobre a própria televisão. A primeira edição diária de telenovela, como conheceu hoje, só estreou em 1963, ou seja, quase 10 anos após a inauguração da TV no Brasil. Quanto ao conteúdo, nas duas primeiras décadas, os enredos eram, em sua grande maioria, adaptações de radionovelas e dramalhões latinos, não eram enredos capazes de dialogar com a realidade e o contexto social vivido no Brasil.

De acordo com a matéria “Tardes na TV somam 55 horas de reprises”, Keila Jimenez (2011c) diz que a faixa vespertina em setembro de 2011 da TV Globo alcançou 15,2 pontos de média nacional (de acordo com o Ibope), média essa correspondente a mais do que o dobro das concorrentes Record (6,8 pontos) e SBT (6,1 pontos). Em 1988, a televisão “fechada”, por assinatura foi regulamentada no Brasil (DUARTE, 1996, p. 49). Em 1991, é anunciada a criação da Globosat, com o lançamento de quatro canais de TV por assinatura, pertencente ao Grupo da TV Globo. Esses canais eram GNT (com foco em notícias), Top Sport (esporte), Multishow (variedades) e Telecine (filmes). Talvez o projeto mais audacioso até então, feito pela Globosat, em relação à transmissão de memória televisiva broadcasting foi a criação do Canal Viva, frequência dedicada ao material de arquivo se tornou matéria-prima nas principais faixas de horário da emissora.

O Canal Viva foi criado em maio de 2010 com o objetivo inicial de atingir o público de donas-de-casa, com mais de 35 anos, de todas as classes sociais (DAUROIZ; PINHEIRO, 2011). A grade de programação do canal é composta por reprises de novelas e programas de arquivo da TV Globo, e também por reexibição simply based on the functioning of simulacra in time, but also on the force of the simulacra of time. That is, consumption not only creates time, through its periodicities, but the workings of ersatz nostalgia create the simulacra of periods that constitute the flow of time, conceived as lost, absent, or distant. (APPADURAI, Arjun. 1996 p 78).

de programas atuais de canais da TV Globo e os chamados “enlatados” dublados. De acordo com a tese (FERNANDES, 2012, p. 5) as telenovelas *Beto Rockfeller*, escrita por Bráulio Pedroso e *Véu de Noiva* de Janete Clair, exibidas respectivamente nos anos de 1968 na TV Tupi e em 1969 na TV Globo, foram algumas das primeiras a retratar a realidade brasileira com mais fidelidade e com personagens mais próximos aos telespectadores.

Vale lembrar que essa ideia de identificação, com o passar do tempo, geraria referências no imaginário popular, que eventualmente poderiam ser resgatadas para recuperar essa mesma proximidade nas décadas futuras. É válido notar que algumas das novelas e produções de dramaturgia do período chegaram inclusive a ter processos de *remakes*, o que culturalmente pode atualizar certas impressões da original para um contexto mais próximo das novas gerações. É o caso de novelas como *Irmãos Coragem*, escrita por Dias Gomes, que, na época, alcançou recordes de audiência e deu origem a um remake produzido no ano de 1995.

Títulos antigos como *Quatro por Quatro*, exibida pela primeira vez em 1994, *Por Amor*, de 1997 e a minissérie *A Casa das Sete Mulheres*, de 2003, obtiveram sucesso de audiência no canal. A emissora conseguiu, em cerca de 12 meses de funcionamento, ficar em terceiro lugar perante ao seu público-alvo (que inicialmente tinha enfoque em mulheres com mais de 35 anos) e ocupou a quarta posição no público em geral, em horário nobre (SACCHITIELLO, 2011). Antes de completar dois anos, o Canal Viva se tornou o 9º canal mais visto da TV paga (PADIGLIONE, 2012).

2.4 Análise de imagens

Um caso notório quando se fala do Canal Viva, além das reprises e transmissões televisivas que o canal resgata, é a audiência que o mesmo gera através de suas redes sociais (como a página do Facebook) com postagens, imagens e vídeos relacionados ao conteúdo transmitido em sua programação. Até o mês de dezembro de 2018, a página do Canal na Rede possuía mais de 3,09 milhões de curtidas (ou seguidores), de usuários de diversas idades que acompanham, comentam e interagem com as referências postadas na página.

Além de conteúdo funcional e informacional, como resumo de capítulos exibidos na semana, anúncio de novas temporadas de reprises de programas e novelas, a produção imagética do Canal Viva em suas redes se destaca ainda pelo uso do humor e pelas criativas abordagens usadas em suas mensagens, relacionadas frequentemente a personagens ‘clássicos’ dos programas, datas comemorativas ligadas à trama das novelas e ainda um certo apelo ‘emotivo’ que as mensagens da página consegue estabelecer ao utilizar símbolos e cores ‘florescentes’ aproveitando-se do reconhecimento que tais figuras já possuem em relação ao ‘repertório’ prévio

do público que segue e acompanha a página.

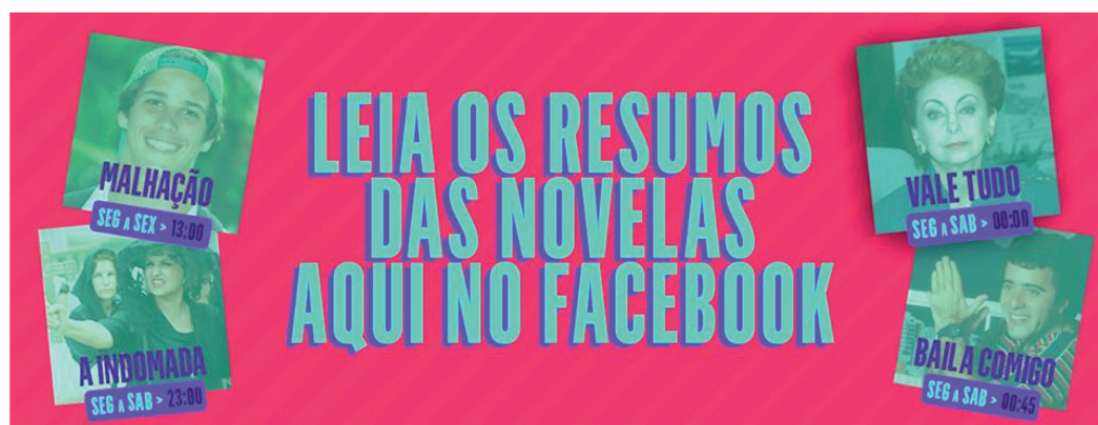


Figura 1 – Capa do Facebook da página usada a partir de 28/11/2018 <disponível em: <https://www.facebook.com/canalviva/>>; acessado em 05 de abril de 2019.

Além da chamada literal inserida na imagem ‘Leia os resumos...’ que tem uma mensagem funcional; convidando os leitores a saber mais sobre o conteúdo de episódios que ainda serão exibidos, é interessante observar as imagens laterais da capa que consistem em frames de novelas (representada cada uma pelo rosto de um respectivo ator de destaque) que estão sendo reprisadas no período referente à publicação da capa, com o horário e data de exibição semanal durante a programação. Começando a partir da primeira foto do lado superior esquerdo, podem ser observadas referências à Malhação (temporada de 2007), novela Vale Tudo (Exibida originalmente em 1988, 30 anos antes da reprise mencionada na capa), novela ‘A Indomada’ (de 1997), e Baila Comigo (1981).

Algumas dessas produções foram exibidas originalmente em épocas onde sequer havia ampla divulgação de veículos digitais (e de internet), mas ainda assim, ressignificadas em uma nova lógica midiática, são capazes de gerar audiência e repercussão em novos canais, inclusive, se relacionando com públicos que ainda não possuem idade suficiente para ter assistido à exibição original. Símbolos e ícones dessa reprise, (ou a obra antiga), ganham então uma sobrevida inserida em uma mídia mais dinâmica, e amplamente acessível, como a internet.



Figura 2 – Post do Facebook ‘Canal Viva’ com conteúdo sobre o resumo dos capítulos da semana disponível em: <<https://www.facebook.com/canalviva/photos/a.2049838575074061/2049838638407388/>> acessado em 05 de abril de 2019.

Nesta segunda imagem, o criador do post optou por utilizar o rosto de atores conhecidos que apareceram na novela *Vale Tudo* exibida em 1988. – que aparecem em destaque com cortes de cabelo, maquiagem e visual típicos do período em que a novela foi feita. Em uma época de ampla ‘restauração’ ou de recriação de imagens em alta definição, é interessante notar que o layout da imagem optou por manter os frames dos atores com sua qualidade original, sem maiores retoques, mas sim, valorizando o aspecto ‘imperfeito de uma imagem feita há 30 anos, utilizando todas as limitações da tecnologia que a época possuía. A literalidade da imagem se faz presente no título, que ainda, é complementado pela legenda publicada juntamente com a arte principal. Sem o auxílio do texto, a arte original ainda teria sentido, no entanto ela ficaria muito mais ligada ao apelo estético, e a relativa ‘surpresa’ que essa imagem, já antiga, causaria em meio ao grande fluxo de imagens e códigos que o meio (no caso o Facebook) produz constantemente. Cria-se uma relação de ancoragem, entre todas as mensagens, uma vez que as mensagens todas em conjunto (a imagem e o texto) reforçam a ideia de resgate de outra figura disponível.

Para Santaella (2005), a matriz verbal tem seu eixo classificatório no discurso. Com efeito, são a descrição, a narração e a dissertação as três modalidades ou princípios organizadores da sequencialidade discursiva. Nesse seguimento é o sistema de símbolos que tem função representativa, já que as palavras estão ligadas simbolicamente aos seus objetos. Mas “não se trata, portanto, de uma taxonomia fixa, mas de focos de inteligibilidade para os modos analógicos, existenciais e lógicos através dos quais o discurso escrito realiza as suas armações.” (SANTAELLA, 2005, p. 367).

3 | CONSIDERAÇÕES

Essas são apenas algumas breves leituras de símbolos e mensagens publicadas na página do Canal Viva. Em vista do reposicionamento que o Canal apresentou nos últimos anos, focando sua atuação digital mais para suas redes sociais, entende-se que mais audiência foi obtida digitalmente para este público com este novo direcionamento. Uma prova disso, é que a partir de outubro de 2018, o Canal desativou permanentemente seu site e passou a focar apenas em suas redes digitais. (XAVIER, 2018). Conforme novas mídias e novas dinâmicas digitais surgirem – e por sua vez, permitiram a ampliação de novas dimensões de construção de sentido, de ampliação de mensagens – propostas de posicionamento de mídia, e conceitos como o do resgate de símbolos e imagens do Canal Viva, tendem a, cada vez mais, dispor de um grande conjunto e acervo de ‘imagens memorizadas’ pelo público, que por sua vez, continuarão a abastecer esse processo de resgate do passado, ainda que, cada vez mais, a tecnologia e a modernidade dos novos meios apenas evidenciem tal processo.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. **Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization**. Minnesota: PUBLIC WORLD, Vol 1, 1996.

BOYM, Svetlana. **The future of nostalgia**. Nova Iorque: Basic Books, 2001.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras e FAPESP, 2005

_____. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Por uma epistemologia das imagens tecnológicas: seus modos de apresentar, indicar e representar a realidade**. In: ARAUJO, Denize Correa (Org). *Imagem (ir) realidade: comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006. o. 173-201

SECCO, Duh. Cortes e trocas de novela: **Equívocos do Viva expõem “estado de abandono” do canal**. RD1 Terra, São Paulo, 15 jun. 2018. Disponível em: <<https://rd1.com.br/cortes-e-trocas-de-novela-equivocos-do-viva-expoem-estado-de-abandono-do-canal/>> Acesso em: 04 jul. 2018.

SACCHITIELLO, Bárbara. **Aprovado pelo público, Viva faz um ano**. Meio & Mensagem, São Paulo, 09 mai. 2011. Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2011/05/09/20110509Aprovado_pelo_publico_Viva_faz_um_ano.html>. Acesso em: 05 dez. 2018.

JIMENEZ, Keila. **Tardes na TV somam 55 horas de reprises**. Folha de São Paulo, São Paulo, 09 out. 2011, Outro Canal.

KELLER, M. **Experienced Mood and Commodified Mode**. *Medien & Zeit*, p. 61-71. Austria, 2016.

PADIGLIONE, Cristina. **Volta a fita**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 29 abr. 2012, Caderno 2.

DAUROIZ, Aline; PINHEIRO, Thais. **TV para todos**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 13 abr. 2011.

DUARTE, LUIZ GUILHERME. **É pagar para ver: a TV por assinatura em foco**. São Paulo: Summus, 1996. 208 p.

FERNANDES, Júlio Cesar. Memória televisiva na construção do imaginário nacional: estudo da reexibição da telenovela “Vale Tudo” no Canal Viva. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Ouro Preto, 2012.

XAVIER, Nilson. **Canal Viva extingue definitivamente seu site e prioriza redes sociais**. Terra, São Paulo 10 out. 2018. Disponível em: <<https://nilsonxavier.blogosfera.uol.com.br/2018/10/10/canal-viva-extingue-definitivamente-seu-site-e-prioriza-redes-sociais/>> Acesso em 20 nov. 2018.

CORPOS, EROTISMO E BIOPODER: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS DA CERVEJA DEVASSA DE PARIS HILTON E SANDY

Data de aceite: 17/01/2020

Lília Batista da Conceição

Mestranda em Leitura e Tradução Cultural do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Saberes da Amazônia – PPLSA pela Universidade Federal do Pará. Integrante do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudo Linguagem, Imagem e Memórias – LELIM.

e-mail: lilia._.batista@hotmail.com

* Trabalho apresentado no III Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica, realizado entre os dias 19 e 21 de setembro de 2018, Belém/PA.

RESUMO: O artigo tem como objetivo abordar uma breve análise, a partir do estudo comparado, entre as campanhas publicitárias da cerveja Devassa das personalidades televisivas Paris Hilton e Sandy, por meio de uma metodologia de caráter bibliográfico, com ênfase no método comparativo. Este estudo torna-se relevante, porque destaca o poder de influência dos dispositivos midiáticos na erotização dos corpos femininos. Além do mais, a mídia objetifica os sujeitos femininos como se fossem meros produtos de consumo numa sociedade patriarcal, sexista, machista e heteronormativa. Isto evidencia que o corpo é usado como estratégia mercadológica nos comerciais de televisão. Por esta

repercussão polêmica, o Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (CONAR) abriu mais de um processo contra cenas da campanha publicitária da marca de cerveja Devassa no ano de 2010, devido à falta de respeito com a figura feminina, por exemplo. Com base nessas discussões, o embasamento teórico se fundamenta em Foucault (1990), Milanez (2004), Bourdieu (2002) e outros. Nesta perspectiva, percebe-se a existência de alguns estereótipos que ressaltam na mente do indivíduo hodierno o mito de determinados arquétipos, os quais buscam enquadrar em modelos padronizados a viabilização da “loura devassa” como um objeto para a comercialização, com o intuito também de satisfazer os prazeres carnis do universo masculino. Sendo assim, faz-se necessário uma (des)construção de identidades que foram produzidas em decorrência da interferência da mídia no comportamento do ser, uma vez que estas são consideradas, na verdade, pela teoria foucaultiana como um controle social.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Feminino. Poder. Mídia. Devassa.

ABSTRACT: This article aims to present a brief analysis, based on the comparative study, of the publicity campaigns of the Devassa beer of television personalities Paris Hilton and Sandy, through a methodology of bibliographical character, with emphasis on the comparative

method. This study becomes relevant because it highlights the power of influence of media devices in the eroticization of female bodies. Moreover, the media objectify the female subjects as if they were mere consumer products in a patriarchal, sexist, sexist and heteronormative society. This shows that the body is used as a marketing strategy in television commercials. For this controversial repercussion, the National Council for Self-Regulation (CONAR) has opened more than one case against scenes of the advertising campaign of the brand of Devassa beer in the year 2010, due to the lack of respect with the female figure, for example. Based on these discussions, the theoretical basis is based on Foucault (1990), Milanez (2004), Bourdieu (2002) and others. In this perspective, we can see the existence of some stereotypes that emphasize in the mind of the modern person the myth of certain archetypes, which seek to fit into standardized models the viabilization of the "blond blonde" as an object for commercialization, with the intention of satisfy the carnal pleasures of the masculine universe. Thus, it is necessary to (a) construct identities that were produced as a result of media interference in the behavior of being, since these are in fact considered by Foucault's theory as a social control.

KEYWORDS: Body. Female. Power. Media. Devassa.

INTRODUÇÃO

O artigo justifica-se pelo destaque do poder de influência dos dispositivos midiáticos na erotização dos corpos femininos. Além do mais, a mídia objetifica os sujeitos femininos como se fossem meros produtos de consumo numa sociedade patriarcal, sexista, machista e heteronormativa. Isto evidencia que o corpo é usado como estratégia mercadológica nos comerciais de televisão. Por esta repercussão polêmica, o Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (CONAR) abriu mais de um processo contra cenas da campanha publicitária da marca de cerveja Devassa no ano de 2010, devido à falta de respeito com a figura feminina, por exemplo

Nessa pesquisa aplicou-se a metodologia de caráter bibliográfico, com ênfase no método comparativo, visto que um dos sujeitos femininos participantes da propaganda televisiva insinuou uma imagem de devassidão aparentemente, de forma, forçada. Enquanto outra parecia mais natural sobre a questão do uso do corpo de forma sexual no contexto da mídia.

Este trabalho apresenta como principal objetivo abordar uma breve análise, a partir do estudo comparado, entre as campanhas publicitárias da cerveja Devassa das personalidades televisivas Paris Hilton e Sandy. Além do mais, a propaganda publicitária da cerveja Devassa é o objeto de estudo desta pesquisa científica, pois esta retrata o erotismo causado pela influência dos dispositivos midiáticos na sociedade considerada pós-moderna. Tendo essa

percepção em vista, pode-se acentuar que essa investigação possivelmente é um modo de combater discursos androcêntricos sem assumir posicionamentos ideológicos.

Neste sentido, é preciso compreender que a mídia influencia na imagem dos corpos femininos, os quais se tornam objetificados como um mero produto de consumo.

Essa estratégia mercadológica disseminada por muito tempo no meio social tende a criar estereótipos que inferiorizam o público feminino. Sendo assim, o corpus deste artigo estrutura-se da seguinte forma: Biopoder: Um conceito foucaultiano no contexto da mídia, O corpo feminino nas propagandas televisivas de cerveja Devassa e Entre Hilton e Sandy: Uma questão de gênero.

BIOPODER: UM CONCEITO FOUCAULTIANO NO CONTEXTO DA MÍDIA

Inicialmente, é preciso entender que Biopoder é considerado uma maneira de governar a vida do outro. Isto porque

(...) essa série de fenômenos que me parece bastante importante, a saber, o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder (FOUCAULT, 2008, p. 3).

Por esse viés teórico, entende-se que o conceito foucaultiano de Biopoder está intimamente relacionado à visão biologicista de que a espécie humana apresenta diferenças baseadas no sexo. Em virtude dessa concepção, acredita-se que a mulher precisa estar sob o domínio masculino. Haja vista que

O conceito foucaultiano de "biopoder", ou seja, o poder de controlar as populações, de controlar o "corpo-espécie" também parece ser útil para que se pense no conjunto de disposições e práticas que foram, historicamente, criadas e acionadas para controlar homens e mulheres (LOURO, 1997, p. 41)

Acredita-se que

... não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. (...) Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. Da mesma

forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também, afrouxam seus laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras (FOUCAULT, 1988, p. 96 *apud* LOURO, 1997, 42 – 43).

Esse fragmento fomenta discussões relevantes acerca dos poderes hegemônicos que defendem o sistema binário, o qual tende a dividir mulher/homem, dominado/dominador, colonizado/colonizador, homossexual/heterossexual e assim por diante. Isto comprova que está impregnado na mente de determinados indivíduos a dominação masculina. Sendo assim

Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social. Enquanto instrumentos de conhecimentos e de comunicação, os símbolos tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social (BOURDIEU, 1989, p.10).

O autor corrobora que

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação, durante a época clássica, desta tecnologia de duas faces – anatômica e biológica –, individualmente e especificante, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida, caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima para baixo (FOUCAULT, 2012, p.131).

Partindo desse pressuposto, constata-se que a sujeição dos corpos femininos ao controle social ainda é notória na contemporaneidade, na qual a mídia conseqüentemente afeta a formação identitária do ser. Assim, o controle do corpo fortalece essa oposição entre opressor e oprimido que está enraizada historicamente desde o processo de colonização.

Milanez (2004) faz uma abordagem sobre o processo de subjetivação que está ligado ao ser-saber, ser-poder e o ser-si com base no conceito foucaultiano de Biopoder. Estes seriam instrumentos de controle do discurso, pois resulta em um saber assujeitado. Ou seja, o dispositivo midiático, como por exemplo a campanha publicitária da cerveja Devassa, é, na verdade, uma maneira de apresentar uma percepção da realidade. Por conseguinte, torna-se um dispositivo de produção de identidades, segundo também a teoria gregoliana.

Neste sentido, é importante promover debates que fomentam reflexões sobre os discursos midiáticos, pois a maioria deles têm fortalecido cada vez mais as relações de poder no contexto atual, principalmente aqueles que ajudam a disseminar estereótipos nos grupos sociais.

O CORPO FEMININO NAS PROPAGANDAS TELEVISIVAS DA CERVEJA DEVASSA

É preciso compreender que

A propaganda acaba criando uma imagem de que o valor moral de mulher não está ligado ao prazer sexual, a mulher com padrões morais não possui sexualidade. Os corpos são muito enfatizados em propagandas de cerveja, “a publicidade trabalha com concepções essencializantes que apresentam feminilidades e masculinidades coladas a corpos de mulheres e homens e, ao mesmo tempo, apontam para uma relação coerente entre sexo, gênero e desejo, afirmando a heterossexualidade como modelo” (BELELI, 2005, p. 46).

Isto comprova que as cenas de erotismo insinuadas na campanha publicitária da cerveja Devassa não levam em consideração os valores morais do ser social, dado que o mesmo é transformado em um mero produto para comercialização. Além do mais, o modelo padronizado heteronormatizador é posto em evidência. Haja vista que

(...) Não raro, depois de uma vitória, exigiam mulheres entre outras mercadorias e recompensas: “Vocês deverão entregar mulheres com pele clara, milho, galinhas, ovos e tortas” (...). Embates desse tipo poderiam ter pouco impacto cultural direto, exceto demonstrar aos índios sua inabilidade em manter o que era seu contra a força invasora. Tentativas de conversão ao cristianismo foram outro impacto significativo (STEARNS, 2017, p. 113).

Partindo desse princípio, percebe-se que desde o processo de colonização as mulheres indígenas, por exemplo, eram tratadas como se fossem objetos para fins comerciais. Ademais, o corpo delas era objetificado para saciar os prazeres do opressor. Diante dessa situação, nota-se que a produção do erotismo no sujeito feminino pode estar associada à mulher demônio que não tem valores morais devido não se enquadrar aos modelos padrões do catolicismo. Por isso, a mesma se restringia a um produto mercadológico.

Milanez (2011) evidencia que o corpo pode ser encarado como um objeto semiológico. Isto porque o corpo se converte em um poderoso dispositivo que é responsável pelo processo de formação subjetiva. Logo, o corpo é convertido em um discurso, o qual se relaciona com o campo da linguagem.

Com base nessa informação, compreende-se que a associação dos corpos femininos à cerveja Devassa seria uma insinuação do erotismo, uma vez que a própria logomarca traz a imagem de uma mulher seminua estampada no objeto de consumo. Além do mais, os slogans: Um tesão de cerveja (2007), A cerveja bem devassa (2007), Bem gostosa, bem devassa (2010) e Todo mundo tem um lado bem devassa (2011) estimulam esse processo de erotização.



Figura 1

Fonte: Mundo das Marcas (2008).

Assim sendo, é imprescindível destacar que o corpo é a própria prática discursiva que alimenta arquétipos de mulheres devassas na sociedade considerada pós-moderna por meio do dispositivo midiático. Frente à situação exposta, faz-se necessário reverter esse quadro para que haja uma ruptura de determinados paradigmas que inferiorizam o sujeito feminino até o contexto atual.

ENTRE HILTON E SANDY: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

As relações de gênero precisam assumir um outro viés teórico de discussão que não esteja relacionado ao campo biológico, uma vez que este intensifica as diferenças entre masculino e feminino em decorrência do órgão genital. Portanto, é válido

recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p.22).

O autor corrobora que

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode

assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros (BOURDIEU, 2002, p. 19).

Esse excerto salienta que os debates de gênero sob a perspectiva da biologia não devem ser levados adiante, pois as diferenças dos órgãos sexuais podem influenciar conseqüentemente nas práticas sociais. Tendo essa teoria em vista, acredita-se que a própria mídia pode afetar os rumos de tais discussões ao apresentar a mulher objetificada nas campanhas publicitárias.

A campanha publicitária da cerveja Devassa apresenta a figura do sujeito feminino como uma estratégia de marketing para a venda do produto. No entanto, põe-se em discussão que há por trás da propaganda o discurso midiático que objetifica o corpo da mulher como se fosse também um produto do mercado.

A socialite Paris Hilton participou da propaganda da cerveja Devassa. Esta insinuava o corpo como um produto de prazer durante os comerciais televisivos. Com um tempo, a mesma se envolveu em escândalos relacionados à drogas e bebidas alcoólicas. Possivelmente, isto motivou a saída desta das campanhas publicitárias da cerveja Devassa.



Figura 2

Fonte: Mundo das Marcas (2008).

Outrossim, as denúncias ao Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária (CONAR) foram particularmente a decisão final para que o comercial saísse do ar. Isto porque havia um grande apelo sexual e a influência do consumo excessivo de bebida alcoólica, segundo os próprios consumidores.

Em seguida, a cantora Sandy, filha de uma família tradicional e já casada com o músico Lucas da Família Lima, torna-se a mais nova participante das campanhas publicitárias. Sendo que os cabelos desta estavam curtos e loiros nos comerciais de Televisão. Entretanto, a sua desenvoltura não obteve grande êxito. Isto porque a imagem da cantora que foi construída ao longo de sua carreira

artística como uma mulher recatada não conseguiu mostrar verdadeiramente o lado devassa que se esperava pela mídia. Ou, supostamente tenha amenizado a polêmica causada com a personalidade televisiva anterior.



Figura 3

Fonte: Mundo das Marcas (2008).

Na verdade, ambas as campanhas publicitárias da cerveja Devassa apresentam esse apelo ao erotismo, tratam a mulher como objeto de consumo, disseminam estereótipos que estão cristalizados na mente de certos indivíduos e enfatiza dois tipos de mulher nos discursos machistas: aquela para casar (pura, ingênua, virginal, etc.) e aquela apenas para satisfazer os prazeres carnis. Por esta razão, faz-se necessário analisar, de forma reflexiva, o teor dos discursos que os dispositivos midiáticos propagam, uma vez que a mídia é responsável pela produção de identidades no mundo contemporâneo. Ademais, esse tipo discurso fragiliza a luta em defesa das questões relacionadas ao gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta perspectiva, percebe-se a existência de alguns estereótipos que ressaltam na mente do indivíduo hodierno como o mito de determinados arquétipos femininos, os quais buscam enquadrar em modelos padronizados a viabilização da “loura devassa” como um objeto para a comercialização, com o intuito também de satisfazer os prazeres carnis do universo masculino. Sendo assim, faz-se necessário uma (des)construção de identidades que foram produzidas em decorrência da interferência da mídia no comportamento do ser, uma vez que estas são consideradas, na verdade, pela teoria foucaultiana como um controle social.

Vale ainda ressaltar que as relações de poder perpassam pela mídia, uma vez que os comerciais televisivos em questão possivelmente interferem na formação identitária do indivíduo. Dessa maneira, percebe-se que a própria mídia alimenta a marginalização do sujeito feminino ao coloca-lo na situação de um mero produto de consumo para ser comercializado.

Acredita-se, portanto, que a mídia deveria ser usada em benefício da (des)construção de estereótipos, ao invés de ser uma forma de controle de corpos. Assim, as campanhas publicitárias não deveriam em hipótese alguma reforçar esse discurso de dominação que assola os países da América Latina desde o processo de colonização.

REFERÊNCIAS

- BELELI, I. **Marcas da diferença na propaganda brasileira**. Campinas: 2005. BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Cap. 1, 2 e 3, p.7-16.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins fontes, 2008.
- _____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: RJ Uma perspectiva pós- estruturalista /: Vozes, 1997.
- MILANEZ, Nilton. **A disciplinaridade dos corpos: O sentido em revista**. In: Vanice Sargentini e Pedro Navarro-Barbosa. M. Foucault e os domínios da linguagem: Discurso, poder, subjetividade. (Org.). São Carlos: Claraluz, 2004, p. 183-200.
- _____. **Materialidades da paixão: sentidos do olhar para uma semiologia do corpo**. In: Vanice Sargentini; Carlos Piovezani, Luzmara Curcino. (Org.). Discurso, semiologia e história. 1ed. São Carlos: Claraluz, 2011, v. 1, p. 100-117.
- STEARNS, P.N. **História das Relações de Gênero**. Tradução: Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2017.

A INFLUÊNCIA DA MUSICOTERAPIA NO TRATAMENTO DE DOENÇA DE ALZHEIMER

Data de aceite: 17/01/2020

Denise Henrique da Silva

Centro Universitário Braz Cubas Educação. Mogi Cruzes, SP.

Luís Sérgio Sardinha

Centro Universitário Braz Cubas Educação. Mogi Cruzes, SP;
Universidade do Grande ABC, uniABC, Santo André, SP.

Fábio Guedes de Souza

Centro Universitário Braz Cubas Educação. Mogi Cruzes, SP.

Valdir de Aquino Lemos

Centro Universitário Braz Cubas Educação. Mogi Cruzes, SP.
Universidade Federal de São Paulo, UNIFESP

RESUMO: Estudos revelam que a Musicoterapia, para pacientes com a Doença de Alzheimer, pode ser eficiente e contribuir na reestruturação de expressões de sentimentos e emoção, proporcionando a ressignificação para um bom desenvolvimento das relações sociais. Desta forma, com auxílio de um profissional de Psicologia, este recurso terapêutico pode contribuir na recuperação do paciente. Diante desta questão, o objetivo do presente estudo é descrever e discutir a importância

da Musicoterapia utilizada como recurso terapêutico para o tratamento de pacientes com Doença de Alzheimer. Para este trabalho de conclusão de curso foram pesquisadas informações em 78 artigos científicos, 21 revistas eletrônicas, 3 teses em graduação, 7 teses de mestrado e 2 teses em bacharelado, 3 teses de doutorado, 7 livros, 4 teses em pós-graduação, 1 vídeo, totalizando 126 obras. As plataformas de busca utilizadas para os artigos científicos foram, Livros, Google Acadêmico e Scielo. Os resultados do presente estudo mostraram que a Musicoterapia, para o tratamento da Doença de Alzheimer, apresenta-se importante para o tratamento desta doença, pois é considerada eficaz e ainda traz efeitos significativos para o paciente de forma geral, no que diz respeito à saúde mental. Os efeitos da Musicoterapia trazem uma reestruturação cognitiva, afetiva e corporal. A partir deste meio, o indivíduo consegue se comunicar de algumas formas, como: gestos, músicas ou ruídos. Com base nos resultados do presente estudo, conclui-se que a Musicoterapia, para pacientes com a Doença de Alzheimer, melhora as funções cognitivas, trazendo assim algumas habilidades para o paciente que haviam sido esquecidas. Além disso, pode ser uma forma de prevenção ao agravamento dos problemas cognitivos, especificamente de memória. Cabe lembrar que os efeitos terapêuticos que a música traz para

o indivíduo, de certa forma cura e previne futuros problemas cognitivos. Diante desta questão sugere-se que a Musicoterapia seja utilizada como um método coadjuvante não medicamentoso, para precaver ou reduzir prováveis sintomas depressivos em pacientes idosos.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia, Alzheimer, Psicologia.

INTRODUÇÃO

A Doença de Alzheimer é um distúrbio que piora com o passar do tempo, porém existe tratamento. De acordo com Caramelli (2002) e Aleixo (2004), a Doença pode afetar funções cognitivas, como a fala, e funções executivas. Este dano pode ter uma grande intensidade, podendo interferir na vida deste indivíduo socialmente e até profissionalmente. Esta doença não escolhe paciente, idade ou escolaridade e causa grandes impactos na vida do paciente e de seus familiares.

Receber um diagnóstico de Alzheimer na família causa um grande impacto em todos, porque as reações serão diversas como: medo, impotência, raiva e outros sentimentos negativos em relação a pessoa que está doente. De acordo com Cunha (2007), o tratamento de Musicoterapia traz conforto para o paciente, porque ele vai demonstrar certa melhora e durante o tratamento os próprios familiares vão notar que muita coisa está mudando: aquele paciente poderá sair do isolamento, não ter complicações e nem evolução da doença.

Até o momento não existe cura para a Doença de Alzheimer, porém a medicina tem evoluído bastante neste aspecto, permitindo assim o indivíduo ter uma boa qualidade de vida com uma possível melhora, mesmo na fase mais aguda da Doença. De acordo com Soares (2017) e Albuquerque (2012), o indivíduo terá um tratamento de forma farmacológica, composta por alguns inibidores, visando diminuir possíveis comprometimentos cognitivos e avanços da Doença.

Existem evidências científicas mostrando que atividades de estimulação cognitiva, como social ou física, ajudam o indivíduo a ter suas funções cognitivas preservadas. Para Oliveira (2012), um dos tratamentos que pode ser indicado para um indivíduo com a Doença de Alzheimer é a Musicoterapia, que pelo ato de ouvir alguma música ou até mesmo ruídos, provoca uma liberação no cérebro que é responsável pelo humor. Neste atendimento o indivíduo consegue reagir de uma forma e deste modo consegue transmitir algo.

No momento em que o indivíduo começa a transmitir sinais ou até mesmo palavras, os autores Rocha; Boggio (2013) e Barbosa (2015), dizem que os sons são de estruturas cerebrais, que acontecem no córtex pré-frontal e córtex pré-motor, entre outras partes, incluindo o sistema límbico. Mesmo ouvindo sons e músicas sem demonstrar nenhum movimento corporal, o córtex motor deste indivíduo será

ativado, com pouco esforço dos psicólogos que trabalham com Musicoterapia.

No instante em que se fala que não existe esforço da parte do especialista de Musicoterapia, cabe entender que mesmo, o indivíduo tendo a Doença de Alzheimer, ele ainda consegue reter conhecimentos musicais. Para Silva (2013), a memória musical é uma das poucas habilidades do paciente com Alzheimer, o mesmo ainda consegue preservar o que ainda lhe resta, isso acontece até o estágio mais avançado da doença, claro que ainda com algumas deficiências. Mesmo com o estado avançado da Doença, o indivíduo começa a perder a parte cognitiva e com o tratamento de Musicoterapia a parte musical não será perdida, e sim preservada.

Entende-se que a memória musical é armazenada em partes diferente do cérebro. Ainda de acordo com Silva (2013), é uma memória formada antes mesmo da linguagem e pode ser pensada como memória sensorial, corporal e emocional, podendo estar ligada às vivências e a algumas emoções que são passadas pela vida. Estas memórias podem ser lembradas a qualquer momento, mesmo que não exista nenhum estímulo que ajude está memória voltar.

A música também pode ser considerada como forma terapêutica, porque ela lida diretamente com emoções, experiências vividas e muitas lembranças. Para Rocha; Boggio (2013) e Cunha (2007), a música faz parte do cotidiano, em todo momento da vida é ouvida uma música, uma mais importante do que a outra. As oportunidades que são atribuídas aos indivíduos com Alzheimer, por meio da Musicoterapia, são de trazer possibilidades para que ele não perca tão rapidamente a parte cognitiva.

A Musicoterapia é indicada para atividades como meio terapêutico para estimular novos comportamentos e tem utilização profissional de sons e harmonia. Este uso acontece em atendimentos, sendo eles individuais, em comunidades, na família ou até mesmo em grupos com uma quantidade elevada de pessoas. Tem por objetivo trazer uma qualidade de vida e melhorias nas condições, como físicas e cognitivas (BARBOSA, 2015).

Diante deste contexto, o objetivo geral do presente Trabalho de Conclusão de Curso é descrever e discutir a importância da Musicoterapia utilizada como recurso terapêutico para o tratamento de pacientes com Doença de Alzheimer.

A DOENÇA DE ALZHEIMER

A Doença de Alzheimer pode ser caracterizada como um quadro demencial que apresenta importante prejuízo na vida cotidiana do indivíduo e sua família. Este quadro demencial foi descrito pela primeira vez pelo Psiquiatra e Neuropatologista alemão Alois Alzheimer, no ano de 1906 (SANTOS, 2011). Autores, como Diniz e Forlenza (2007), afirmam que Alois Alzheimer, mesmo apresentando amplo conhecimento sobre a doença, preconizava desde o início a importância do

diagnóstico precoce de tal quadro demencial com características marcantes de prejuízo cognitivo.

A pessoa com Doença de Alzheimer, além de indicar uma perda de memória progressiva, apresenta também significativas perdas de outras funções cognitivas, todas elas aparecendo no transcorrer do tempo e transformando-se em outros déficits, potencializando os prejuízos nas atividades cotidianas (AZEVEDO, 2009).

Autores como Abreu, Forlenza e Barros (2005), afirmam que a Doença de Alzheimer é um processo patológico qualificado pela diminuição global das finalidades cognitivas, com uma implicação aguda de consciência. Além de ter estes comprometimentos por conta da Doença, o indivíduo pode demonstrar alguns comprometimentos da memória pela sua agnosia, que está ligada à limitação cognitiva: o indivíduo já não reconhece objetos e pessoas; e a afasia, que é uma recusa de qualquer juízo; apresentando também a apraxia, caracterizada pela dificuldade em executar alguns movimentos e gestos.

Dentro destas dificuldades que o indivíduo com a Doença de Alzheimer enfrenta, existe o esquecimento, fase da doença que fica bem marcada, integrando ao diagnóstico e sua cronificação. Este indivíduo, que já sofre com alterações de suas funções cognitivas, com o avanço da doença apresenta também dificuldades no que diz respeito à falta de atenção e fluência verbal, entre elas a capacidade de fazer cálculos, as habilidades visuoespaciais e a capacidade de usar objetos comuns e ferramentas, a exemplo de utensílios domésticos (SERENEKI, 2008).

COMO O ALZHEIMER AFETA O CÉREBRO E A MEMÓRIA

Para Caldeira e Ribeiro (2004), a parte cerebral mais atingida pela Doença de Alzheimer é o hipocampo. Alguns estudos afirmam que a Doença de Alzheimer caracteriza uma deficiência de alguns neurotransmissores, isso significa que existe um déficit de noradrenalina pré-sináptico e depleção de serotonina.

De acordo com Viegas Junior (2004), as regiões cerebrais mais afetadas são o córtex pré-frontal e hipocampo, sofrendo transformações decorrentes da Doença de Alzheimer. Em nível celular, a Doença de Alzheimer está relacionada com a diminuição de taxas de acetilcolina no procedimento sináptico, limitando os neurotransmissores colinérgica cortical.

De acordo com Ramos (2011), no Alzheimer há uma perda importante nas camadas piramidais do córtex cerebral, atingindo as estruturas límbicas e os córtices associativos. O desaparecimento neuronal e a degeneração sináptica acontecem porque, no Alzheimer, existem duas lesões: as placas senis e os emaranhados neurofibrilares.

É possível a ocorrência de esquecimentos de tarefas cotidianas, como: se vestir,

tomar banho ou até mesmo chamas de utensílios domésticos acesas. De acordo com Morais (2009), o indivíduo doente apresenta dificuldades na memória, não se lembra de compromissos e têm dificuldades de controlar as finanças. O paciente com Alzheimer apresenta também desorientação em locais desconhecidos e até mesmo conhecidos.

O ENVELHECIMENTO E O CUIDADOR

É inevitável identificar que o envelhecimento não é igual para todos, existem fatores e condições de vida que muitos indivíduos ainda não tiveram e que não será neste momento da velhice que ele terá. A partir disso, algumas mudanças acontecem com este indivíduo, sendo físicas e até cognitivas. De acordo com Papalia (2013), as alterações físicas fazem parte do envelhecimento, algumas são mais notáveis, como rosto e mãos mais enrugados. Isso se nota no dia-a-dia e afeta indivíduos que são considerados idosos.

O envelhecimento é entendido como um conjunto de acontecimentos: existe perda/declínio cognitivo, alterações orgânicas, funcionais, psicológicas e de linguagem. É um momento confuso para alguns indivíduos, que carregam algumas mudanças em níveis biológicos e psicológicos. Deste modo, as mudanças começam a ocorrer e o idoso precisa começar a se adaptar a sua nova vida. Envelhecer é um acontecimento irreversível, ocorre todos os dias, independente da vontade do indivíduo (MORAIS, 2009).

A fase da vida caracterizada como envelhecimento tem suas singularidades e pode ser absorvida a partir das relações em que se estabelece em outros diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Esta interação está diretamente relacionada com as condições e cultura na qual este indivíduo está inserido. Alguns grupos do qual o indivíduo pode estar inserido, são negativos em relação a velhice e isso passa por muitos e muitos anos. Mesmo existindo tantos recursos para retardar diversas doenças, o envelhecimento ainda é visto como algo terrível de forma geral e como uma fase mais detestável (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Um dos objetivos da Psicologia do envelhecimento é entender os padrões de mudança comportamental relacionados ao avanço da idade, compreendendo aqueles que são inerentes da velhice daqueles que são distribuídos por outras idades. Alguns conceitos e teorias principais na atualidade foram levantados nos últimos 60 anos, período em que também se notou pesquisas mais aprofundadas nas mudanças na temporalização da vida humana e da velhice, isso tudo se deve ao envelhecimento populacional que se desenvolveu para todo o mundo (NERI, 2013).

A INFLUÊNCIA DA MUSICOTERAPIA NO TRATAMENTO DE ALZHEIMER

De acordo com Marques (2013), a Musicoterapia traz para o indivíduo com a Doença de Alzheimer benefícios e sentido de vida, assim ele consegue fazer uma reorganização cognitiva e corporal. A utilização da música no âmbito terapêutico tem sido uma prática comum entre psicólogos e terapeutas ocupacionais, entre outros profissionais. Neste campo eles utilizam a música como forma terapêutica para colocar o indivíduo em contato diretamente com suas emoções.

A Musicoterapia ligada ao exercício terapêutico tem uma importância e potência, com isso auxilia no resgate e na manutenção de uma forma de vida digna do indivíduo considerado idoso com Alzheimer. Este tratamento atua no contexto para prevenir e trabalhar com a reabilitação, consciente que permite ao ser humano entrar em contato diretamente com suas emoções e com movimentos. Desta forma, constitui uma dimensão para diminuir os efeitos de algumas alterações fisiológicas resultantes do envelhecimento. Em relação a Musicoterapia, esta permite ao idoso, através de suas criatividades e da sua livre expressão, comunicação com ajuda dos sons, da música e dos movimentos auxiliares, também a fortalecer características pessoais e sociais, proporcionando um envelhecimento saudável e com boa qualidade de vida (MOZER, OLIVEIRA, PORTELLA, 2011).

A música é uma das mais belas artes, além de apenas um som, uma exalação de onda, pode ser empregada como um caminho para tranquilizar e unir as pessoas, é possível também que faça o indivíduo se lembrar de momentos, utilizando de algumas técnicas. A música pode ser utilizada como uma terapia alternativa, uma assistente da terapia convencional para algumas doenças, inclusive a doença de Alzheimer. A utilização da Musicoterapia como uma forma terapêutica auxilia no bem-estar do idoso, podendo assim ser aliada da terapia convencional, proporcionando melhores ações aos idosos que participam desta terapia (SANTOS, CORONAGO, 2017).

Identificou-se que o uso da música se mostrou muito eficaz para demonstrar uma possibilidade terapêutica com pessoas bastante prejudicadas cognitivamente. A convivência com a música é uma das melhores maneiras de preservar a atenção do indivíduo, correspondente a constantes misturas de estímulos novos e já conhecidos (VARGAS, 2010).

MUSICOTERAPIA E PSICOLOGIA

A importância vem descrita por Albuquerque (2012), a música é um poderoso estimulante para memória, sua escuta pode levar a lembranças de situações e lugares passados, lembranças do que ainda resta na memória. São em pequenos momentos que, por meio da música, o paciente consegue ter acesso a lugares ou

momentos que já viveu.

O entendimento musical não é apenas sobre estímulos concretos, são sons que vão estabelecendo, estimulando e realizando emoções. Dentro dos entendimentos sobre a música e o que ela pode causar na vida do indivíduo entra a Musicoterapia, que é utilizada como meio de tratamento terapêutico e ganhou força em uma forma científica após a Segunda Guerra Mundial (ROCHA, 2010).

Hoje em dia, a Musicoterapia é considerada ciência, porém empregada desde a antiguidade e utilizada para formas preventivas e até terapêuticas. A Musicoterapia como formação, surgiu no final da Segunda Guerra Mundial nos EUA, originada por médicos que começaram a entender que, através da música, obtinham-se resultados progressivos através de sessões que os veteranos da guerra escutavam dentro do hospital. No Brasil, o curso de formação acadêmica surgiu somente em 1972, pelo conservatório Brasileiro de Música no Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2012).

De acordo com Rosário (2015) e Barcellos (2015), a compressão da música abrange um número grande de estruturas e regiões cerebrais, incluindo assim o córtex auditivo. A neurociência tem um papel fundamental. Observa-se que, por exames contendo imagens, como ressonância magnética ou tomografia por emissão de Pósitrons, permite-se a análise do cérebro humano em ação. Esta análise demonstra o cérebro em funcionamento, tanto nos procedimentos de entendimento de produção musical, trazendo provas e mostrando a importância da música como elemento terapêutico.

CONCLUSÕES

Com base nos resultados do presente estudo, pode-se concluir que a Musicoterapia pode contribuir no tratamento da Doença de Alzheimer. Podendo assim identificar fases pelo o qual o indivíduo passa pela doença e auxiliar e prevenir ou até mesmo reverter ou amenizar o grau da doença. Mostrar meios para que este indivíduo busque uma qualidade de vida, e visando uma preservação da memória e identificar sua memória musical que é a última parte atingida pela doença

De acordo com dados encontrados na literatura científica, a Musicoterapia traz benefícios para seus pacientes, fazendo com que eles interagem com outras pessoas através de músicas, gestos ou ruídos. Conseguindo assim trazer respostas dos níveis conscientes e subconscientes.

Diante do assunto abordado no presente Trabalho fica claro a necessidade prática de Musicoterapia em pacientes com Alzheimer. Assim, recomenda-se que a Musicoterapia seja utilizada como uma estratégia não farmacológica como forma de tratamento para estes indivíduos, em especial. Embora ressalta-se a importância da Musicoterapia como forma de auxiliar indivíduos com Alzheimer é necessário deixar

claro que a utilização como recurso terapêutico coadjuvante deve estar associado a outras formas de tratamento.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, M. C. S. et al. Os efeitos da música em idosos com doença de Alzheimer de uma instituição de longa permanência. *Alagoas. Rev. Eletr. Enf.* p. 404-413. 2012.
- AZEVEDO, P. G. et al. Linguagem e memória na doença de Alzheimer em fase moderada. São Paulo. *Rev. CEFAC*, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v12n3/133-08.pdf>>.
- BARBOSA, T. T. A música como agente terapêutico no tratamento de Alzheimer. 2015.33f. Tese (Graduação em Psicologia de título Bacharel) - Universidade Católica de Brasília, 2015.
- BARCELLOS, L. R. M. Musicoterapia em medicina: uma tecnologia leve na promoção da saúde - a dança nas poltronas. *Revista Música Hodie. Goiânia.* v. 15, 273 p, n. 2, 2015.
- CALDEIRA, A. P. S.; RIBEIRO, R. C. H. M. O enfrentamento do cuidado do idoso com Alzheimer. São Jose do Rio Preto. *Arq Ciênc Saúde* 2004, abr-jun;11(2):X-X.
- CARAMELLI, P. et al. Como diagnosticar as quatro causas mais frequentes de demência? São Paulo. *Bras Psiquiatr.* 2002;24 (Supl I):7-10. 2002.
- CUNHA, R. Musicoterapia na abordagem do portador de doença de Alzheimer. Curitiba. *FAP* v. 2, p. 213-228, jan./dez. 2007.
- DINIZ, B. S. O.; FORLENZA, O. V. O uso de biomarcadores no Líquido cefalorraquidiano no diagnóstico precoce da doença de Alzheimer. São Paulo. *Rev. Psiqu. Clín.* 34 (3); 144-145, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rpc/v34n3/a07v34n3.pdf>>.
- MARQUES, D. P. A importância da musicoterapia para o envelhecimento ativo. *Revista Portal de Divulgação.* n. 15, out, 2011.
- MORAIS, E. J. M. Alterações de linguagem na doença de Alzheimer. 2009. 89 f. Tese (Mestrado em Psicologia da saúde e Intervenção comunitária – Universidade Fernando Pessoa de Porto), 2009.
- MOZER, N. M. S; OLIVEIRA, S. G; PORTELLA, M. R. Musicoterapia e exercícios terapêuticos na qualidade de vida de idosos institucionalizados. *Estud. interdiscipl. envelhec.*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 229-244, 2011.
- NERI, A. L. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. Malloy-Diniz, Fuentes e Cosenza (orgs.). 2013. Belo Horizonte.
- OLIVEIRA, G. C. et al. A contribuição da musicoterapia na saúde do idoso. Volta Redonda. *Cadernos UniFOA.* Edição nº 20 - dezembro/2012.
- RAMOS, J. L. C. Ritual do cuidar de idosos com demência de Alzheimer: história oral de vida de cuidadores familiares. 2011. 159 f. Tese (Pós-graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia), 2011.
- ROCHA, V. C.; BOGGIO, P. S. A música por uma óptica neurocientífica. *Revista Acadêmica de Música.* n. 27, p. 132-140, 2013.
- ROCHA, S. F. Memória: uma chave afetiva para o sentido na performance musical numa perspectiva

fenomenológica. Belo Horizonte. Per Musi, Belo Horizonte, n. 21, 2010, p. 97-108. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pm/n21/a11n21.pdf>>.

ROSÁRIO, V. M. Desenvolvimento de um instrumento de avaliação da capacidade atencional em portadores de esclerose tuberosa através de princípios de atenção conjunta e de musicoterapia. 2015. 58 f. Tese (Pós-Graduação da Escola de Música – Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais), 2015.

SCHNEIDER, R. H; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: Aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Estudos de Psicologia I Campinas I 25(4) I 585-593 I outubro - dezembro 2008.

SANTOS, F. M. C. S. A doença de Alzheimer - importância dos metais na neuropatologia da doença. 2011. 98 f. Tese de Mestrado – Universidade Fernando Pessoa – Porto – Portugal, 2011.

SANTOS, F. R.; CORONAGO, V. M. M. O. Uso da Musicoterapia como Terapia Alternativa no Tratamento da Doença de Parkinson. Id on Line Rev. Psic. V.11, N. 35. Maio/2017 - ISSN 1981-1179. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/729/1043>.

SERENEKI, A. et al. A doença de Alzheimer: aspectos fisiopatológicos e farmacológicos. Curitiba. Rev Psiquiatr RS. 2008, 30.

SILVA, D. A. M. Memória musical na demência tipo Alzheimer. REVISTA PORTAL de divulgação, n. 36, ano IV, set. 2013. ISSN 2178-3454.

SOARES, N. M. et al. Impacto econômico e prevalência da doença de Alzheimer em uma capital brasileira. Porto Alegre. Ciência & Saúde 2017, 10(3):133-138.

PAPALIA, D. E; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. 800 p.

VARGAS, M. E. R. Influências da música no comportamento humano: explicações da neurociência e psicologia. CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. I p.944-956.

VIEGAS JUNIOR, C. et al. Produtos naturais como candidatos a fármacos úteis no tratamento do Mal de Alzheimer. Araraquara. Quim. Nova, v. 27, n. 4, 655-660, 2004.

SOBRE O ORGANIZADOR

Carlos Antonio de Souza Moraes - Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP - 2016); Mestre em Política Social pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF - 2009); Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF - 2006); Professor permanente do Programa de Estudos Pós - Graduados em Política Social (UFF/Niterói); Professor Adjunto na Universidade Federal Fluminense, Departamento de Serviço Social de Campos/ Campos dos Goytacazes/ RJ/ Brasil, na área de Pesquisa e Produção do Conhecimento em Serviço Social; Líder do Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Cotidiano e Saúde (GRIPES - CNPQ), com coordenação de projeto de pesquisa com aprovação, no mérito, pelo Edital Jovem Cientista do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ, 2019), além de aprovação de auxílio financeiro (FOPESQ/PROPP/UFF, 2017), bolsas de iniciação científica (PIBIC/UFF; 2017-2018; CNPq/UFF 2018 - 2019; 2019 - 2020) e projeto de extensão com financiamento (PROEX/UFF, 2017). Subchefe de Departamento do Curso de Serviço Social de Campos/Universidade Federal Fluminense (2017-2019); Coordenador de Pesquisa do Departamento de Serviço Social de Campos (2017-2018); Membro suplente do Comitê Assessor de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação da UFF (PROPP - UFF; 2019); Membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE 2017-2021) do Departamento de Serviço Social de Campos – Universidade Federal Fluminense; Autor de artigos completos publicados e apresentados em eventos acadêmicos nacionais, na América Latina e Europa; Autor de artigos publicados nas principais revistas acadêmico-científicas do Serviço Social no Brasil. Tem atuado no ensino, pesquisa e extensão com temáticas inseridas, prioritariamente, nas seguintes áreas: Serviço Social, formação, trabalho e mercado de trabalho profissional; Serviço Social e trabalho profissional na política de saúde.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alzheimer 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134

Animalidade 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 87, 134

B

Bem-estar 28, 29, 39, 41, 42, 129, 134

Biopoder 3, 115, 117, 118, 134

C

Campanhas publicitárias 115, 121, 123, 134

Capitalismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 14, 15, 18, 19, 32, 46, 53, 54, 55, 67, 134

Consumo 8, 9, 23, 24, 26, 38, 39, 62, 103, 104, 108, 115, 116, 117, 119, 121, 122, 123, 134

Corpo feminino 117, 120, 134

E

Ecologia 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 134

Ecosofia ambiental 49, 51, 53, 54, 55, 56, 134

Educação brasileira 64, 66, 134

Educação formal 77, 134

Efluentes 58, 59, 60, 134

Estudo comparado 115, 134

F

Fetichismo do capital 1, 7, 15, 134

Filosofia 1, 10, 11, 12, 13, 14, 49, 50, 52, 55, 68, 76, 77, 79, 108, 134

H

História e cinema 89, 134

Humanismo 77, 79, 80, 81, 82, 83, 87, 88, 134

I

Imagens 47, 90, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 130, 134

L

Literatura e cinema 89, 134

M

Meio ambiente 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 63, 86, 134

Mídia 57, 104, 105, 109, 111, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 122, 123, 134

Mídias digitais 103, 134

Modernidade 2, 3, 4, 6, 12, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 26, 49, 50, 78, 79, 91, 113, 134

Musicoterapia 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 135

N

Nostalgia 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 113, 135

O

Obra lavoura arcaica 89, 135

P

Poder 8, 9, 12, 14, 18, 21, 22, 26, 36, 39, 42, 44, 45, 52, 54, 71, 72, 79, 80, 81, 82, 84, 115, 116, 117, 118, 123, 135

Prática docente 64, 65, 68, 76, 135

Profanação 77, 79, 80, 82, 84, 86, 87, 135

Psicologia 35, 46, 47, 105, 124, 125, 128, 129, 131, 132, 135

Q

Qualidade de vida 28, 29, 30, 31, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 59, 125, 126, 129, 130, 131, 135

R

Realização humana 28, 32, 135

Redes sociais 103, 105, 106, 110, 113, 114, 135

Relação homem-trabalho 28, 30, 32, 41, 46

Religião 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 135

S

Sociedade de consumidores 16, 23, 24, 25, 135

T

Tempo e imagem 89, 135

Tendências pedagógicas 64, 65, 66, 74, 75, 76, 135

Tratamento 37, 41, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 86, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 132, 135

W

Walter benjamin 1, 4, 11, 13, 14, 15, 135

 **Atena**
Editora

2 0 2 0